

# REM

## Tratamento do Acervo do Padre Alfredo Vieira de Freitas com Enfoque nas Recolhas Populares, Oraís e Tradicionais, Madeirenses

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO

**Mariana Lima Rodrigues**

MESTRADO EM LINGUÍSTICA: SOCIEDADES E CULTURAS



UNIVERSIDADE da MADEIRA

*A Nossa Universidade*

[www.uma.pt](http://www.uma.pt)

setembro | 2019

# **Tratamento do Acervo do Padre Alfredo Vieira de Freitas com Enfoque nas Recolhas Populares, Orais e Tradicionais, Madeirenses**

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO

**Mariana Lima Rodrigues**

MESTRADO EM LINGUÍSTICA: SOCIEDADES E CULTURAS

ORIENTAÇÃO

Naidea Nunes Nunes

Maria Fátima Araújo de Barros

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Naidea Nunes Nunes, pela orientação, apoio e direção que me facultou ao longo do estágio e da elaboração deste relatório de mestrado.

Agradeço igualmente à Dr.<sup>a</sup> Maria Fátima Araújo de Barros, orientadora deste estágio na entidade de acolhimento, o Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira (ABM), sendo a sua diretora, que indicou o tratamento do acervo do Padre Alfredo Vieira de Freitas como objeto de estudo para o meu estágio de mestrado.

Agradeço também à Dr.<sup>a</sup> Paula Cristina Freitas Gonçalves, arquivista do ABM, que, juntamente com a sua diretora, me introduziram na inventariação e catalogação de um espólio cujo tratamento estava todo por fazer, dando-me a mão nos primeiros passos da parte prática do trabalho de arquivo.

A toda a minha família, aos meus avós e aos meus pais, que me transmitiram o gosto pelas tradições madeirenses.

Ao meu filho que fez parte de todo este percurso. Ao meu companheiro por toda a paciência, compreensão e apoio nos momentos mais difíceis.

Agradeço também à minha amiga Cristina, pelos momentos de apoio e amizade partilhados.

A todos agradeço todo o carinho e dedicação recebidos ao longo de todo o meu percurso académico.

## RESUMO

Alfredo Vieira de Freitas (AVF) é o autor sobre quem nos vamos debruçar neste relatório de estágio do Mestrado em Linguística: Sociedades e Culturas, devido ao interesse linguístico e sociocultural do seu espólio, abrindo caminho para um melhor conhecimento da sua obra e da sua vida dedicada às recolhas populares, orais e tradicionais, madeirenses.

No relatório é feita uma abordagem à vida e obra de AVF, destacando a sua intervenção pedagógica como professor de Português, motivando os alunos a recolherem contos ou lendas, histórias e quadras populares, como redações a entregar ao professor, que constam do seu espólio, juntamente com outras recolhas manuscritas feitas por si.

O principal objetivo do nosso trabalho de estágio foi inventariar, catalogar, separar, transcrever e sistematizar a grande quantidade e diversidade de manuscritos com recolhas populares do acervo de AVF. Depois, surgiu o desafio de propor uma classificação para os contos e lendas, romances tradicionais e quadras populares, publicados e inéditos, que constam do seu espólio. Finalmente, do confronto entre as versões recolhidas e as publicadas, podemos confirmar a tendência de AVF para a normalização da escrita, não conservando alguns dos traços da fala popular e regional madeirense, nas publicações das composições orais e tradicionais.

Nas recolhas de AVF predominam as quadras populares, algumas das quais publicou em *O Amorno folclore madeirense* e *O Humor no folclore madeirense (do povo e para o povo)*. Seguem-se os contos e lendas populares, alguns publicados em *Era uma vez... na Madeira. Lendas, contos e tradições da nossa terra* (1964) e em *Continhos Populares Madeirenses* (1988). De seguida, destacam-se os romances tradicionais, as adivinhas, as expressões populares, formas da linguagem popular, provérbios e alcunhas coletivas que AVF não publicou.

Com este trabalho, pretendemos contribuir para o tratamento, estudo e divulgação das recolhas populares, orais e tradicionais, madeirenses do acervo de AVF, valorizando-as ao mostrar o seu interesse linguístico e sociocultural, enquanto património linguístico-etnográfico da Madeira e do Porto Santo.

**Palavras-chave:** Espólio de Alfredo Vieira de Freitas; Património linguístico-etnográfico madeirense; Contos, lendas e romances tradicionais; Quadras populares; Adivinhas, expressões populares e provérbios.

## ABSTRACT

Alfredo Vieira de Freitas (AVF) is the author we will focus on this internship report from the Master in Linguistics: Societies and Cultures, due to the linguistic and sociocultural interest of his holdings, paving the way for a better knowledge of his work and life dedicated to popular oral and traditional Madeiran collections.

The report presents an approach to AVF's life and work, highlighting its pedagogical intervention as a Portuguese teacher, motivating students to collect tales or legends, stories and popular songs, such as essays to be given to the teacher, which are contained in his assets, along with other handwritten popular collections he made.

The main objective of our internship work was to inventory, catalog, separate, transcribe and systematize the large number and diversity of popular collection manuscripts from the AVF holdings. Then came the great challenge of proposing a classification for the published and unpublished tales and legends, traditional novels, and popular songs in his assets. Finally, from the confrontation between the collected and published versions, we can confirm the option of AVF for the normalization of the writing, not always preserving the traces of popular and regional Madeiran speech, in the publications of the oral and traditional compositions.

In AVF collections, the popular songs predominate, some of which he published in *O Amor* in Madeiran folklore and *O Humor* in Madeiran folklore (of the people and for the people). Following are the tales and legends, some of them published in *Once upon a time... in Madeira*, legends, tales and traditions of our land (1964), and *Madeiran folk tales* (1988). Then there are the traditional novels, riddles, popular sayings or expressions and proverbs that AVF didn't publish.

With this work, we intend to contribute to the treatment, study and dissemination of popular, oral and traditional collections made by AVF and his students, valuing them by showing their linguistic and sociocultural interest, as a linguistic-ethnographic heritage of Madeira and Porto Santo.

**Keywords:** Collection of Alfredo Vieira de Freitas; Madeiran linguistic-ethnographic Heritage; Tales, Legends and Traditional Novels; Folk Songs; Guesses, Popular Expressions and Proverbs.

“Não há gente culta e gente inculta. A cultura é só uma, tudo o que aprendemos do nascer ao morrer, de nossa invenção ou alheia, sentados nos bancos da escola ou da vida. (...) Há constantes de comportamento que não mudam, que não podem mudar, por sua humana especificidade. (...) Uma história, um provérbio, uma quadra são elementos culturais que, vivos dentro ou fora de nós, desempenham necessariamente uma função vital no complexo a que pertencem (...) Na cultura, como organismo vivo, nada está a mais ou sobra. Tem cada fração, pequena ou grande, um papel a desempenhar.”

Manuel Viegas Guerreiro, *Para a História da Literatura Popular Portuguesa*, 1978, pp. 25 e 31-33.

“Chama-se Etnologia a ciência [sic] que estuda os povos, considerados como unidades ou agrupamentos, por assim dizer, naturais, cuja base está ou na comunidade da origem, ou na dos costumes, ou na da língua, ou na da posição geográfica (...) atende em especial àqueles elementos que, por provirem de épocas afastadas, e terem, de geração em geração, chegado mais ou menos intactos até certo momento (o momento a que se reporta o estudo), se apresentam estacionários, e às vezes em desacordo com a civilização reinante. Na palavra Etnologia, que provém dos temas de duas gregas, *éthnos* «povo», «tribu», e *logos* «palavra», «dissertação», ligados pelo sufixo *-ia*, entra pois sempre a noção do que é tradicional num povo e característico, e também a de espontaneidade e estabilidade.”

José Leite de Vasconcelos, *Opúsculos Volume V. Etnologia*, Parte I, 1938, pp. 4-5.

“Para escrever uma etnografia portuguesa importa, primeiro que tudo, submeter à observação direta e imediata a terra e o povo.”

José Leite de Vasconcelos, *Etnografia* vol. I, 1933, p. 27.

“Acudamos a tudo, enquanto é tempo!”

José Leite de Vasconcelos, 1994, p. 338.

“Nada melhor do que a participação dos representantes do arquivo patrimonial oral para a manifestação cultural de base popular. São ricos testemunhos de natureza linguístico-literária; quase todos eles brotam de um fundo antigo que traz a público composições que emergem não só da remota memória e voz de incidência santanense, mas igualmente da tradição mais vasta da cultura tradicional portuguesa e mesmo ibérica e europeia.”

J. David Pinto-Correia, “Prefácio”, *Tradição Oral de Santana*, 2009, p. xv.

## ÍNDICE

<b>Introdução</b>	8
<b>Capítulo I - Biografia e Bibliografia do Padre AVF</b>	10
1. Biografia	10
2. Bibliografia	11
<b>Capítulo II – Descrição das Atividades de Estágio no ABM</b>	17
1. Catalogação Preliminar e Seleção dos Materiais	17
2. Transcrição dos Manuscritos das Recolhas Populares	19
<b>Capítulo III – Classificação das Recolhas Populares do Padre AVF</b>	21
1. Contos populares	24
1.1. Contos de animais ou de forças da natureza	27
1.2. Contos propriamente ditos	29
1.2.1. Contos maravilhosos	29
1.2.2. Contos religiosos	32
1.2.3. Contos realistas ou novelescos	34
1.2.4. Contos jocosos	37
2. Lendas da Madeira e do Porto Santo	38
2.1. Lendas sagradas	41
2.2. Lendas de forças e seres sobrenaturais	45
2.3. Lendas históricas	47
2.4. Lendas etiológicas	48
3. Romances/rimances tradicionais	49
3.1. Romances novelescos	55
3.2. Romances de assuntos vários	59
3.3. Romances de assunto histórico de contexto peninsular	63
3.4. Romances religiosos	63
4. Quadras populares	64
4.1. Cantigas narrativas	68
4.2. Cantigas de animais	73
4.3. Quadras de queixume	76
4.4. Rimas infantis	77
4.5. Cantigas ao desafio	79
4.6. Quadras de amor	82
4.7. Versos de autor popularizados	88
4.8. Quadras variadas e soltas	93
4.9. Cantigas histórico-políticas	102
4.10. Cantigas da saudade	102
4.11. Quadras religiosas	103
4.12. Composições jocosas	105
4.13. Cantigas do trabalho	112

5. Versos de autor e eruditos	112
6. Outras recolhas	113
<b>Capítulo IV - Discussão dos Resultados</b>	114
1. O Estudo, Descrição e Análise das Recolhas Populares	114
2. Comparação dos Originais Manuscritos com a sua Publicação	118
<b>Considerações finais</b>	123
<b>Bibliografia</b>	127
<b>Apêndices</b>	132
<b>Apêndice I</b>	133
Lista da catalogação preliminar dos documentos do acervo de AVF	133
<b>Apêndice II – Contos e Lendas</b>	139
1. Contos populares	149
1.1. Contos de animais ou de forças da natureza	149
1.2. Contos propriamente ditos	150
1.2.1. Contos maravilhosos	150
1.2.2. Contos religiosos	160
1.2.3. Contos realistas ou novelescos	166
1.2.4. Contos jocosos	172
2. Lendas da Madeira e do Porto Santo	172
2.1. Lendas sagradas	172
2.2. Lendas de forças e seres sobrenaturais	183
2.3. Lendas históricas	189
2.4. Lendas etiológicas	190
<b>Apêndice III – Romances Tradicionais</b>	193
3. Romances/rimances tradicionais	193
3.1. Romances novelescos	193
3.2. Romances de assuntos vários	221
3.3. Romances de assunto histórico de contexto peninsular	232
3.4. Romances religiosos	233
<b>Apêndice IV – Quadras Populares</b>	236
4. Quadras populares	236
4.1. Cantigas narrativas	236
4.2. Cantigas de animais	287
4.3. Quadras de queixume	296
4.4. Rimas infantis	302
4.5. Cantigas ao desafio	310
4.6. Quadras de amor	339
4.7. Versos de autor popularizados	375
4.8. Quadras variadas e soltas	392
4.9. Cantigas histórico-políticas	425
4.10. Cantigas da saudade	428

4.11. Quadras religiosas	431
4.12. Composições jocosas	449
4.13. Cantigas do trabalho	499
5. Versos de autor e eruditos	501
<b>Apêndice V – Outras Recolhas</b>	511
6. Outras recolhas	511
6.1. Adivinhas	511
6.2. Expressões populares	525
6.3. Formas da linguagem popular	533
6.4. Provérbios	534
6.5. Alcinhas coletivas	547
<b>Anexos – Digitalizações</b>	
1. Contos populares	
2. Lendas da Madeira e do Porto Santo	
3. Romances/rimances tradicionais	
4. Quadras populares	
5. Versos de autor e eruditos	
6. Outras recolhas	

## Introdução

Neste Relatório de Estágio do Mestrado em Linguística: Sociedades e Culturas, do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira, damos conta do trabalho desenvolvido no Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira (ABM), no ano letivo 2018-2019. Ao inventário e transcrição das recolhas populares do acervo do padre Alfredo Vieira de Freitas (AVF), seguiu-se o estudo/investigação para a sistematização e classificação dos materiais linguístico-literários e etnográficos da tradição oral madeirense documentados.



Foto 1: Padre Alfredo Vieira de Freitas

Fonte: ABM

A cerimónia do ato de doação ao ABM do acervo de AVF, que estava depositado na Casa da Cultura de Santa Cruz, decorreu no dia 24 de outubro de 2016, com a presença do então Secretário Regional da Economia, Turismo e Cultura e do Presidente da Câmara Municipal de Santa Cruz. Esta doação insere-se no âmbito da missão do ABM, que tem como mote: “salvaguardamos e valorizamos o património documental e bibliográfico da Região”, como podemos ler no seu sítio *online*.

Foram, assim, incorporados os documentos da biblioteca de AVF: “Acervo de grande valor histórico, literário e cultural, constituído por 2256 livros, 81 periódicos e 7 caixotes com documentos que constituem o espólio particular do padre Alfredo Vieira de Freitas” (cf. Webgrafia, “ABM recebeu acervo do padre Alfredo Vieira de Freitas”). Este acervo tem interesse linguístico-etnográfico, tendo em conta as recolhas populares (orais e tradicionais) realizadas por AVF, documentos que propomos estudar durante o nosso estágio. No mesmo lugar, pode ler-se ainda: “Com a assinatura deste contrato, o ABM compromete-se a zelar pela conservação, segurança e tratamento técnico da

documentação entregue à sua guarda. Após tratamento, os documentos ficarão disponíveis ao público na sala de leitura do arquivo”.

Os objetivos definidos para o nosso estágio, no âmbito do tratamento do acervo do padre AVF, com enfoque nas recolhas populares madeirenses, foram: inventariar e catalogar os materiais que constituem o acervo do padre AVF, dando especial atenção aos manuscritos que são recolhas populares; identificar as recolhas feitas, numa primeira abordagem às composições orais e tradicionais, separando-as por gêneros literários e materiais linguístico-etnográficos a estudar; dentro de cada um dos gêneros literários identificados, contos, lendas, romances tradicionais e quadras populares, proceder à sua classificação temática; verificar como as recolhas eram feitas por AVF e pelos seus alunos, ou seja, se existia alguma metodologia de recolha linguística e sociocultural explícita ou implícita, nomeadamente sobre os critérios de recolha e o registo da oralidade na escrita; aferir quais as recolhas existentes no acervo que foram publicadas por AVF, onde, quando e como foram publicadas, designadamente no que diz respeito à normalização da linguagem popular na escrita, procurando explicar essa opção, a partir do próprio processo de recolha; individualizar e descrever cada uma das composições em prosa e em verso transcritas, sobretudo os materiais inéditos, através da sua análise linguística e sociocultural, incluindo as adivinhas, ditos ou expressões populares e provérbios; na medida do possível, aferir quais as composições recolhidas, nas suas múltiplas versões, que já foram documentadas e publicadas por outros autores.

Na sequência destes objetivos e metas que nos propomos atingir com este trabalho de estágio, o relatório do mestrado apresenta a seguinte estrutura: primeiro capítulo, biografia e bibliografia do padre AVF; segundo capítulo, descrição das atividades do estágio no ABM; terceiro capítulo, classificação das recolhas populares do padre AVF – contos e lendas populares, romances tradicionais, quadras populares, adivinhas, expressões populares, formas da linguagem popular, provérbios e alcunhas coletivas; capítulo quarto, discussão dos resultados do trabalho de estágio; considerações finais; bibliografia; apêndice I com a lista de catalogação preliminar dos documentos do acervo de AVF; e apêndices II, III, IV e V com as transcrições dos documentos estudados.

## Capítulo I – Biografia e Bibliografia do Padre AVF

Neste primeiro capítulo, apresentamos a vida e a obra do autor, de forma a melhor conhecermos e compreendermos a grande riqueza e diversidade do seu acervo. Interessamo-nos sobretudo destacar as suas publicações de recolhas populares, visto que o nosso trabalho é dedicado ao estudo dos documentos que registam a tradição oral madeirense.



Foto 2: Desenho de AVF ainda jovem

Fonte: Acervo de AVF

### 1. Biografia

O padre AVF nasceu a 16 de março de 1908 e faleceu em 1993, na freguesia de Gaula, concelho de Santa Cruz, sendo filho de Manuel Vieira de Freitas e de Júlia Baptista da Conceição. Entrou no Seminário Diocesano do Funchal em 1919, pouco depois da Primeira Guerra Mundial. Ainda estudante, foi colaborador da “Mocidade”, órgão mensal da antiga Escola de Artes e Ofícios. Tirou o curso de Humanidades, Filosofia e Teologia, que terminou em 1929. Neste mesmo ano, começou a dar aulas de Língua Portuguesa, tendo poucos anos depois também passado a ser professor de Literatura Portuguesa, no Seminário do Funchal, onde foi professor durante quase cinquenta anos. Nesse ano, foi nomeado Capelão do Coro da Sé do Funchal, tendo desempenhado esse ofício durante quase 25 anos. Foi ordenado presbítero na Sé Catedral a 15 de março de 1933. No mesmo ano, começou a ser Capelão das Irmãs da Apresentação de Maria, no Lactário de assistência às crianças fracas que depois se passou a chamar Escola Maria Eugénia

Canavial, onde colaborou durante 55 anos. A partir de 1968 e durante 10 anos foi professor de Moral e Religião na Escola Preparatória Gonçalves Zarco.



Foto 3: AVF ainda jovem

Fonte: Acervo de AVF

## 2. Bibliografia

O padre AVF, além de ter uma atividade religiosa e docente muito intensa, também viveu com a mesma intensidade a vida literária e a realidade sociocultural da Madeira, o que fez com que publicasse livros de poesia, mas também recolhas de contos e lendas da Madeira, assim como quadras populares do folclore madeirense.

Em 1943, colaborou na *Revista Portuguesa*, na secção intitulada “De vita et moribus”, sob o pseudónimo de Viriato. Em 1949 e nos anos seguintes, foi colaborador da revista *Das Artes e da História da Madeira*, onde teve a secção intitulada “Era uma vez... Contos, lendas e outras tradições madeirenses”. Foi a participação nesta publicação periódica que conduziu à publicação e ao título do livro ***Era uma Vez na Madeira: Lendas, Contos e Tradições da Nossa Terra***, em 1964, no Funchal, edição do autor.

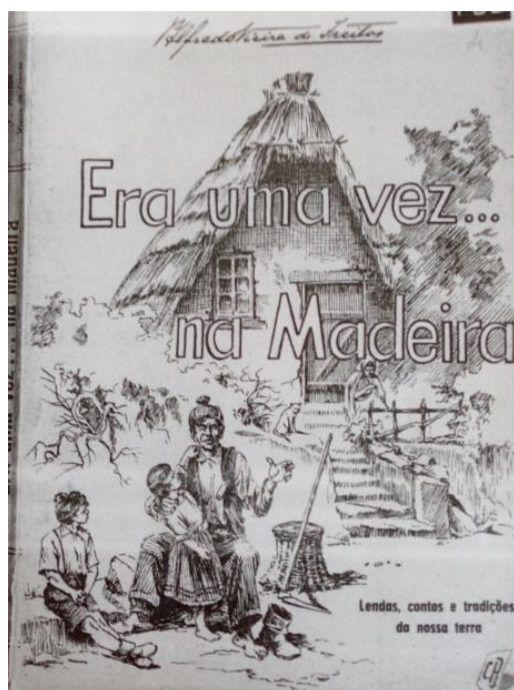


Foto 4: Capa do livro *Era uma vez... na Madeira* de AVF

Esta sua obra teve uma segunda edição feita pela Direção Regional dos Assuntos Culturais (DRAC), em 1984. Em 1964, publicou ainda, em separata, a monografia *Amadis de Gaula - Gaula de Amadis*, “ensaio acerca das influências das novelas de cavalaria na Madeira”, que integra o livro acima referido, como edição de autor, tendo tido uma segunda edição, pela DRAC, em 1984.

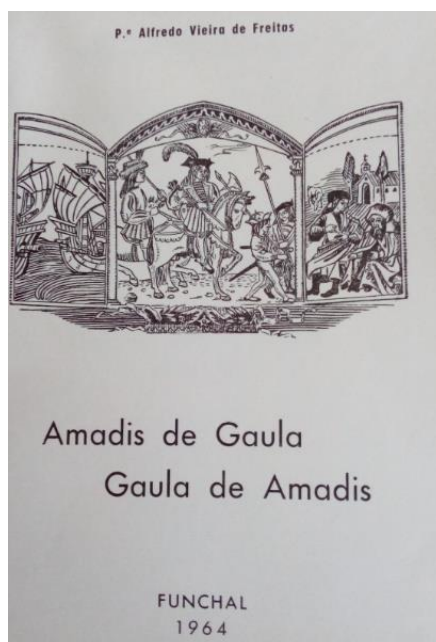


Foto 5: Capa do livro *Amadis de Gaula - Gaula de Amadis* de AVF

O seu interesse pelo folclore madeirense e respetivo trabalho de recolha, levou-o igualmente a publicar algumas recolhas de quadras populares de tradição oral em *O Humor no Folclore Madeirense (versos do povo e para o povo)* e *O Amor no Folclore Madeirense (versos do povo e para o povo)*, em 1988, edições da Junta de Freguesia de Gaula.



Foto 6: Capa do livro *O Humor no Folclore Madeirense* de AVF

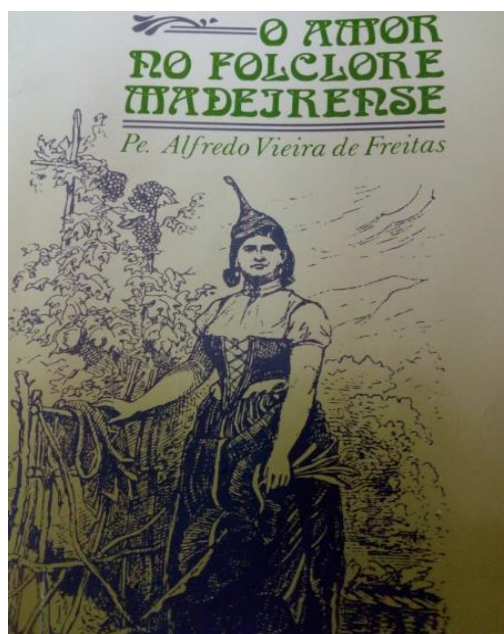


Foto 7: Capa do livro *O Amor no Folclore Madeirense* de AVF

Nesse mesmo ano, foram publicados os *Continhos Populares Madeirenses (Recolha)*, pela Secretaria Regional de Educação do Governo Regional da Madeira. Em 1996, a Secretaria Regional de Educação, com a coordenação da Dr<sup>a</sup>. Maria Teresa

Figueira de Freitas, publica, no Funchal, a **segunda edição** de *Continhos Populares Madeirenses. Folclore Insular. Recolha do Padre AVF*. Não conseguimos consultar a primeira edição desta obra, razão pela qual, neste estudo, utilizámos esta segunda edição.



Foto 8: Capa do livro *Continhos Populares Madeirenses* de AVF

Em 1947, a Câmara Municipal do Funchal publicou o seu discurso intitulado “Mãos Suplicantes”, proferido no 1º de Maio na igreja de Santa Maria Maior. Foi poeta místico, publicando os livros: *Céu de Estrelas (Sonetos)*, em 1948, edição do autor; *Pétalas ao Vento (Poesias líricas)*, DRAC, 1985; e *Flores do Tempo (Sonetos)*, DRAC, 1986. A conferência proferida no Ateneu Comercial do Funchal, “O problema do sofrimento na vida humana”, também foi publicada pela DRAC, em 1984.

Foi jornalista e colaborador no *Jornal da Madeira* com as secções: “Palavras ao Vento” (de dezembro de 1938 a agosto de 1944, onde seriam incluídas as “Impressões de uma viagem à América do Norte”), “Radar” (de janeiro de 1950 a fevereiro de 1953, sob o anagrama de Viriato), “Linha de Rumo” (de novembro de 1956 a junho de 1959, assinada com o anagrama Deodato) e a secção “Vital” (de dezembro de 1960 a abril de 1962, onde foram publicadas as “Impressões de uma viagem ao Brasil”, sob o anagrama de Teófilo), que antecede “Oráculo” (assinada pelo pseudónimo Delfos). A sua participação assídua com textos variados no *Jornal da Madeira* proporcionou a publicação do livro *Linha de Rumo (Pequenos artigos em prosa)*, pela Câmara Municipal de Santa Cruz, em 1988.

No periódico *Santa Cruz*, em setembro de 1988, na peça “Gaula: Padre Alfredo Vieira de Freitas” (p. 3), informa-se sobre a apresentação de 3 livros do autor: *O Amor no Folclore Madeirense* e *O Humor no Folclore Madeirense*, editados pela Junta de Freguesia de Gaula com o apoio do Governo Regional da Madeira e ainda de *Continhos Populares Madeirenses*, edição da Secretaria Regional de Educação. Escreve-se que o Dr. Clemente Tavares considerou a obra de AVF “de valor incalculável para a defesa do património cultural madeirense”. Anuncia-se uma outra obra literária intitulada *Cantigas Populares Madeirenses* de AVF, a ser editada pela Secretaria Regional de Educação, o que não se terá concretizado. O Secretário Regional do Turismo e Cultura também anunciou o compromisso do Governo Regional na edição, no início de 1989, de um novo livro do autor intitulado *O Radar*, com os artigos publicados na secção do *Jornal da Madeira* com o mesmo nome, à semelhança de *Linha de Rumo*.



Foto 9: AVF a falar em público

Fonte: Acervo de AVF

Segundo informação de Fátima Pitta Dionísio, em “Alfredo Vieira de Freitas, o poeta místico (estudo biobibliográfico)”, sobre a obra literária do autor, informa que, “em obras de conjunto”, colaborou em: Clode, Luiz Peter, *Registo biobibliográfico de madeirenses – séculos XIX e XX*, Caixa Económica do Funchal, 1986; Marino, Luís, *Musa Insular (Poetas da Madeira)*, Editorial Eco do Funchal, Funchal, 1959; Idem, *Panorama Literário do Arquipélago da Madeira (Dicionário Biobibliográfico)* e *Adenda* (inéditos); Idem, *Galeria biográfica* (inédito); Idem, *Poetas da Nossa Terra* (inédito); Idem, «Plumitivos da Pérola do Atlântico» (inédito); Porto da Cruz, Visconde do, *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira*, Câmara Municipal do Funchal, 1953, vol. III; Vieira, Gilda França e Freitas, António Aragão de, *Madeira – Investigação bibliográfica (Catálogo onomástico)*, Centro de Apoio de Ciências Históricas, DRAC,

Funchal, 1981. Em nota, indica ainda que, em 1969, participou na publicação de Américo Lopes Oliveira com o título *Arquipélago da Madeira - Epopeia Humana*, publicado em Braga pela Editora Pax.

Fátima Pitta Dionísio escreve que AVF “sonha ainda dar à estampa vários inéditos: um livro de antropónimos (significado dos nomes próprios), um de quadras populares (recolha junto do povo), um de rezas antigas (como o povo antigamente rezava) e *Radar* (no género de *Linha de Rumo*). Este sonho não se terá concretizado devido à já avançada idade de AVF.



Foto 10: AVF já idoso, na sua casa, em Gaula  
Fonte: Acervo de AVF

Após a sua morte, em 2009, Duarte Mendonça editou o livro *Impressões de uma viagem à América. Pe. Alfredo Vieira de Freitas*, transcrevendo e comentando as crónicas de viagem do autor. Em 2011, foi publicado o livro *Conto I. A Lenda das Amoras* com autoria de Leonel Correia da Silva, como resultado do I Concurso Literário Nacional Padre Alfredo Vieira de Freitas, Conto Infantil, pela Junta de Freguesia de Gaula e Centro de Estudos de Arqueologia Moderna e Contemporânea (CEAM), sendo a criação deste concurso uma forma de homenagear AVF.

## **Capítulo II – Descrição das Atividades de Estágio no ABM**

Dada a existência do protocolo de estágio estabelecido entre a Universidade da Madeira, no âmbito do 2º Ciclo em Linguística: Sociedades e Culturas, e a Direção Regional da Cultura (DRC), assinado a 04-12-2017, e o nosso interesse pelo trabalho no Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira (ABM), escolhemos este local como entidade de acolhimento para o estágio do referido mestrado. Tivemos como orientadoras do estágio a Professora Doutora Naidea Nunes Nunes da Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira e a Dr.<sup>a</sup> Maria Fátima Araújo de Barros, Diretora de Serviços da entidade de acolhimento. De entre as várias opções de trabalho de acervos de várias personalidades/escritores e investigadores madeirenses, que foram integrados no ABM, foi escolhido o do padre Alfredo Vieira de Freitas (AVF), pelo seu interesse linguístico e sociocultural.

### **1. Catalogação Preliminar e Seleção dos Materiais**

Aceitámos o desafio de contribuir para a inventariação e catalogação dos 7 caixotes do espólio particular de AVF, contribuindo para o tratamento técnico deste por parte do ABM, de modo a possibilitar o seu posterior estudo por nós, tendo em vista o interesse linguístico e sociocultural das recolhas populares, orais e tradicionais madeirenses, empreendidas por AVF. O período de estágio foi de 640 horas de trabalho, de setembro de 2018 a junho de 2019, conforme estabelecido no regulamento de estágio do 2º Ciclo em Linguística: Sociedades e Culturas. Seguiu-se a investigação/estudo sobre os materiais das recolhas populares do acervo de AVF, em julho e agosto de 2019, para a redação deste relatório de estágio do mestrado.

Depois do trabalho prévio de prospeção dos materiais de 7 caixotes do acervo de AVF, realizado em junho e julho de 2018, com a Dr.<sup>a</sup> Fátima Barros, a Dr.<sup>a</sup> Paula Cristina Gonçalves e a Doutora Naidea Nunes, de forma a conhecermos a documentação existente para elaboração do nosso projeto de estágio, os materiais passaram por um processo de limpeza na câmara de purga do ABM, antes de serem objeto de tratamento arquivístico. Pela riqueza e diversidade do acervo do autor, foi muito difícil e moroso fazer a separação de todos os documentos contidos em sete grandes caixotes. Este foi o primeiro passo necessário para a inventariação, tratamento e posterior catalogação do mesmo. No acervo do autor, além de livros da sua biblioteca (monografias ou livros, periódicos e material não livro), encontramos uma grande quantidade de correspondência trocada com vários amigos e antigos alunos que, entre outros assuntos, lhe enviavam recolhas populares que faziam a seu pedido, dado o seu interesse pela cultura popular madeirense. Encontramos também muitos apontamentos sobre bibliografia madeirense, recortes de imprensa sobre diversas temáticas, sobretudo do âmbito sociocultural ou de intervenção político-social da Madeira, documentação pessoal da sua atividade docente, bem como da sua atividade

literária, a par de documentação eclesiástica, documentação de viagens, álbuns de fotografias e iconografia variada.

A título de exemplo, enunciamos alguns dos documentos de AVF que tivemos de excluir do nosso trabalho: o seu *curriculum vitae*, textos de homenagem e recortes de jornais sobre si, um diário pessoal, cadernos de apontamentos pessoais numerados, cadernetas e matrículas de várias associações a que pertencia, diplomas e cópias de diplomas, cadernos de apontamentos de receitas e despesas, rascunhos de textos de reflexão e de cartas, cadernetas de endereços diversos, rascunho do seu testamento, caderneta de cheques, documentos relativos a viagens e recibos diversos, correspondência recebida, publicações recebidas, documentos judiciais, listas de títulos literários, documentos de identificação pessoal, textos poético-religiosos da sua autoria, poemas manuscritos, contos de Octávio de Marialva publicados numa revista norte-americana e numa revista de Estocolmo, recortes de jornais diversos, poemas, teses de literatura portuguesa, ensaios, desabafos religiosos, compilação das suas crónicas publicadas em periódicos, cadernos do curso de Teologia, caderno de crónicas manuscritas, cadernos de poemas manuscritos, dossiês de documentação variada, provas para a revisão da publicação dos seus livros, listas de ofertas dos seus livros, sonetos e crónicas publicados, recortes do *Jornal da Madeira*, folhetos diversos, recortes de poesias, um cancionário religioso, uma caixa com redações dos seus alunos, publicações e correspondência de vários autores (incluindo de Joanne B. Purcell, “A riqueza do romanceiro e outras tradições orais nas ilhas dos Açores”, separata da revista *Atlântida*, vol. xiv, nº 4-5, Angra do Heroísmo, 1970), capa de uma gramática portuguesa com título manuscrito “provincianismos, palavras, expressões e frases populares madeirenses”, fotografias de presépios, caderno com resumo da história eclesiástica, um diário espiritual, cadernos com apontamentos variados, folhas soltas com dados pessoais e avaliação dos seus alunos, livrinhos das turmas com fichas individuais dos alunos, livrinhos de Religião e Moral com os dados dos alunos e respetivas avaliações, um arquivo de documentos da Escola Preparatória Gonçalves Zarco, diversos exames escritos de Literatura Portuguesa e de Português, apontamentos sobre conferências e prólogos da sua autoria, livros com colagens de recortes de jornais, recortes de jornais sobre escritores madeirenses, várias cartas pessoais e religiosas e diversos bilhetes postais, estudo bio-bibliográfico sobre Octávio de Marialva de Fátima Dionísio datado de 1989, catálogos de exposições, lembranças sacerdotais, negativos de fotografias e álbuns de fotografias diversas.

De setembro a dezembro de 2018, fizemos trabalho arquivístico, a organização e inventariação preliminar do arquivo de AVF, isto é, uma listagem ou proposta de catalogação da documentação do acervo de AVF que será utilizada na organização do seu arquivo pelo ABM, processo iniciado pela Dr.<sup>a</sup> Paula Cristina Gonçalves. Com a sua orientação, continuámos este trabalho que resultou na lista dos documentos arquivados em 33 caixas de cartão usadas para arquivo, com capilhas e a respetiva numeração, como podemos ver no Apêndice I. Nesta catalogação, não se procedeu à separação dos diferentes tipos de documentos existentes no espólio de AVF. O facto de não ter existido

uma separação inicial da documentação por tipos de documentos fez com que não tivéssemos noção da grande quantidade de textos das recolhas populares com interesse linguístico e sociocultural a estudar.

Terminada esta atividade, passámos ao momento de seleção dos materiais das recolhas da tradição oral a transcrever e a estudar, de entre o grande volume de materiais diversos listados. Identificámos estes documentos, que transcrevemos nos Apêndices II, III, IV e V, indicando os números das caixas e das respetivas capilhas onde se encontram, de modo a solicitarmos a sua digitalização ao ABM, obtida em janeiro de 2019. Começámos, então, a transcrição dos documentos manuscritos selecionados: contos e lendas populares, romances ou rimances tradicionais, quadras populares, adivinhas, expressões populares e formas da linguagem popular, provérbios e alcunhas coletivas ou gentílicos.

## **2. Transcrições dos Manuscritos das Recolhas Populares**

De janeiro a junho de 2019, procedemos à transcrição e separação dos vários tipos de materiais das recolhas populares do acervo em diferentes ficheiros Word, de modo a podermos ter uma noção da quantidade de contos, lendas, romances tradicionais, quadras populares, adivinhas, linguagem popular e provérbios a estudar. Quando nos apercebemos da grande quantidade, extensão e dimensão, dos vários tipos de documentos manuscritos a transcrever, decidimos excluir as orações. Continuámos a transcrever os outros tipos de recolhas orais, até nos apercebermos de que só a transcrição e estudo das quadras populares, pela sua quantidade e diversidade, teriam sido suficientes para a realização do nosso estágio. Contudo, procurámos transcrever o máximo de documentos que nos foi possível (contos, lendas, romances, quadras populares, adivinhas, expressões populares, formas da linguagem popular, provérbios e alcunhas coletivas), dada a importância de individualização e descrição destes materiais para o ABM.

Os textos foram transcritos respeitando a grafia original dos documentos manuscritos. Utilizamos sic (entre parêntesis retos) para informar que as palavras se encontram escritas nos originais tal como foram transcritas e ponto de interrogação (entre parêntesis curvos) sempre que existem dúvidas na transcrição de uma palavra. No caso de algumas palavras que se encontram a vermelho, estas estão assim registadas nos manuscritos das recolhas. A transcrição dos documentos foi feita a partir da digitalização dos mesmos, facilitando o acesso e manuseamento dos materiais na demorada e pormenorizada tarefa de passagem dos textos manuscritos para formato digital. Assinámos um termo de responsabilidade para com o ABM na cedência das reproduções das imagens dos documentos já catalogados, em suporte digital, com utilização das imagens exclusivamente para este estudo/investigação, não as cedendo a terceiros, e comprometendo-nos a indicar sempre a pertença dos documentos à instituição.

Deste modo, nos apêndices, as transcrições das composições aparecem identificadas com o número da fotografia do documento digitalizado e o número da caixa e capilha em que se encontra no ABM. Quando chegámos ao mês de junho de 2019, vimos que seria impossível continuar a transcrever os materiais que ainda faltavam. Pois, tínhamos de dedicar o restante tempo disponível à descrição e análise das composições linguístico-literárias e etnográficas transcritas. Assim, nos meses de julho e agosto de 2019, dedicámo-nos às descrições (título e resumo) dos textos transcritos que serão adaptadas pelo ABM às normas ISAD(G) e inseridas na plataforma Archeevo, a que se associarão as respetivas imagens dos documentos descritos, para a sua disponibilização ao público. Seguiu-se a investigação/estudo para a classificação dos materiais transcritos, proposta de classificação das recolhas do acervo de AVF que será utilizada na organização do seu arquivo pelo ABM, sendo um contributo para a organização global do espólio e para a descrição dos documentos.

Posto isto, após a investigação sobre os vários géneros da literatura oral e tradicional portuguesa e madeirense, e a classificação temática dos vários tipos de composições dentro de cada um dos géneros, iniciámos a redação do relatório de estágio do mestrado, elaborando as descrições dos diferentes documentos transcritos. Ficámos com muito pouco tempo disponível para procedermos à análise linguística da enorme quantidade de materiais transcritos: contos e lendas populares, romances tradicionais e quadras populares, bem como adivinhas, expressões populares, formas da linguagem popular, provérbios e alcunhas coletivas. Contudo, sempre que possível, em cada uma das descrições dos textos transcritos damos conta da ocorrência de formas da linguagem popular e da linguagem regional madeirense, chamando à atenção para o interesse linguístico e sociocultural das composições em verso e em prosa, na medida em que documentam a língua falada e a realidade da sociedade e da cultura madeirense, sobretudo o quotidiano das populações rurais. Fizemos ainda o confronto entre os originais manuscritos, transcritos nos apêndices, e as publicações feitas por AVF das recolhas populares, em notas de rodapé, anotando a existência de variantes linguístico-discursivas entre algumas versões originais e a sua publicação, de forma a observarmos as alterações introduzidas por AVF.

Não sabemos quais terão sido os critérios utilizados no trabalho de campo para as recolhas populares promovidas por AVF. Além dos locais, datas das recolhas e nomes dos coletores (no caso das recolhas feitas pelos seus alunos), não temos indicações sobre os informantes, sabendo que se trata de pessoas idosas que, na época, normalmente eram analfabetas, naturais das localidades onde foram feitas as recolhas. Os manuscritos originais das recolhas mostram-nos como era feito o registo das composições orais na sua passagem da fala para a escrita.

Concluimos o nosso trabalho do estágio de mestrado no mês de setembro de 2019 com a revisão da redação e a entrega deste relatório de estágio do mestrado.

### Capítulo III - Classificação das Recolhas Populares do Padre AVF

As recolhas populares do acervo do padre AVF são contos, lendas e romances tradicionais, assim como quadras populares, adivinhas, expressões populares e provérbios. Trata-se de um conjunto de recolhas numeroso e diversificado com interesse linguístico-etnográfico, na medida em que são reflexo da realidade histórica e sociocultural madeirense, documentando composições em prosa e em verso da tradição oral que tendem a desaparecer com o desenvolvimento das sociedades modernas. Por isso, podemos dizer que se trata de um importante património linguístico-etnográfico madeirense. Segundo Rebelo (2014), o Património Linguístico Madeirense é constituído por usos linguísticos antigos, especialmente regionalismos, que as novas gerações não usam ou apenas reconhecem como sendo dos seus avós ou bisavós. Neste caso, são manifestações de um património linguístico-literário e cultural ou etnográfico de tradição oral do povo madeirense que apenas os falantes mais idosos conhecem.

Trata-se do uso de linguagem regional e de linguagem popular, a língua falada pelo povo, a saber, a camada menos escolarizada e menos favorecida da população, na maior parte das vezes residente nos meios rurais mais isolados e que, por isso, conservam no seu falar formas antigas e com alterações fonéticas da língua, que se afastam da norma da escola. Paiva Boléo, sobre o interesse científico da linguagem popular, que considera ser um tesouro da Língua Portuguesa, escreve:

O linguista ou o filólogo não se ri de certos vocábulos e expressões populares; por muito estranhos e adulterados que lhe pareçam, teem quási sempre a sua razão de ser. (...) A recolha dos falares do nosso povo, não me canso de o repetir, é da maior importância e urgência. Seria para desejar que, neste país de historiadores, surgisse também uma pléiade numerosa de investigadores com vontade de se consagrarem ao estudo da linguagem popular. (1942: 130 e 133)

Os contos, lendas e romances tradicionais, assim como as quadras populares, pertencem à chamada “Literatura Popular Tradicional” ou “Literatura Memorial” que inclui a Literatura Tradicional Oral e os textos da Literatura Tradicional Escrita. Estes textos são um património cultural imaterial de cariz oral que inclui as adivinhas, fórmulas encantatórias, lengalengas, orações e provérbios. As adivinhas, os provérbios, as lengalengas, as orações e os romances, assim como as cantigas populares, geralmente, ocorrem em verso. Os contos e as lendas são textos em prosa que apresentam maior variabilidade na sua extensão e conteúdo, pois estão mais dependentes do seu transmissor (contador/informante) e do seu contexto.

Pinto-Correia (cf. webgrafia) apresenta uma sistematização e classificação do “património imaterial português”, que podemos resumir do seguinte modo: “Géneros prático-utilitários”, onde se incluem os “Géneros de intenção mágica e/ou religiosa” (por exemplo as orações), “Géneros de Sabedoria” (provérbios, máximas, adágios e outros da

Paremiologia, assim como ditos e expressões estereotipadas ou populares) e «Gêneros meramente utilitários» (designadamente o pregão); “Gêneros de caráter lúdico”, onde se enquadram as rimas infantis, as cantigas ou quadras populares, religiosas ou profanas, e as adivinhas e enigmas; dentro do “Modo narrativo/narrativo-dramático”, encontramos as lendas e os contos, a par dos “romances antigos tradicionais”, “romances vulgares” e “cantigas narrativas”, entre outros. Considera ainda a existência de composições que são “Gêneros de experiência vivida” (história de vida, caso acontecido e varia). No modo dramático, apresenta os “gêneros registadores do quotidiano” (representação e diálogo) e os “gêneros críticos (satíricos e paródicos)”, onde inclui a entremez, a cegada e o testamento. Seguem-se os “Gêneros de práticas quotidianas” (práticas de cura, benzedura e mezinhas), os “Gêneros/Práticas utilitários de gastronomia/alimentação” (receitas, bebidas e utilidades), os “Gêneros/Práticas lúdicos/jogos (descrição de jogos)”, ou seja, os jogos infantis e jogos tradicionais de adultos e “Varia”, uma classe aberta.

Os contos e as lendas populares podem apresentar diferentes versões, no entanto, todas elas obedecem a regras estabelecidas pela tradição, podendo sofrer algumas transformações sem alterar o sentido a ser transmitido. Esta literatura popular tradicional é assim chamada por ser anónima, ou seja, sem autor, uma vez que se trata de um património comum que se vai transmitindo ao longo das gerações, com uma parte fundamental invariante e com variação de pormenores, constituindo, assim, várias versões do mesmo conto, lenda e romance tradicional, variantes que são particularidades narrativas e discursivas de cada versão. Daí a importância do registo das múltiplas versões existentes de uma mesma narrativa, sendo possível comparar as versões publicadas com versões inéditas. Por isso, é importante registar o local de recolha, a data e dados sobre o informante e o coletor. O acervo de AVF mostra que este tinha a preocupação de fazer a recolha de várias versões dos mesmos textos orais, registando o local da recolha.

Faria (2009) indica que para se poder qualificar um texto como “Literatura Popular” há que ter em atenção três fatores: o modo de transmissão, a forma de expressão e o uso feito pela comunidade. Segundo o autor, a transmissão passa sempre pela via oral, por pertencerem ao domínio da memória oral, apesar de alguns textos atualmente chegarem até nós sob a forma de registo escrito. A sua passagem para a escrita torna-se indispensável, na medida em que se isso não acontecer corremos o risco de perder esse repositório memorial de textos. No que diz respeito à sua forma de expressão, a “Literatura Popular de Transmissão Oral” está dependente dos espaços geográficos em que ocorre, bem como dos seus contadores. Isto significa que a forma como o contador sentiu o texto e a situação real que vivencia vai influenciar a sua transmissão do mesmo. Por isso, Faria (2009) refere Alexandre Parafita que defende que as versões que chegam até nós, após viajarem por diferentes épocas, podem servir como objeto de estudo para os etnólogos, antropólogos, linguistas e outros investigadores. Faria (2009), por último, menciona o uso que a comunidade dá aos textos, dependentes do contexto mas também do momento em que ocorrem, ou seja, cada comunidade e/ou ouvinte terá uma receção própria do conto.

Faria (2009) sublinha a importância da investigação de Leite de Vasconcelos, a partir de finais da década de 70 do século XIX, que incita ao trabalho de recolha, investigação e divulgação da literatura popular, incluindo a investigação das tradições populares, em concordância com o que se fazia na Europa, no âmbito dos estudos da literatura popular e da etnografia. Leite de Vasconcelos, na primeira metade do século XX, apresenta já a investigação da literatura popular como sendo uma atividade científica. Ele percorreu o país recolhendo diretamente, junto das populações locais, tudo o que tinham a contar, com a preocupação de transcrever sem nada alterar das particularidades fonéticas das falas regionais, respeitando também a fraseologia popular, destacando o valor histórico e linguístico da literatura oral. AVF procurou fazer o mesmo, valorizando todo o repertório da literatura popular madeirense.

Como escreve Nunes (2016: 93), atualmente, as narrativas tradicionais voltam a ganhar nova vida, designadamente

com o Centro de Tradições Populares Portuguesas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, através das recolhas efetuadas por estudantes universitários, incentivadas pelo Professor Pinto-Correia, no âmbito do ensino e investigação em Literatura Oral e Tradicional, num total de cerca de 13.000 versões de vários géneros, sistematizados e classificados no Arquivo Digital de Literatura Oral Tradicional (ADLOT), concluído em 2013-2014, assim como com as recolhas do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (IELT) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Destaca-se também a recente publicação em livro de recolhas literárias, linguísticas e etno-antropológicas, como é o caso do *Catálogo dos Contos Tradicionais Portugueses* (em dois volumes, com as versões análogas dos países lusófonos, “abrindo a porta à realização de novos estudos sobre a herança cultural do país e a tradição oral portuguesa”) de Isabel Cardigos e Paulo Correia da Universidade do Algarve e a disponibilização da plataforma digital de divulgação da “literatura memorial” (expressão de Diego Catalán), em *Romanceiro.pt*, também da Universidade do Algarve, com a coordenação de Pere Ferré, resultante do projeto “O Arquivo do Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna (1828-2010): sua preservação e difusão”. Trata-se de um arquivo do romanceiro português no contexto ibérico e no âmbito da literatura patrimonial portuguesa, nomeadamente do romanceiro de tradição oral, incluindo versões de romances editados desde o século XIX até aos nossos dias.

Neste sentido, o padre AVF, tal como Leite de Vasconcelos, foi um grande coletor da etnografia popular madeirense enquanto herança cultural da tradição oral, neste caso do povo da Madeira. As recolhas deste património começaram a surgir no século XIX, na sequência do Romantismo, em que houve grande interesse pelos costumes, tradições e literatura popular, bem como preocupação com a definição e preservação de identidades nacionais, como se verifica na obra de Garrett e Herculano, entre outros. Na primeira metade do século XIX, a designação de etnografia, derivada do nome grego traduzível como “raça” e “povo”, já começava a ser usada em Portugal, o que é verificável com a

publicação do livro *Etnografia* de Leite de Vasconcelos, em 1933. Esta visava estudar aspetos da cultura material, das práticas, costumes e tradições orais, das crenças do chamado povo (os membros mais humildes da sociedade). Pois, este constituía o depositário mais fiel do que havia de especificamente nacional na sociedade portuguesa. Segundo Leite de Vasconcelos (1980 [1933]: 2), a etnografia é a ciência que se dedica a "examinar o que é que dá índole e coesão a um povo e o distingue de outro".

## 1. Contos populares

O movimento literário do Romantismo promove as recolhas de contos populares, sendo, em Portugal, seus representantes, por exemplo, Almeida Garrett e Alexandre Herculano. Na área da Filologia, associada à Etnografia, destacamos as recolhas de Leite de Vasconcelos e de Adolfo Coelho. Leite de Vasconcelos, em *Tradições populares de Portugal*, apresenta um sentido amplo do conceito de tradição, que inclui o que se entende por folclore (literatura, costumes, crenças, música e dança), mas também outras atividades que pertencem à vida material. Nas suas recolhas, procura reproduzir, com rigor, por escrito a língua popular, incluindo os particularismos regionais. Deste modo, Leite de Vasconcelos mostra a importância da recolha das tradições populares, porque manifestam o modo como o povo encara a natureza e vive em sociedade, elucidando-nos sobre o passado, e “revelam processos naturais e formas arcaicas e dialetais da linguagem” (1986:31). O autor menciona não ter alterado nada do que recolheu, indicando o nome das terras em que as tradições foram ouvidas, referindo, no entanto, que estas pertencem a muitas outras terras.

No que se refere aos contos populares, segundo Leite de Vasconcelos (1966: xi), “[...] em princípio não têm local nem data; não se enquadram em qualquer período da História; podem não ter maravilhoso; e, quando verosímeis, não se lhes reconhece autenticidade [...]. Mas o que fundamentalmente distingue o conto é a existência dum objectivo: moralizador, social, político, satírico, etiológico ou distractivo”. Nunes (2016) regista que os contos de tradição oral são narrativas em prosa que seguem uma fórmula ou tema, tendo origem indo-europeia, que se adaptaram a diferentes áreas culturais. Logo, são contos universais, que ultrapassam fronteiras linguísticas e geográficas, embora possam existir ecotipos, tipos de contos próprios de uma região. Existem motivos tradicionais e regionais e ligações com outros contos, ou seja, vários tipos de contaminação, pois “quem conta um conto, acrescenta um ponto”.

Faria (2009), a propósito da classificação e catalogação do conto popular português, parte das classificações internacionais para as classificações nacionais, procedendo a comparações e avançando com propostas de novas designações tipológicas. Como refere o autor, tanto no prefácio como na parte da transcrição dos contos, Adolfo Coelho não se ocupa de variantes nem se preocupa com a classificação dos contos. Faria (2009), tendo por base a classificação internacional de Aarne-Thompson e aperfeiçoada por Hans-Jörg Uther – ATU (2004), os contos populares portugueses distribuem-se pelos tipos seguintes: Contos de Animais (*Animal Tales*), Contos Maravilhosos (*Tales of*

*Magic*), Contos Religiosos (*Religious Tales*), Contos Sentimentais (*Realistic Tales – Novelle*), Contos do Ogre Estúpido (*Tales of the Stupid Ogre*), Contos Jocosos (*Anecdotes and Jokes*), Contos Enumerativos (*Formula Tales*), Combinações Híbridas, Sem classificação. Assim, Faria (2009) declara que os contos populares portugueses, geralmente, correspondem à tipologia internacional, como o demonstraram Uther em *The Types of International Folk tales. A Classification and Bibliography* (2004) e Cardigos no *Catalogue of Portuguese Folk tales* (2006).

Faria (2009) constata a predominância dos contos maravilhosos, dos contos sentimentais e dos contos jocosos. Indica que muitos dos contos maravilhosos e sentimentais foram classificados por Teófilo como «Contos de Fadas e casos da tradição popular» e «Contos e facécias da tradição popular». Os contos jocosos encontram correspondência tipológica nos «Casos e facécias da tradição popular» e nas «patranhas». Seguidamente, assinala os *Contos Populares e Lendas*, coligidos durante quase setenta anos, diretamente ou com a colaboração de amigos, alunos e correspondentes amáveis, por Leite de Vasconcelos, que nunca chegou a classificá-los, tendo sido publicados postumamente. De igual forma, AVF recolheu e incentivou os seus amigos, conhecidos e estudantes a fazerem idêntica recolha. Publicou os contos e lendas recolhidos em *Era uma vez... na Madeira. Lendas, contos e tradições da nossa terra*, edição do autor de 1964, sem ter feito a sua classificação temática.

Os contos populares, tal como as restantes recolhas do acervo de AVF, foram coligidos sobretudo pelos seus alunos que frequentavam o Seminário do Funchal. AVF incentivava-os a fazerem as recolhas nas suas localidades, principalmente durante as férias escolares. Estes, tal como as lendas, os romances de tradição oral, as quadras populares, as adivinhas e as expressões populares, constituem um património linguístico madeirense que, por sua vez, é Património Cultural Imaterial (PCI). A convenção da UNESCO para a salvaguarda deste património foi instituída em Paris, no ano de 2003. Esta, no seu artigo 2, ponto 1, define PCI como os usos, representações, expressões, conhecimentos e técnicas, juntamente com os espaços culturais, transmitidos e recriados de geração em geração, sendo parte integrante da identidade de uma comunidade, neste caso como património cultural madeirense. Este património, que se encontra nas recolhas do acervo de AVF, é muito importante pelo facto de ter sido recolhido nos anos 40, 50 e 60, sendo testemunho das tradições orais da época, salvaguardando-as e permitindo compará-las com as recolhas atuais feitas pela Associação Musical e Cultural Xarabanda, para a salvaguarda deste PCI e promoção da sua riqueza, enquanto herança cultural.

Propomos uma classificação temática dos contos populares, seguindo a tipologia de Isabel David Cardigos e Paulo Jorge Correia, da Universidade do Algarve, Centro de Estudos Ataíde de Oliveira (criado em 1997), utilizada no arquivo e catálogo da literatura oral tradicional portuguesa – contos e lendas, que segue a ordem estabelecida pela classificação Aarne – Thompson – Uther, traduzida e adaptada para Português: **I. “Contos de animais” (e seus tipos particulares); II. “Contos propriamente ditos” - com as subsecções “Contos maravilhosos”, “Contos religiosos”, “Contos**

**realistas ou novelescos**”, “**Contos do gigante (diabo) estúpido**”; III. “**Contos Jocosos**” - contos normalmente breves que relatam situações com desenlace cómico; IV. “**Contos formulísticos**” - que refletem uma clara vinculação ao cancionero tradicional, nalguns casos. Seguimos, na medida do possível, esta classificação temática para os contos populares madeirenses encontrados no acervo de AVF.

Os **contos de animais ou de forças da natureza** apresentam características de domínio e submissão, em que o animal mais fraco vence o mais forte ou objetos que se comportam como pessoas e forças da natureza personificadas. Os **contos maravilhosos** são os mais complexos e com maior interação do herói ou heroína, em que há um périplo do herói que passa por muitas dificuldades e, no fim, há um casamento com a realeza – “rise tales” ou “contos de ascensão” – “from rat to richness, through magic and marriage”. Por sua vez, os **contos realistas ou novelescos** são histórias de piratas, de ladrões que roubam as donzelas, de covis com elementos nada fantasiosos, enquanto os **contos do gigante estúpido** também incluem os do empregado que vira o bico ao prego e arranja maneira de pôr o patrão ou o diabo a fazer o trabalho e de mulheres que enganam o diabo. Quanto aos **contos religiosos**, em que, como o próprio nome indica, a temática é religiosa, trata-se da vida de santos, de Nossa Senhora e do Menino Jesus, estes parecem confundir-se com as «lendas sagradas».

Paulo Jorge Correia é o autor da entrada “Conto de tradição oral” (2016), no *Dicionário Enciclopédico da Madeira*, projeto Aprender Madeira. Informa que o “Arquipélago da Madeira conta até agora com 90 contos-tipo, parcela deveras pequena se a compararmos ao universo dos contos portugueses que possui 1013 contos-tipo”. Segundo o autor, a partir das recolhas existentes de contos tradicionais madeirenses, predominam os contos maravilhosos, apesar de ainda existir pouca informação disponível. Dá como exemplos de contos: “Histórias de Bisbis (III)” (Funchal, Ernesto Gonçalves, 1969); “A Esperteza de um Rato” (Machico, A. Vieira de Freitas, 1996); “Ui Lhadrõ e ui Fios” (Calheta, Soromenho, 1986) e “A Maria da Vaquinha”, versão madeirense da “Gata Borralheira” (cf. “Conto oral tradicional”, Webgrafia). Nunes (2016) constata que os contos complexos (maravilhosos e novelescos) são os preferidos pelos contadores e ouvintes.

Moutinho, no seu livro *Contos Populares das Ilhas da Madeira e do Porto Santo*, na nota de abertura, apresenta a definição do vocábulo conto como “relato de factos, de acontecimentos imaginários, destinado a distrair” (2011: 13). Acrescenta que

na Renascença tinha um duplo sentido: o das coisas inventadas e o das coisas verdadeiras. Já no sentido restrito da expressão conto popular, ou conto tradicional, é aquele que «se diz e se transmite oralmente». Ora, o conto, nesta aceção, esteve no início, tal como a poesia popular, ligado à criação do povo. [...] o conto popular que tratamos nesta coleção madeirense procede, pelo menos em princípio, da criação popular, pois há muito que lhe desconhecemos a autoria, a ponto de – no princípio de quem, por norma popular quase canónica!, conta um conto lhe acrescenta um ponto – existirem

várias versões regionais e alguns destes serem versões de outros contos continentais. (2011: 13)

Sobre a tipologia dos contos, salienta a sua diversidade: “contos de bruxas, religiosos, novelescos, de gigantes, de fadas, contos sem fim, de enganos, divertidos (quase meras anedotas), etc. Alguns chegam a ser mistos, entrosando os géneros numa total sem-cerimónia.” (2011: 13). O autor funde versões dos contos, “mostrando a permeabilidade da tradição oral madeirense” (2011: 14). Pretende, assim, “apresentar de modo sistemático, pela divisão dos atuais municípios, os contos populares, ou tradicionais, até agora recolhidos em outras coletâneas e monografias” (2011: 14). Termina manifestando interesse em continuar o trabalho de campo, com vista à ampliação das recolhas, agradecendo a eventual colaboração dos leitores que queiram enviar-lhe “materiais que possam ser tomados em consideração” (2011: 14). Também AVF, enquanto pioneiro nestas recolhas, aceitava a colaboração de várias pessoas que o ajudavam a recolher contos e lendas populares madeirenses, anotando a localidade da recolha. Somos confrontados com várias versões dos mesmos textos recolhidos na mesma e em diferentes localidades, publicando, geralmente, apenas uma versão, reescrita por si.

Por vezes, surgem-nos muitas dúvidas na separação dos textos que são contos sobretudo das lendas, mas também dos romances tradicionais. Além disso, muitas composições em verso são cantigas narrativas, recolhidas como histórias ou contos. Geralmente, não incluímos estas composições no género conto, por não serem textos em prosa, mas o caso da Foto nº 2471 a 2473, Caixa nº 12.3, texto oral recolhido nos Prazeres (Calheta), sem nome, que narra a estória conhecida por «Maria da Vaquinha», uma versão madeirense (ou portuguesa) da «Gata Borracheira», é uma exceção. Esta composição em verso mostra que alguns contos originalmente seriam versificados com rima. Outra dificuldade foi a proximidade entre o chamado conto formulístico e alguns temas do cancionero tradicional. Neste caso, classificámos essas composições como versos ou quadras populares. Falta uma reflexão crítica acerca destes fenómenos, ou seja, das fronteiras entre os géneros literários de tradição oral.

### **1.1. Contos de animais ou de forças da natureza**

#### **Foto nº 1966 a 1967, Caixa nº 11.7**

**Calheta, 30-4-1964 - Redacção «A gaivota e um gato» - “(diálogo)” - Abreu (nº 3, 3º ano)**

Conto com características de domínio e submissão, em que o animal mais fraco “a gaivota” vence o mais forte “um gato”, que queria comer as suas crias. AVF (1996: 15) publica esta estória com o mesmo nome e a indicação “recolhido na Calheta”. Através da comparação entre o original manuscrito da recolha oral e o texto publicado, existem algumas diferenças de vocabulário, como *pedregulho* por *calhau jantar* por *comer* e *dia do baptismo* por *dia do baptizado*. A versão publicada tem mais pormenores descritivos

e narrativos, bem como diálogos, terminando com a moral da prudência e da astúcia da gaiivota que vence a «ronha» do gato (ver as notas de rodapé, na transcrição do original manuscrito, no apêndice 1).

**Foto nº 1990 a 1992, Caixa nº 11.7**

**«O mendigo e o soldado»**

Estória em que um pobre soldado dá tudo o que tem como esmola a um mendigo e este em troca concede-lhe três desejos, sendo o último deles o “cajadinho”. Conto também denominado «O cajadinho», numa versão muito diferente publicada por AVF (1996: 60-62), com a indicação “recolhido em Machico”. Apesar de esta versão constar do espólio de AVF, não nos foi possível transcrever tudo.

**Foto nº 1993 a 1994, Caixa nº 11.7**

Outra versão do mesmo conto, com o título «Uma História» e a indicação de ter sido recolhida na Calheta.

**Foto nº 2998 a 2999, Caixa nº 27.3**

**Estreito de Câmara de Lobos - «Nem alto nem com os pés de arrastos»**

Narrativa sobre um homem esperto e dado aos negócios, chamado João das Vacas, que teria existido. Um dia ao fazer uma caminhada para outra localidade, passando pela serra durante a noite, junto ao Pico da Cruz, encontrou um cavalo amarrado. Sem medo, aproveitou para montá-lo, de modo a fazer o seu percurso mais depressa. Quanto mais o cavalo corria, mais aumentava de tamanho. O homem viu-se muito alto e pede ao bicho para descer. Então, o animal foi diminuindo de tamanho e o homem já ia arrastando os pés no chão. Ele diz a frase que dá nome ao conto e o animal desaparece. AVF (1955 e 1964) publicou este conto, primeiro com o nome «Nem alto nem com os pés de rastos...» e depois «Nem alto, nem com os pés de arrastos», sendo o texto exatamente igual.

**Foto nº 3028 a 3029, Caixa nº 27.3**

**Jardim do Mar - «A mulher feiticeira» – João Cruz**

Um rapaz, que estava por moço, e uma mulher chegam ao mesmo tempo ao local de rega e ambos querem ser o primeiro a regar. Começam ao mesmo tempo e o rapaz tenta encaminhar a água só para si, mas pelo caminho fica sem forças e não consegue andar porque a mulher é feiticeira.

**Foto nº 3032 a 3033, Caixa nº 27.3**

**Ponta do Sol - «A patroa feiticeira» - Bento de Abreu**

Outra versão parecida com a anterior.

Dentro desta tipologia, no que se refere a “contos de animais”, ficaram por transcrever as seguintes recolhas: «História de um pinto», que AVF altera o título para

«**Esperteza de um pinto**», sem local, 1953; “Um conto”, que AVF altera o título para «**A esperteza de um rato**» (estória de um gato e um rato), Machico, sem data; «**O bis-bis**», S. Vicente, sem data; e «**O leão e o bisbis**» (“Conto popular” em que um bisbis com a sua esperteza vence o leão), S. Roque do Faial, 1948.

Nesta categoria, predominam os contos “de forças da natureza” (objetos que se comportam como pessoas e forças da natureza personificadas, onde incluímos o diabo e as feiticeiras): “Uma história” (um soldado pobre que indo para o quartel dá esmolas a um mendigo, que lhe concede 3 desejos mágicos), Calheta, sem data; «**O mendigo e o soldado**», outra versão, sem local e sem data; “Um continho” que AVF altera para «**O João soldado**» (homem muito pobre que vivia de esmolas, outra versão da história do soldado pobre que dá esmolas ao mendigo), Jardim do Mar, 1960; «O cacete» que AVF altera para «**O cajadinho**» (juntando o conto anterior e o seguinte, outra versão em que a mesa mágica concedida pelo rei é levada por uma feiticeira), sem local, 1958; “Uma história” (um pai tinha 3 filhos e o rei dá ao filho mais velho uma toalha mágica que põe uma mesa farta de comer, outra versão da estória transcrita de um menino que acompanhava Jesus, só nesta parte é semelhante), Arco da Calheta, sem data; “Um conto” a que AVF dá o nome «**À procura de riquezas**» (outra versão da estória de um pai com 2 filhos, em que o rei dá ao mais velho uma mesa mágica que põe o comer, AVF corrige o texto, apontando a vermelho “diálogo... pontuação...” e anota “há versões em diferentes freguesias”), sem local, 1966; «Era uma vez... dois irmãos», outra versão do conto anterior, Canhas, sem data; «Aventura astuciosa» a que AVF atribui, a vermelho, outro título, «**A cavalo do diabo**» (sobre um homem que queria embarcar para o Brasil nem que fosse a cavalo do diabo), Boaventura, 1963; “Uma história”, que AVF altera para «**Os diabos num saco**», Madalena do Mar, 1963; «O demónio não nos ajudou», que AVF altera para «**O diabo nunca ajudou ninguém**», sem local, 1966; «**A feiticeira do palácio**» (feiticeira que é enganada por um de três irmãos), sem local e sem data; «**A feiticeira e os 3 irmãos**», outra versão, sem local e sem data; «**Uma feiticeira**», outra versão, sem local, 1969; «A tia Joana», título a que AVF acrescenta, a vermelho, “(feiticeira)”, sem local, 1957; «A feiticeira encantadora», que AVF altera para «**A velha feiticeira**», S. Jorge, 1958; «**As feiticeiras**», Estreito de Câmara de Lobos, sem data; «**Jesus, a filha do Gordo é feiticeira**», Machico, 1958; «**A flauta maravilhosa**» (que salva a vida a um rapaz que é pastor), sem local e sem data; «**A senhora da neve**» (estória de árvores que falam com a menina), sem local e sem data. Apenas o conto com o nome «**Jesus, a filha do Gordo é feiticeira**» parece não ter sido publicado por AVF.

## 1.2. Contos propriamente ditos

### 1.2.1. Contos maravilhosos

Foto nº 2144 a 2145 Caixa nº 11.7

**São Vicente, 27/10/1959 - «A inteligência de uma rapariga» - Redacção - Manuel Figueira**

Conto que narra a história de um pobre velho que vivia na companhia de uma filha que era muito inteligente e o rei pediu-lhe que chocasse um cesto com trinta ovos cozidos, senão seriam ambos castigados, acabando o rei por casar com ela pela sua astúcia. Este foi publicado em *Continhos populares madeirenses* por AVF com o nome «**Esperteza de uma rapariga**» (1996: 135-136), com a indicação “**recolhido na Lombada de Santa Cruz**”, enquanto a versão transcrita em apêndice é de São Vicente, recolhida em 1959, por Manuel Figueira. Juntamente com a transcrição do original manuscrito, apresentamos as palavras e frases que tornam a versão publicada mais completa. **Moutinho (2011a) publica este conto com o nome «Uma rapariga inteligente», identificando-o como da freguesia da Lombada de Santa Cruz, Santa Cruz.**

**Foto nº 2148 a 2149, Caixa nº 11.7**

**S. Vicente, 1960 - «Uma rapariga inteligente» - Redacção - Daniel Figueira**

AVF também publica uma versão desta estória, com o mesmo nome, em *Continhos*, indicando ter sido recolhida no Porto Santo (1996: 84-85). A principal diferença entre as duas versões, a publicada e a inédita que transcrevemos em apêndice, é a adição de um comentário final na publicada (ver nota de rodapé, no apêndice). Percebe-se que esta estória e a anterior são versões diferentes do mesmo conto porque têm o mesmo fundamento, neste caso não é transformar ovos cozidos em pintainhos, mas um fio para fazer com ele as velas dum navio de alto bordo, tratando-se de variantes narrativas e discursivas. Curiosamente, AVF não as coloca seguidas na mesma publicação, mas sim separadas.

**Foto nº 2150 a 2153, Caixa nº 11.7**

**Santa do Porto do Moniz - «O Príncipe Moleiro» - “Uma História” - Redacção (Outra versão)**

Em *Continhos*, AVF publica uma versão deste conto recolhida em S. Vicente (1996: 123-126), com o mesmo nome. Ao compararmos a versão publicada, com a versão inédita transcrita em apêndice, mais uma vez, podemos constatar uma preocupação no cuidado com o uso de linguagem erudita, tal como no conto anterior (em *contíguo e disse-lhe*, em vez de *ao lado e lhe disse*). Assim, podemos encontrar as formas eruditas: *entregou-lho* por *entregou à mulher*; a substituição da expressão popular “filho da puta” por “filho das ervas verdes”; a forma *cafatinho*, diminutivo também de cariz popular, é substituída por *açafate*; *leicinho*, termo incompreensível, é substituído por *gatinho* e *lúcho* por *gato*; *pranear* por *provar*, etc. É notório como AVF enrique o texto com emoções humanas e apreciações morais sobre a inveja e a maldade humanas, por oposição à bondade e à felicidade final dos inocentes, no final da narrativa, na versão publicada da estória que se apresenta muito mais completa e discursivamente coerente do que a versão transcrita em

apêndice, como podemos observar nas notas de rodapé. Moutinho (2011a) publica este conto com o nome «O conto da rainha» de S. Vicente.

### **Foto nº 2471 a 2473, Caixa nº 12.3**

#### **Prazeres - Agrela**

Conto em verso com rima. Nesta recolha, feita nos Prazeres por Agrela, a estória não tem nome nem data. Trata-se do conto maravilhoso «**A Maria da vaquinha**» (Nunes, 2016), uma versão madeirense da «**Gata borralheira**», com este nome na versão recolhida por Álvaro Rodrigues de Azevedo (1880: 364-391), onde a estória também é narrada em verso com rima. Esta será a forma mais antiga de transmissão oral da estória, também contada em prosa, como podemos ver em «**A Donzela formosa**», conto popular publicado por AVF (1996: 93-94), que podemos classificar como maravilhoso, sendo uma versão muito curta e alterada do conto «**A Maria da vaquinha**». AVF, no mesmo livro, publica outra versão da estória, com o nome «**De como uma pastorinha da serra veio a casar com um príncipe**» (1996: 74-77), conto em prosa muito semelhante a «**A Maria da vaquinha**», que informa ter sido recolhido no Porto da Cruz. AVF (1996: 13) diz: “quere-me parecer que há uma versão madeirense da Gata Borralheira, que no mundo já tem cerca de 350 versões”. Leite de Vasconcelos (1986: 310) fala do conto popular «História da vaquinha» ou «Gata borralheira», em que uma rapariga dobava as meadas nos chifres da vaca, o que mostra que esta versão da vaquinha não é só madeirense mas portuguesa. Nunes (2016: 117), ao comparar a versão que recolheu com a publicada por AVF indica que este “padronizou a linguagem utilizada, deixando de ter um cariz popular e regional, para ter uma forma erudita. Além disso, apresenta no final de cada um dos contos uma espécie de preceito moral retirado da respetiva narrativa”. Noutras versões recolhidas na Madeira, a mesma estória apresenta ainda outros nomes, por exemplo Moutinho, em *Contos populares das ilhas da Madeira e do Porto Santo* (2011: 149), recria o conto a partir de uma versão recolhida em Santa Cruz, denominada «pão com mel, pão com fel» (Nunes, 2016).

### **Foto nº 1974 a 1975, Caixa nº 11.7**

#### **Jardim do Mar - «Era filha do diabo» - Filipe**

Estória de um rei e uma rainha que não tinham filhos e a rainha acabou por ficar grávida e ter uma filha. A filha não comia nem dormia e um camponês diz ao rei que ela ou é um ser divino ou filha do Diabo. O rei mandou-a batizar e ela deixou de estar endiabrada, acabando por se casar com o camponês. No espólio de AVF, existe mais uma versão deste conto, também recolhida no Jardim do Mar, datada de 1959 e tendo como coletor José Araújo, estudante no Seminário do Funchal.

### **Foto nº 1977 a 1978, Caixa nº 11.7**

Outra versão do mesmo conto, recolhida no Jardim do Mar a 27-1-1959, cantada pelo avô do coletor, José Araújo, estudante do Seminário do Funchal.

Entre os documentos que ficaram por transcrever, encontram-se os seguintes contos maravilhosos: “Conto”, a que AVF dá o nome «**A donzela formosa**» (filha de um viúvo, em que o pai se casa e tem uma madrasta), Ponta do Sol, 1954;«**O gigante e a princesa**» (um homem que, depois de ajudar 3 animais, recebe presentes deles que o ajudam no seu percurso, sobretudo quando chega a um palácio e encontra a princesa que lhe pede para a libertar do gigante, tirando-lhe a força, e casa com ela), S. Jorge, 1958;“Uma história” que AVF altera para «**O príncipe moleiro**», assinalado a vermelho “outra versão”, Santa do Porto do Moniz, sem data. Estes 3 contos foram publicados por AVF (1996).

Podemos incluir aqui o conto publicado por AVF (1996: 101-102), «**Uma princesa encantada**» (um príncipe pede uma princesa em casamento, mas uma fada velha e cheia de rancor fada a princesa, que vai para a serra; uma mulata invejosa penteia-a e enfia-lhe um alfinete na cabeça e ela fica encantada), romance tradicional aqui contado em prosa, recolhido em S. Roque do Faial, tal como outras versões inéditas: «**As três cidras do Amor**» (a terceira cidra é uma bela menina que fica à espera do príncipe e uma preta invejosa enfia-lhe um alfinete na cabeça, transformando-a numa pomba, e diz ser a menina que ficou queimada pelo sol; o príncipe casa com ela porque lhe tinha prometido casamento), recolhida em prosa, em Câmara de Lobos em 1963, e «**Encantamento**» (um rei tem uma filha que vai para a serra e fica encantada), sem local e sem data.

### 1.2.2. Contos religiosos

#### **Foto nº 959 a 960, Caixa nº3.4**

##### **«O terço» - Carvalho**

Esta estória conta que, estando Jesus, “um dia, no tribunal divino, junto do seu Pai, sem nada que fazer, aborreceu-se”. Ao passear pelo céu, viu muita gente que não deveria estar ali e dirigiu-se a S. Pedro, questionando porque entrava tanta gente sem merecer pelas suas ações na terra estar ali. A resposta é que era a mãe de Jesus que lançava cordas para os puxar. Cristo nada disse, pois não se podia opor à sua mãe e Rainha do céu. Estas cordas são o terço. Não a encontramos publicada em nenhuma das obras consultadas.

#### **Foto nº2019 a 2020, Caixa nº 11.8**

##### **Quinta Grande - «Uma história» - António Tomás Rodrigues (Seminário Menor do Funchal)**

Trata-se de outra versão de «O terço», com poucas variantes, aqui com o nome «Uma história».

#### **Foto nº 970 a 973, Caixa nº3.4**

##### **«S. José e a Serra» - “(Lenda)”**

Embora esteja assinala como lenda, parece-nos mais ser um conto popular de cariz religioso. Trata-se de uma estória em que o diabo tenta prejudicar o esforçado trabalho de S. José como carpinteiro, acabando o mal que faz por favorecer o seu trabalho, o que deixa o diabo muito irritado. Texto inédito.

**Foto nº 2002 a 2003, Caixa nº11.8**

**Santo António do Funchal - «Origem da travagem das serras»**

Trata-se de outra versão do conto com o título «**S. José e a Serra**», aqui com o nome «Origem da travagem das serras».

**Foto nº 1999 a 2000, Caixa nº11.8**

**Funchal - «Lenda» - Viríssimo [sic]**

Conto com o nome de «Lenda» sobre uma casinha pobre nas montanhas, onde vivia uma neta com a sua avô muito doente, em grande pobreza. Na noite de Natal, não tendo nada para comer, a neta escreveu uma carta ao Menino Jesus, com grande fé. Passou um homem pela aldeia de noite e, no outro dia, Ana foi recompensada pelo seu trabalho e obediência.

**Foto nº 2013 a 2014, Caixa nº11.8**

**Monte - «A caridade, chave da salvação» - “(Conto popular)” – Manuel Sardinha**

Conto sobre um casal muito rico mas avarento, cujo filho ainda criança morreu e foi para o Céu. Quando andava com Jesus, guardava sempre um lugar para a mãe. Jesus enviou-o à terra como mendigo para testar a bondade da sua mãe. Apesar da insistência deste, a pedir esmola por Amor de Deus, a mulher avarenta nega sempre ajudá-lo.

**Foto nº 1985 a 1987, Caixa nº 11.7**

**«Jesus, o menino e a princesa»**

Jesus encontra um menino e convida-o para o acompanhar nos caminhos da Galileia, por onde vai passando e fazendo milagres. O menino pensando em ter lucro, tenta imitar Jesus, fazendo os mesmos milagres, mas não consegue. Envergonhado começa a chorar e Jesus, com a sua bondade, concede-lhe o desejo de ter uma toalha que, sempre que ele pedir, ponha uma mesa com os mais ricos manjares e uma rabeça para que, quando a tocasse, as pessoas ficassem tontas e assim conseguisse o que queria. E assim conseguiu casar com uma princesa. Embora seja um “conto de ascensão”, o tema principal será religioso, pois tudo acontece graças aos milagres de Jesus.

**Foto nº 1988 a 1989, Caixa nº 11.7**

Outra versão do conto anterior, com o título «**Uma história**» e a indicação de que foi recolhida na Calheta, sem nome do coletor.

Ficaram por transcrever: «**A chave do céu**», conto publicado por AVF (1996), outra versão de «**A caridade, chave da salvação**», recolhida na Ribeira Brava, sem data; «**O Menino Jesus foi ao Forte**», sem local e sem data; "Pequeno conto popular (ouvido em Gaula)" (a mãe do Sr. S. Pedro condenada ao purgatório), Gaula, sem data. Estes dois últimos contos não terão sido publicados por AVF.

### 1.2.3. Contos realistas ou novelescos

#### **Foto nº 2146 a 2147, Caixa nº 11.7**

##### **Câmara de Lobos, 1960 - «A desmazelada» - João Ferreira**

Este conto também se encontra publicado, com o mesmo nome, em *Continhos*, com a indicação de versão recolhida na Fajã da Ovelha (1996: 21-22). Neste caso, em vez de uma heroína, temos uma anti-heroína que engana o marido porque não quer trabalhar. Por isso, não é um conto maravilhoso, pois, embora envolva um rei, uma princesa e um palácio, não é um “conto de ascensão”, isto é, ela não casa com o rei. A comparação entre o original manuscrito, a versão inédita de 1960 (recolhida em Câmara de Lobos), e a versão publicada mostra como AVF utiliza linguagem erudita por oposição à linguagem popular, conforme anotações na transcrição em apêndice. Moutinho (2011a) publica este conto com o título «A mulher que não gostava de fazer nada», identificando-o como da freguesia da Fajã da Ovelha, Calheta.

#### **Foto nº 2155, Caixa nº 11.7**

##### **S. Vicente, 1958 - «A Roubalheira» / «É esperto? Logo é ladrão» - Redacção - Manuel Figueira**

Conto de um homem rico que tinha dois criados e foi roubado. Para saber qual deles o tinha roubado, decidiu lançar um desafio aos criados, pois o mais esperto seria o ladrão. O tema do conto leva-nos a classificá-lo como «novelístico» ou «realista». O texto recolhido está tão incompleto que tivemos de recorrer à narrativa de Moutinho (2011a) para determinar a sua temática dominante e consequente classificação dentro das tipologias propostas. Moutinho (2011a) publica este conto com o título «O mais esperto é o ladrão!», como sendo da freguesia do Estreito de Câmara de Lobos, enquanto o fragmento transcrito em apêndice, «A Roubalheira», foi recolhido em S. Vicente. No espólio de AVF existe uma versão completa do conto, que não tivemos tempo de transcrever e que corresponde à publicada por Moutinho.

#### **Foto nº 1970 a 1971, Caixa nº 11.7**

##### **Boaventura, 29/4/1963 - «O caldo está quente» / «Os três senhores e o moço» - França (Seminário Menor, IV ano)**

Conto de um moço que foi por criado, tendo ficado a trabalhar na casa do terceiro padrão, pela resposta que este deu perante a mesma situação, sendo a que mais lhe convinha.

**Foto nº 1972 a 1973, Caixa nº 11.7**

**Jardim do Mar, 3-11-1959 - «Ou uma coisa ou outra» - “(Um Continho)” - José Araújo (Seminário do Funchal)**

Um homem vai passando por várias casas e deixando várias coisas a guardar. Quando volta no dia seguinte, o que deixou se perdeu e ele exige que lhe deem outra coisa em troca, que é cada vez mais valiosa, acabando por casar.

**Foto nº 1979 a 1981, Caixa nº 11.7**

Outra versão do conto anterior, com o nome «Ou... Ou...» e algumas variantes discursivas e narrativas.

**Foto nº 1968 a 1969, Caixa nº 11.7**

**Ponta do Pargo, 1963 – «O tesouro» - “(conto popular)” – Redacção - Eleutério**

Conto sobre um pobre camponês que acha um tesouro na serra e a mulher diz para ele ir falar com o padre. Este aconselha-o a percorrer a ilha perguntando se alguém o perdeu, mas como as pessoas não sabem o que é, não aparece dono. Depois do padre querer ficar com o dinheiro para a igreja, o Ti Norteiro consegue convencê-lo de que é pobre e o merece, ficando com ele. AVF (1996: 23-24) publicou este conto com o mesmo nome, correspondendo a esta versão, pois indica “recolhido na Ponta do Pargo”.

**Foto nº 1982 a 1984, Caixa nº 11.7**

**«O Rei e os Figos» - “(Diálogo... Lido? Ouvido?)” - Redacção - Paulo Manuel Ribeiro Câmara (nº 25, 3º Ano)**

Conto sobre um camponês que cultivava as terras do rei e manda o filho levar figos ao palácio. Pelo caminho, o filho encontra os amigos e comem os figos. O filho mente ao pai, dizendo que o rei agradeceu os figos. Um dia, o pai encontra o rei e fica a saber que o filho mentiu. O rei diz-lhe para enviar o filho ao palácio e, como castigo, encarrega-o de um burro doente, na serra. AVF não terá publicado este conto. Nos documentos que ficaram por transcrever, encontramos uma versão deste conto com o nome «O pai e os figos», sem local e sem data.

**Foto nº 3000 a 3001, Caixa nº 27.3**

**Santa Cruz, 24-1-1949 - «O galo depenado» - Redacção - José Joaquim de Freitas (Seminário)**

Conto sobre um casal em que o marido diz à mulher que a morte vem como um galo depenado. Para testá-la, depena um galo vivo e deita-o em frente à casa, onde a mulher está. Esta diz à morte para ir buscar o marido em vez de levá-la. AVF (1955 e 1964: 90-92) publica este conto com o nome «**O amor e a morte**», anotando que este conto é conhecido em Ponta Delgada, em Santa Cruz e em outras freguesias da Madeira.

Foto nº 2996 a 2997, Caixa nº 27.3

Ponta Delgada e Boaventura - «O amor custa caro» - Redacção - João Maria da Silva (nº 4)

Outra versão parecida com a anterior.

Foto nº 2982 a 2983, Caixa nº 27.3

3-5-1954 - «Um conto» - Pacote

Conto sobre um homem que foi à feira e precisou de comer uma açorda num restaurante, tendo-se esquecido de pagá-la, depois da feira, como acordado. Ao regressar ao restaurante, o dono diz que vai levá-lo a tribunal para pagar todo o dinheiro que perdeu, pois os ovos que comeu já teriam dado pintos que teriam crescido como galinhas e posto mais ovos. No tribunal, o homem diz que chegou atrasado porque esteve a cozer favas para semear. O juiz chama-o de tonto e ele pergunta, então, se ovos cozidos dão pintos. AVF não terá publicado este conto.

Estes parecem ser o tipo de contos predominante, como podemos ver pela quantidade de recolhas que não transcrevemos: «**João baixinho e João alto**», sem local e sem data; “Uma anedota”, título alterado a vermelho por AVF para «**Um homem que deu uma lição ao rei**», “(ouvido em Machico)”, 1958; «**A cabacinha**», a que AVF acrescenta ao título, a vermelho e entre parêntesis, “(o lobo e a velha)”, S. Jorge, 1958; “Um conto”, a que AVF dá o nome «**A esperteza tem cada uma**», Calheta, sem data; «**A fama dum homem**», S. Vicente, 1956; «**A história do bom viver**», “(conto popular)”, Ponta do Pargo, 1963; “Um continho”, a que AVF dá o nome «**A lenha mais torta**», Jardim do Mar, 1959; «**A maior preciosidade**», sem local e sem data; «**A morte do avarento**», sem local e sem data; «**A mosca e o chefe**» (história de uma viúva pobre), sem local e sem data; “Um conto”, que AVF altera para «**Matar moscas**», Machico, 1959; «A roubalheira», cujo título AVF altera para «**É esperto? Logo é ladrão**», versão completa, S. Vicente, 1958; «**Da pobreza à infelicidade**», Campanário, 1963; «**Dois compadres**», Machico, 1956; “Conto” que AVF denomina «**Dois compadres (José feijão e João batata)**», outra versão, Santana, sem data; “História”, a que AVF dá o nome «**Dois tostões e meio**», sem local e sem data; «**Doutor grilo**», “(conto popular)”, sem local, 1966; «**O João Grilho**» (homem que é levado à corte e o rei quer que ele adivinhe o que está em duas caixas, se não manda-o matar, e ele adivinha sem saber, por ter sorte), sem local e sem data; «A riqueza e a boa-sorte», que AVF altera para «**É melhor ter sorte que ser rico**», sem local e sem data; «Um rico e seu criado», que AVF, a vermelho, altera para «**Enganado pelos rabos**», Fajã da Ovelha, 1959; «**Quem tudo quer, tudo perde**», outra versão de «**Enganado pelos rabos**», sem local e sem data; «**Esperteza dum rapaz**», sem local, 1947; «**Foi bem feito**», Paul do Mar, 1951; «**História dum pescador**», Boaventura, 1956; «O lobo iludido», que AVF altera para «**História do lobo e da mulher**», Boaventura, 1964; «Mulher dum grão de trigo», que AVF altera para «**Mulher mentirosa**», Estreito de Câmara de Lobos, sem data; «**Não sejas ambicioso**»

(um pai com 3 filhos), S. Roque do Funchal, 1964; «**Nós todos três, uma saca de sal, pois tá claro**» (“um conto popular” – pai com 3 filhos que querem aprender Português e vão a Portugal, mas cada um só aprende uma expressão), sem local e sem data; “Uma história”, que AVF altera para «**O José estragado**» (pela sua esperteza consegue entrar no céu), Arco da Calheta, sem data; “Um conto” que AVF denomina «**Um pobre camponês**», Machico, 1960; “Uma história” que AVF intitula «**Um rapaz afortunado**», sem local e sem data; «**Zaragata entre irmãos**», Canhas, 1963; “Um conto” que AVF denomina «**A derrota de um patrão**», sem local e sem data; «**O patrão que se dizia muito esperto**», outra versão, sem local e sem data; «O patrão e o criado», que AVF altera para «**Um criado esperto**», outra versão, Estreito de Câmara de Lobos, sem data; «**O rico avarento**», Arco da Calheta, sem data; «**Os porcos da tia Laura**», sem local e sem data; «**Os três filhos do lenhador**», sem local e sem data; «**Os três patetinhos**», que AVF corrige para “patetinhas”, S. Roque do Funchal, 1964; «**Por causa duma mulher**», Ponta do Sol, sem data; “Uma anedota”, que AVF altera para «**Não se nasce esperto**», sem local e sem data; “Um conto”, que AVF altera para «**Se soubessem quem eu sou!**», Machico, 1964; «**Um bom conselho**», sem local e sem data; «**Um cacho de bananas**», sem local e sem data; «**A queima das novelas**», Machico, 1958; «**Antes do processo movido à Oliveira pela água**», Curral das Freiras, 1949; «**Aventuras do Minéu [sic]**», Estreito de Câmara de Lobos, sem data, publicado por AVF (1964: 23-28); «**Vontade heroica**», Ponta do Sol, sem data; «**Os “burreiros” têm boas saídas**», Machico, 1950; «**Uma celebre peseada [sic]**», Machico, 1940; «**Levada que vem sair atrás da Capela do Espírito Santo na Lombada dos Esmeraldos**», sem local e sem data; «**Credo**», S. Jorge, 1951. Quase todos estes contos, numa das suas versões, foram publicados por AVF (1964 e 1996).

#### 1.2.4. Contos jocosos

##### Foto nº 965 a 966, Caixa nº 3.4

##### «O sermão da festa do Sr. S. Roque» - Aveiro

Não se trata da lenda da capela do santo, por isso será um conto realista ou novelesco ou, neste caso, predominantemente jocoso, uma vez que se trata de uma situação que provoca o riso. Aconteceu na festa do padroeiro da freguesia de S. Roque do Faial, em que “os festeiros quiseram chamar um orador que foi afamado para fazer o sermão do dia e assim escolheram o pároco do Porto da Cruz”. Este, no primeiro ano, recebeu pouco dinheiro, tendo mudado de estratégia no segundo ano, pois quanto mais vezes dissesse o nome do santo mais dinheiro recebia. Não encontramos este texto publicado.

##### Foto nº 2004 a 2005, Caixa nº 11.8

Trata-se de uma versão semelhante a «O sermão da festa do Sr. S. Roque», com título diferente, «Um caso - a história», recolhido no Estreito de Câmara de Lobos.

### **Foto nº 2006 a 2007, Caixa nº11.8**

Mais uma versão do mesmo conto, com o mesmo nome «**O Sermão da festa do Sr. S. Roque**», com a indicação de colhido em Santa Luzia (Funchal, 24-11-1956) por Jorge Sabino Rodrigues Berardo (estudante do colégio Missionário, 1957).

## **2. Lendas da Madeira e do Porto Santo**

A palavra *lenda* provém do latim, significando “matéria para ser lida”. Trata-se de histórias fantasiosas, que poderão ter por base algum facto duvidoso, ou seja, não comprovado historicamente. Um exemplo é a lenda de Machim e Ana d’Arfet, que Marco Livramento denomina de lendas fundadoras (cf. tese de mestrado do autor e a entrada com o mesmo nome no *Dicionário Enciclopédico da Madeira*, projeto Aprender Madeira), neste caso da Madeira.

Sobre a questão o que é lenda, Moutinho (2011: 11) explica que se trata de uma narrativa de transmissão oral através das gerações, tal como os contos, distinguindo-se destes porque

integram factos reais, muitas vezes distorcendo-os, levando-os até aos limites da fantasia. E lá nos aparece a fuga do Egito discretamente sugerida como transposta para a Ilha da Madeira, o diabo fazendo as suas aparições belicosas em pleno Paul do Mar e um bando de velhas endinheiradas investindo, cada qual por sua banda, nas levadas madeirenses! Não falta ainda o rasto dos corsários e os sinais dos povos que se relacionaram com a Madeira – os escravos africanos, os mouros – ou como que uma extensão artúrica no mito sebastianista!

O autor reescreve as lendas da Madeira e do Porto Santo, enquanto estórias da identidade regional. Assim, em *Lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo* (lendas da Calheta, de Câmara de Lobos, do Funchal, de Machico, da Ponta do Sol, do Porto Moniz, da Ribeira Brava, de S. Vicente, de Santa Cruz, de Santana, do Porto Santo e a “lenda do tesouro do capitão Kid” das Ilhas Selvagens), Moutinho (2011) distingue-as dos *Contos Populares das Ilhas da Madeira e do Porto Santo* (publicação do mesmo ano), também apresentados por concelhos (Calheta, Câmara de Lobos, Funchal, Machico, Ponta do Sol, Porto Moniz, Ribeira Brava, S. Vicente, Santa Cruz, Santana e Porto Santo). Na sua nota de abertura do livro das lendas madeirenses, Moutinho refere como pioneiros na valorização da literatura popular da Madeira: o Visconde do Porto da Cruz e AVF, primeiros coletores, referindo também Fernando de Aguiar, Manuel Ferreira Pio e Ernesto Gonçalves. Diz que os materiais apresentados pertencem à tradição oral e que, no início, as lendas

correspondiam apenas às vidas dos santos e dos mártires e eram lidas em especial nos refeitórios dos conventos. Porém, a conceção avançou com um suporte histórico de façanhas e figuras fantásticas misturadas com elementos reais, históricos. E da oralidade anterior à escrita, propagou-se de novo à oralidade, até que, em pleno Romantismo, estes materiais começaram a ser recolhidos e reduzidos a escrito, nas suas diversas versões. (Moutinho, 2011: 11).

As lendas têm fundos culturais muito antigos, como as das ilhas míticas do Atlântico ou da Atlântida, com um discurso lendário comum. Existem várias leituras e recriações de uma lenda, o que ocorre com o passar do tempo devido à sua natureza de transmissão oral, tal como acontece com os contos populares e os romances tradicionais. É a sua antiguidade e carácter popular oral e tradicional que faz das lendas, dos contos populares e dos romances tradicionais um Património Cultural Imaterial a preservar, do mesmo modo que as quadras ou cantigas populares, as adivinhas, as expressões populares e os provérbios. Por exemplo, a lenda do *Cavalum* (furna) de Machico e a do Bicho Cidrão, sobre a imponente da montanha e dos abismos do Pico Ruivo, são o reflexo do medo do diabo e do sagrado e, ao mesmo tempo, das profundezas agrestes da ilha da Madeira. A par destas, ocorrem outras como a lenda de Arguim do Porto da Cruz e a lenda do profeta (de 1537) do Porto Santo, que espelham o misticismo e o enigma de D. Sebastião, tal como a lenda da Capela das Almas. Trata-se de lendas sagradas de aparições, de santos, imagens andarilhas, milagres, mas também lendas da presença moura na Madeira e lendas etológicas da fauna e flora locais. Pela sua importância, estas já foram adaptadas e usadas no ensino, resultando daí a publicação *Lendas e Histórias da Madeira*, Alunos do 4º ano de Escolaridade, Escola dos Ilhéus, Funchal, Ano letivo de 1996-1997, com a coordenação da professora Margarida Fernandes.

A transmissão oral origina diferentes versões do mesmo texto, porque a história é contada mantém-se viva e sofre variação e mudança. Processo semelhante acontece na recriação literária destes textos orais, por exemplo das lendas da Madeira e do Porto Santo por Moutinho, em que a tradição oral passa a escrita, sendo que AVF terá sido pioneiro neste registo. Trata-se de um imaginário coletivo feito de história, memória, património e identidade, cada vez mais reconhecido e valorizado. Assim, a «Lenda da Ribeira das Cales» reflete a importância da água da nascente, canalizada por cales para as levadas, na rega dos poios. A «Lenda das Amoras» de Gaula fala de uma característica da localidade e das suas gentes. A «Lenda do Alemão» (Ladislau) refere factos históricos.

Cidrais (2014) dá-nos uma visão ampla da lenda em Portugal, no âmbito do *corpus* lendário português. Propõe uma classificação das lendas portuguesas em categorias e subcategorias, com base temática e como resultado do projeto de investigação ADLOT (Arquivo Digital da Literatura Oral Tradicional), propondo uma «grelha aberta» para a classificação do *corpus* lendário português, que se integra na classificação geral elaborada por João David Pinto-Correia, espelhada na proposta classificativa desenvolvida no

âmbito do projeto referido, desenvolvido no Centro de Tradições Populares «Professor Manuel Viegas Guerreiro» da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A autora explicita os complexos problemas de definição que se levantam à lenda enquanto género literário tradicional, que estão na origem das dificuldades colocadas à classificação das lendas e explicam o desinteresse que a crítica manifesta sobre este género tradicional em Portugal, quando comparado com o conto e o romanceiro. Na proposta de classificação das lendas portuguesas, menciona o *Groupe de Recherches Européen sur les Narrations Orales*, para as narrativas lendárias, afirmando que, enquanto os contos e os romances tradicionais têm um sistema de classificação estável e internacionalmente reconhecido, as lendas precisam de uma melhor sistematização classificatória. Daí os *Temas. Motivos. Categorias* no título da sua obra. Cidrais (2014) divide as lendas portuguesas em seis grandes categorias: «**Lendas Sagradas**», «**Lendas de Forças e Seres Sobrenaturais**», «**Lendas Históricas**», «**Lendas Etiológicas**», «**Lendas Iconográficas**» e uma «**Varia**». Cada uma delas particulariza-se em numerosas subcategorias, porém, no nosso trabalho, vamos apenas utilizar como proposta de classificação as categorias temáticas das lendas, sem entrar na problemática complexificação das subcategorias, dado que algumas temáticas são transversais a algumas delas, havendo casos de grande variação e contaminação, partilhando motivos e fórmulas, o que é característico da literatura oral tradicional. Por isso, o mais importante será encontrar «a dominante temática», como refere a autora, que permite a inclusão das lendas em diferentes categorias.

No *Arquivo Português de Lendas*, em linha, desenvolvido pelos investigadores do Centro Ataíde Oliveira da Universidade do Algarve, Isabel Cardigos e Paulo Correia, encontramos a seguinte proposta de classificação temática das lendas portuguesas: **lendas sagradas** (milagres, fundação de capelas, punições divinas, o dilúvio, imagens andarilhas, santos, aparições, bênção divina, sinos, fuga para o Egito, Paixão de Cristo, Vida de Nossa Senhora, anjos, lendas bíblicas, imagens milagrosas); **lendas históricas** (povoações desaparecidas, casos do quotidiano, tempo dos romanos, cristianização, tempo dos visigodos, mouros vs. cristãos, portugueses vs. castelhanos, rainhas, edifícios religiosos, reis, tomada de castelos, batalhas, heróis e heroínas, invasões francesas, amores trágicos, clérigos, piratas, navegadores/descobertas, epidemias, guerras liberais (século XIX); **miscelânea** (profecias, casos estranhos, pessoas devoradas); **lendas urbanas** (recentes); **lendas etiológicas** (topónimos, flores, pedras, fontes, lagos, rios, cobras, insetos, aves, alimentos, animais humanidade, árvores, fenómenos celestes, ilhas, o mar, montanhas, línguas, peixes, artefactos); **lendas do sobrenatural** (vampiros, fantasmas, sereias, procissão das almas, tesouros escondidos, papões, lugares assombrados, o diabo, bruxas, medos, presságios, ilhas encantadas, povoações encantadas, o vento, feiticeiras, etc.).

Na nossa classificação, sempre que possível, utilizaremos as duas classificações apresentadas acima. AVF não se preocupa com a classificação temática das composições recolhidas e publicadas e não distingue os contos das lendas populares, no conjunto que publica em *Era uma vez... na Madeira*, tal como faz em *Continhos*, onde inclui um

romance tradicional em prosa, que se aproxima muito dos contos maravilhosos. Decidimos separar as lendas dos contos, seguindo a distinção feita por Moutinho em *Contos* (2011) e *Lendas* (2011). Este apresenta-os divididos por concelhos da ilha da Madeira e do Porto Santo, não efetuando a sua classificação temática, o que nos propomos fazer no nosso trabalho.

## **2.1. «Lendas sagradas»**

### **Foto nº 936 a 937, Caixa nº 3.4**

#### **Canico - «A capela da Madre de Deus» - Agostinho**

Não encontramos esta lenda publicada em nenhum dos livros que consultámos, mesmo depois de ler algumas narrativas semelhantes para ver se, embora com nomes diferentes, se trataria da mesma estória. Narra-se a partida de barco de uma família de Lisboa à procura de melhores terras para viver. Passaram por uma grande tormenta no mar, entregando-se nas mãos de Deus e prometendo a Jesus Cristo, se se salvassem, fazer uma “capela em honra da virgem, sua Mãe, na primeira terra firme que avistar”. Finalmente, “Arribaram ao Canico, no lugar que ainda hoje se chama «Portinho»” e construíram a «Capela da Madre de Deus», “nome que ainda hoje se dá ais sítios dali perto”.

### **Foto nº 938 a 942, Caixa nº 3.4**

#### **«O Senhor Bom Jesus»**

Esta lenda conta a história da imagem do Senhor Bom Jesus, encontrada no mar dentro de uma caixa de madeira e que levada para longe do calhau milagrosamente voltava à beira-mar, explicando que assim se fez a igreja à beira mar, na freguesia da Ponta Delgada. Fernando de Aguiar (1951: 124) reproduz a «Lenda do Senhor Bom Jesus de Ponta Delgada da Madeira», referindo Henrique Henriques de Noronha. Transcreve-a tal como ele a ouviu e divulgou, indicando que a imagem terá sido encontrada “pelos annos de 1540”. A versão transcrita em apêndice, com diálogos entre o homem e o padre da paróquia, corresponde à lenda, narrada sem falas das personagens, publicada por Frazão (1988: 107-109), com o nome «O Senhor Jesus de Ponta Delgada». Moutinho (2011b) publica-a com o título «Lenda do Senhor Bom Jesus de Ponta Delgada», da freguesia de Ponta Delgada, S. Vicente. Nesta versão do acervo de AVF, a narrativa confunde-se com a da «Lenda da Capela do Calhau» de S. Vicente, estória publicada na mesma obra (Moutinho, 2011b).

### **Foto nº 2017 a 2018, Caixa nº 11.8**

#### **Ponta Delgada - «Foi o Senhor Bom Jesus (da Ponta Delgada) que quis a sua morada à beira-mar» - Martinho**

Trata-se de outra versão de «O Senhor Bom Jesus», aqui com o nome «Foi o Senhor Bom Jesus (da Ponta Delgada) que quis a sua morada à beira-mar».

**Foto nº943 a 949, Caixa nº 3.4**

**«A caminho do Egipto»**

Esta lenda de como a Sagrada Família fugiu para o Egipto, passando “por muitas tormentas ao esconder-se dos soldados do Rei Herodes”, começa com os tremoceiros que não deixaram de chocalhar a pedido de Nossa Senhora e foram amaldiçoados, por isso “ainda, no dia de hoje, os tremoços não enchem a barriga a ninguém”. Nesta versão da estória, encontramos um pequeno fragmento de “**Sementeira de cornos**”, narrativa publicada por AVF (1996: 86), com indicação “recolhido no Campanário”, em que Nossa Senhora, ao passar por semeadores, pergunta o que estão a semear e eles respondem cornos, transformando-se o trigo em cornos. Moutinho (2011a) publica esta estória como conto popular com o nome «**O que estais a semear?**», da freguesia do Campanário, Ribeira Brava, bem como a «**Lenda dos tremoceiros chocalheiros**», da freguesia de S. Jorge de Santana (2011b).

**Foto nº 2030, Caixa nº 11.8**

**Tabúa [sic] - «A caminho do Egipto»**

Trata-se de uma versão mais curta e incompleta da estória anterior, com o mesmo nome, «**A caminho do Egipto**». Fragmento da estória cujo fundamento é a «**Lenda de Nossa Senhora e os Semeadores**», de S. Vicente, publicada por Moutinho (2011b: 87), indicando em nota de rodapé: “esta lenda corre ainda nas freguesias do Monte e de Santa Maria Maior, no Funchal, e na freguesia do Faial, em Santana”, em que o trigo semeado cresce tão rápido que quando os soldados passam já estão a ceifá-lo e não creem que a sagrada família tenha passado por ali há pouco tempo. Mais tarde, passam junto ao mar pelo “ramalhar de caramujos”, que são castigados como os tremoceiros. Posteriormente, são as ovelhas a berrar, que foram amaldiçoadas para não berrarem ao morrer, e a aranha que faz uma teia na furna onde se escondem, protegendo-os dos soldados. AVF (1964: 163-166) narra de forma bastante desenvolvida este episódio da aranha com o nome «De como uma aranha salvou a Sagrada Família».

**Foto nº 3003 a 3004, Caixa nº 27.3**

**Ouvido em Câmara de Lobos - «A aranha que salvou o Menino Jesus» - Lenda**

Outra versão da parte da estória anterior sobre a aranha.

**Foto nº 2031 a 2032, Caixa nº 11.8**

Outra versão, recolhida em S. Jorge, com o título «**A fuga para o Egipto**», datada de 1959 e registada por Cipriano.

**Foto nº 2033, Caixa nº 11.8**

Mais uma versão, com o título «**Redacção**», escrita por Manuel Vieira (aluno nº 22, 3º Ano).

**Foto nº 2034, Caixa nº11.8**

Outra versão semelhante às anteriores, com o título «**Naquele tempo...**», registada por Manuel Vieira (aluno nº 22, 3º ano).

**Foto nº 950 a 951, Caixa nº 3.4**

**Arco da Calheta – Redacção - Manuel Vieira (aluno nº 22)**

Esta lenda religiosa parece ser uma adaptação à realidade botânica madeirense da estória «De como uma aranha salvou a sagrada família», publicada por AVF (1964: 163-166).

**Foto nº 952 a 954, Caixa nº 3.4**

**«Lenda de Santo Amaro»**

Esta lenda conta como foi escolhido o santo do orago do Paul do Mar. Trata da aparição do Senhor Santo Amaro, numa rocha, durante uma tempestade, ao qual edificaram uma capelinha, mas tiveram de mudá-la para o sítio onde o santo aparecera, edificando depois a igreja no mesmo lugar. Moutinho (2011b) publica a «Lenda de Santo Amaro», da freguesia do Paul do Mar, Calheta.

**Foto nº 2008 a 2009, Caixa nº 11.8**

Trata-se de uma outra versão, com o nome «**A lenda de Santo Amaro**», colhida no Paul do Mar, a 19-5-1954, por José Marques Paixão Andrade.

**Foto nº 957 a 958, Caixa nº 3.4**

**«A capelinha do Vale» - “(Lenda Popular)”**

Também não conseguimos identificar esta pequena lenda inédita em nenhuma publicação de AVF. A capelinha do vale terá sido destruída pelas águas de uma avalanche, sendo salva apenas a imagem da Virgem. Mais abaixo da capela destruída, segundo a lenda, “levanta-se um grande bloco cêso que, como gigante, desafia o ímpeto das águas que, em todos os invernos, saltam, espumando à sua volta”. Passou-se, então, a considerar que “dentro dele, se conserva qualquer coisa de sagrado que pertence à antiga ermida”. Explica-se que aquela “era chamada capela das Boróteas e, na ribeira de Santo António, estava assente sobre uma rocha e o terreno à volta é pedregado e sêco; e ao lado passa uma viela tortuosa chamada o caminho velho”.

**Foto nº2010 a 2011, Caixa nº 11.8**

**Santo António do Funchal – “Lenda Popular” - Ascensão**

Trata-se de uma outra versão, sem nome, da lenda popular «**A Capelinha do Vale**».

**Foto nº 961 a 963, Caixa nº 3.4**

**«A Senhora da Penha»**

Texto inédito que não encontramos publicado na literatura consultada. Trata-se da lenda da pequena capela do Faial, “encravada nas faldas de uma encosta, dos lados de Santana”.

Chamada “Ermidinha” pelo povo, diz-se ter sido construída pelos mouros de Argel, vindos para ali como escravos. Diz que há também quem afirme que a dita capela foi erguida em louvor de Nossa Senhora da Penha, em virtude de uma promessa feita pelo clero, em nome do povo, por ocasião de uma calamidade. O texto descritivo da capela, no seu interior e exterior, termina com uma experiência e sentimento pessoal de devoção de quem cresceu e viveu no lugar.

**Foto nº 2027 a 2029, Caixa nº 11.8**

**Faial, 27-4-1958 - «A Ermida» - Redacção - Olívio V.C.J. (Funchal)**

Trata-se de outra versão da estória anterior, denominada «A Senhora da Penha», que aqui tem o nome de «A Ermida».

**Foto nº 967 a 968, Caixa nº 3.4**

**«A Capela de São João»**

O autor do texto começa por dizer que, na freguesia da Calheta, existem “as paredes de uma antiga capela, que se encontra actualmente, transformada num curral de animais”. Informa que pela sua antiguidade, ninguém sabia a sua origem, até que um dia “falando com uma velhinha, fiz-lhe essa pergunta. Ela, ouvindo-me, pôs-se a pensar e então, alegando que a ouvira aos seus antepassados, começou a contar-me esta história, que mais me parece ser uma lenda do que um verdadeiro facto”. O fundador da capela terá sido um cavaleiro que a cavalo ia quando quase caíam da rocha e foi salvo ao invocar S. João. Devido à dificuldade de chegar à capela, com o passar do tempo foi abandonada e construíram outra no Lombo do Atouguia, com a imagem de São João, que se encontrava na antiga capela. Texto inédito.

**Foto nº 2015 a 2016, Caixa nº 11.8**

**Calheta, 8-1-1946 - «Uma capela» - recolhido por Luís R. Paulo**

Trata-se de outra versão da mesma lenda de «A Capela de São João», com o nome «Uma capela» e indicação do local da recolha, data e nome do coletor, aluno de AVF.

**Foto nº 974 a 978, Caixa nº 3.4**

**«A capelinha de S. Vicente»**

Trata-se de mais uma estória relacionada com temporais entre o mar e as rochas, neste caso no «Rochedo do Calhau», onde apareceu uma imagem, depois de uma noite de tempestade, descoberta por um morgado, que ia a cavalo. Foi contar ao pároco da freguesia o sucedido e resolveram trazer a imagem, que parecia ser de São Vicente, para a igreja da freguesia: “Aconteceu que colocada hoje a imagem na igreja, apareceu ela na manhã seguinte sobre o «Rochedo do Calhau», tal e qual como antes”. Começaram a acontecer milagres entre o povo que se apegou ao santo. A imagem levada novamente para a igreja voltou a aparecer junto ao mar, sinal do santo para que se lhe fizesse uma capela no «Rochedo do Calhau»: “É a Capelinha de São Vicente, como o povo a chama”.

Esta lenda aproxima-se da do bom Jesus da ponta delgada, no mesmo concelho. Moutinho (2011b) narra esta estória na chamada «Lenda da capela do calhau» de S. Vicente. Esta estória com algumas variantes narrativas, nomeadamente de numa noite de invernada ter naufragado um galeão no mar e uma imagem de S. Vicente ter sido vista a boiar junto à costa, no dia seguinte, com um corvo pousado em cima dela, tendo voado quando a imagem chegou a terra. Daí o nome da lenda de S. Vicente ser chamada «A história do corvo» em *Lendas e Histórias da Madeira* (1996-1997), remetendo para *O Corvo. Boletim Municipal de S. Vicente*, nº 0 de set. de 1993.

#### **Foto nº 2021 a 2022, Caixa nº 11.8**

Outra versão de «A capelinha de S. Vicente», recolhida em S. Vicente por Rafael, com o título «Origem lendária da capela de S. Vicente».

#### **Foto nº 2023 a 2024, Caixa nº 11.8**

##### **“Conto Popular” - Rafael**

Versão que é um fragmento da mesma estória, relativo ao milagre da dor de dentes curada por S. Vicente, com uma pedrinha da sua capela.

#### **Foto nº 2025 a 2026, Caixa nº 11.8**

Trata-se de outra versão da lenda «**A Capela de S. Vicente**», recolhida em S. Vicente, no ano de 1958, por Manuel Figueira de Andrade.

Encontramos ainda um texto sobre a «**Capela do Sr. S. Pedro de Santa Cruz**», Santa Cruz, sem data, que não pudemos transcrever. AVF não terá chegado a publicar os textos destas lendas de fundações das capelas.

## **2.2. «Lendas de Forças e Seres Sobrenaturais» ou «lendas do sobrenatural»**

#### **Foto nº 801 a 804, Caixa nº 5.10**

##### **«O Pescador e o Diabo»**

O conto intitulado «**O pescador e o Diabo**», localizado no Paul do Mar, começa com um comentário de AVF sobre a “imaginação popular”, que “em toda a parte, cria fantasmas”, sobretudo à noite. Na introdução ao conto, fala ainda dos Anjos “espíritos bons”, que podem “tomar a figura de um corpo humano, para assim aparecerem aos homens e lhes transmitirem qualquer mensagem celeste”. Contudo, neste caso, trata-se de um demónio, por isso explica que igualmente Deus pode permitir que “os espíritos maus, possam tomar a forma de um animal, de um homem e até de uma mulher, para tentar e seduzir os pobres mortais... Isto pode acontecer, mas quase sempre é a imaginação humana que cria certos fantasmas”. Enquadra, assim, este conto que “ouvimos dizer a um pescador de Câmara de Lobos que em certa noite o Diabo aparecera no Paul do Mar, a um homem do mesmo

ofício”. Indica ter sido este o contador da estória. Além do interesse linguístico e literário do conto, salientamos a superstição da “cruz de cabelo no peito” do homem que afugentou o diabo, tal como o benzer-se com o sinal da cruz. Este conto foi publicado por AVF em *Era uma Vez... na Madeira. Lendas, Contos e tradições da nossa terra* (1964: 41-45). Em apêndice, apresentamos a transcrição do conto com a respetiva numeração e, em notas de rodapé, damos conta das diferenças existentes entre o original manuscrito e o texto publicado. O documento original é muito semelhante ao publicado, com uma narrativa que usa linguagem erudita, o que parece indicar que o conto não foi recolhido diretamente da boca do povo. Moutinho (2011b) publica esta lenda com o nome «A luta do pescador com o diabo» da freguesia do Paul do Mar, Calheta.

### **Foto nº 805 a 814, Caixa nº 5.10**

#### **«O Pastor e o Diabo»**

O conto «**O Pastor e o Diabo**», que começa da seguinte forma: “Era uma vez... um pastor do Curral das Freiras que vendeu a alma ao Diabo”. Na publicação desta lenda, em *Era uma vez... na Madeira*, AVF opta pelo nome «**O Bicho do Cidrão**», pois, como indica no texto introdutório da lenda, esta é conhecida por este nome, embora tenha sido recolhida com outra denominação. AVF indica a existência de várias versões da lenda, com semelhanças e variantes e indica que esta versão foi contada por um antigo aluno seu do Seminário, natural do Curral das Freiras. Esta informação introdutória é importante para percebermos que algumas recolhas não eram feitas diretamente da boca do povo com a sua linguagem. No meio da lenda, AVF faz comentários morais/religiosos, por exemplo sobre o “endurecer o coração” do homem “que se perde por causa dos bens do mundo que no mundo ficam”, “em vez de pensarem no valor da sua alma”. No final, reflete sobre a lenda e a sua transmissão oral de geração em geração, explicando o seu contexto sociocultural e a importância da tradição, terminando com um comentário moral e religioso a propósito do seu conteúdo. Moutinho (2011a) publica-a com o nome «Lenda do Bicho Cidrão», identificando-a como da freguesia do Curral das Freiras, Câmara de Lobos.

### **Foto nº 2980 a 2981, Caixa nº 27.3**

#### **Câmara de Lobos - «O homem e o diabo» – Sousa**

Outra versão.

### **Foto nº 3005 a 3006, Caixa nº 27.3**

#### **Porto da Cruz, 13-1-1952 - «Visão Fantástica» - Vasco Faustino Garcês de Atougua (Seminário do Funchal)**

Lenda da ilha de Arguim, em que um camponês, depois de um dia de trabalho, na Serra do Larano, entre o Porto da Cruz e Machico, vê esta ilha encantada, separando o mar do Norte do do Sul. Esta lenda é uma visão sobrenatural, daí ter sido incluída no subtipo de lendas do sobrenatural, mas está associada à lenda histórica do rei D. Sebastião.

### 2.3. Lendas Históricas

#### **Foto nº 2957 a 2958, Caixa nº 27.3**

##### **Calheta - «A espada de D. Sebastião» - João Pelágio de Freitas**

Lenda sobre D. Sebastião, cuja espada ficou enterrada num monte chamado “Galera” ou “Galé”, na Calheta, e que será retirada pelo rei, quando este voltar para o Fim do Mundo.

#### **Foto nº 2951 a 2952, Caixa nº 27.3**

##### **Da Tabúa [sic] - «História de D. Sebastião» - Colhido por João Lemos Barreto**

Outra versão da mesma lenda.

#### **Foto nº 2959 a 2960, Caixa nº 27.3**

##### **Estreito da Calheta, 8-2-1960 - «A espada de D. Sebastião» - Manuel Sebastião Pereira de Sousa (Seminário da Encarnação)**

Outra versão da lenda de D. Sebastião.

#### **Foto nº 2961 a 2962, Caixa nº 27.3**

##### **«Será verdade?» – Redacção - Arlindo de L. M.**

Outra versão.

Não transcrevemos outra versão das lendas da ilha encantada e do rei D. Sebastião, num manuscrito intitulado «De como três frades franciscanos que no século XVII regressavam do Brasil a Portugal, depois de uma grande tormenta e após vinte dias de viagem e já perto da Madeira, encontraram descoberta a ilha encoberta e demais que se seguiu». AVF (1964) publica dois textos sobre a ilha de Arguim encantada, D. Sebastião e a sua espada, com os nomes «**Um rei encantado**» e «**Sebastianismo**», onde tece várias considerações sobre estas lendas.

No primeiro texto, inclui a versão dos frades franciscanos e junta várias versões recolhidas da espada do rei: uma diz que se encontra enterrada na Penha d’Águia, outra nas rochas do Cabo Girão e outra na Ponta da Galera ou da Galé na freguesia da Calheta. No seu acervo, temos o texto manuscrito que preparou para a publicação, onde junta uma versão com o nome «Os frades na ilha encantada ou melhor desencantada», comparando o texto já datilografado (que cola na página manuscrita) com o texto original.

## 2.4. Lendas Etiológicas

### Foto nº 2990 a 2991, Caixa nº 27.3

#### 19-1-1948 - «A lenda da “Furna do Negro”» - Exercício de Português - António Ferreira Henrique Cunha (Seminário)

Lenda que explica o topónimo “Furna do Negro”, no Porto da Cruz, onde um negro teria entrado e desaparecido. AVF (1964: 66) publica esta lenda com o título «A Furna do Negro».

### Caixa nº 2963 a 2964, Caixa nº 27.3

#### Porto Moniz, 1947 - «A cova do negro» - Rafael Gonçalves da Costa (V Ano)

Outra versão.

### Foto nº 2965 a 2967, Caixa nº 27.3

#### 3-3-1958 - «A furna do Cavalum» - Redacção – Alves

Lenda do concelho de Machico que não tivemos tempo de transcrever.

### Foto nº 2968 a 2969, Caixa nº 27.3

#### «A furna do Cavalão» - Fernando

Outra versão. AVF (1964: 99-106) publica a lenda com o nome «As furnas do Cavalão», onde reúne “lendas e superstições” recolhidas da “tradição oral”. Os nomes *Cavalum* e *Cavalão* são duas formas diferentes ou variantes morfológicas do mesmo topónimo.

### Foto nº 2950, Caixa nº 27.3

#### São Roque do Faial, 1-7-1947 - «A levada Velha» - “Conto popular” - Noé de Jesus Teixeira Cardoso

Lenda sobre a construção de uma levada que tanta falta fazia para regar os campos, mas que ninguém se atrevia a fazer porque era preciso rasgar rochedos na montanha, para canalizar a água numa levada. É uma velha da localidade que pega numa enxada e começa a obra sozinha, tendo depois homens que a ajudam. Dá todo o seu dinheiro para a construção da levada e, quando fica pronta, a velha agradece a Deus e morre. Nesta versão, o título da lenda, anotada como “conto popular”, é «A levada Velha», enquanto na versão seguinte é «A levada da Velha». AVF (1964: 9-22) publicou este texto, juntamente com outras versões da mesma estória, com o nome «A lenda das levadas», onde diz que a tradição popular possui algumas versões sobre a Velha, com pontos semelhantes e com variantes. Começa pela Velha da Ponta do Sol, seguindo-se a do Curral das Freiras, do Estreito de Câmara de Lobos, da Fajã da Nogueira e S. Roque do Faial, que deu o nome à “Levada Velha”, que antes seria chamada “Levada da velha”, e a da freguesia de S. Jorge. Aqui, a velha não só é rica, mas também é mesquinha e avarenta. Vendo-se sem ter a quem deixar os seus haveres, mandou construir uma levada

que trouxesse água do Norte para o Sul da ilha. AVF termina dizendo que não é de estranhar se encontrarmos ainda mais versões.

**Foto nº 2992 a 2993, Caixa nº 27.3**

**Estreito de Câmara de Lobos - «A levada da Velha» - Agostinho Figueira**

Outra versão.

### **3. Romances ou rimances tradicionais**

Os romances ou rimances tradicionais são, originalmente, romances de cavalaria medievais que, geralmente, são poemas épico-líricos, como a «Morte do Príncipe D. Afonso de Portugal». Em *Romanceiro oral da tradição portuguesa*, Pinto-Correia (2003: 15-35) escreve que “o conjunto de composições que conhecemos pela designação de «romances» ou, para alguns, de «rimances», que integram o romanceiro português e, mais globalmente, o romanceiro pan-hispânico, apresenta-se-nos como um amplo *corpus* por sua vez situado na literatura tradicional”. O autor explica a origem do termo «romance» (2003: 19-20):

O lexema «romance» como designação de composição textual e discursiva apresenta-se em português (e, embora menos, também no castelhano) como entidade linguística polissémica. (...) No sentido linguístico, «romance» equivaleria a dizer: «falar, exprimir-se à maneira romance», isto é, como a nova modalidade linguística derivada do latim que constituiu o estágio necessariamente transitório para cada uma das novas línguas românicas. No sentido literário, «romance» será a longa, complexa e trabalhada história ou intriga narrada numa língua românica ou outra, de forma muito diferente da em que as histórias latinas nos eram transmitidas, e ainda no sentido agora pertinente para nós, história contada em língua oral (não escrita) bem compreensível por todos (letrados e não-letrados).

Ou seja, a palavra que primitivamente designava língua falada passou a designar histórias orais, de carácter fabuloso e maravilhoso (*romanesco*), de autor desconhecido, que o povo cantava nas suas atividades e lazeres, sendo, geralmente, os romances tradicionais composições em verso.

Faria (2009), além dos romances do «ciclo bretão», com muitas versões em Portugal durante a Idade Média, refere os romances tradicionais com origem peninsular. Segundo o autor, estes tratam de assuntos de “contexto histórico peninsular” e do universo “configuracional carolíngio” e são os romances do chamado «ciclo carolíngio» que enraízam na tradição oral portuguesa medieval (*A Morte de D. Beltrão*, *Conde Claros*, *D. Gaifeiros*, *O Conde Preso* e *Flores vento* são os romances que melhor ilustram esse ciclo). Afirma que, tratando-se de composições curtas e de fácil memorização, a sua

sobrevivência foi garantida pela fusão de um romance noutra ou pela criação de novas versões a partir de um único romance ou, ainda, por haver transferência dos feitos de uma personagem para outra.

Faria (2009: 48) regista que, na edição do *Romanceiro Popular Português* do Centro de Estudos Geográficos do Instituto Nacional de Investigação Científica (volume I, 1987), Maria Aliete Galhoz organiza os romances tradicionais por ciclos temáticos. Além dos que têm origem na Idade Média, como os épicos, os carolíngios, os históricos e os bíblicos, a autora agrupa os outros romances por temas: «regresso do marido», «amor fiel», «amor desgraçado», «esposa desgraçada», «adúltera», «mulheres tratadoras», «raptos e violadores», «incesto», «mulheres sedutoras», «mulheres seduzidas», «várias aventuras amorosas», «morte personificada», e por tipologias, os «religiosos» e os de «animais». Faria (2009) mostra que são temas e tipologias comuns aos contos populares, o que confirma, uma vez mais, a íntima relação entre um género e outro. Porém, salienta que se há essa aproximação temática e tipológica entre romance tradicional e conto popular, também há dissemelhanças a assinalar: o romance em verso, ao contrário do conto, dá saltos ou curtas elipses, tem um *incipit* e um *terminus ex abrupto*, e a acção surge mais concentrada.

Cardoso, no seu *Grande Cancioneiro do Alto Douro*, considera os romances poemas lendários e indica que Garrett, pioneiro na recolha destes, admite duas espécies de histórias: o *romance*, que é todo narrativo, e a *xácara*, que é toda dramatizada, muitas vezes coexistindo o *romance* e a *xácara*. Acrescenta que, quando a história é triste, pode chamar-se *solau* e que, popularmente, também se lhes chamou: *rimances*, *romanças*, *trobos*, *trovas*, *motes* ou simplesmente *versos* (2006: 1484-1485). Afirma que os temas principais do romanceiro do Alto Douro são as tradições hagiográficas, aventuras guerreiras, sociais ou amorosas, como *A Nau Catrineta* (II,922 e 923), *Santa Iria* (II,1013), *O Conde da Alemanha* (II,990 e 991), encontros e desencontros, etc. (2006: 1490). Explica que “Os rimances são, por sua natureza, narrativas breves, limitadas na acção e concentradas em espaço (muito vago) e tempo (muito condensado, embora apareçam algumas vezes as datas e até os dias da semana (...)) Esta técnica narrativa de condensação temporal e focagem nos nódulos diegéticos é típica dos relatos destinados a serem transmitidos oralmente (2006: 1507).

Nunes (2016) cita Álvaro Rodrigues de Azevedo, que, no seu *Romanceiro do Archipelago da Madeira*, publicado em 1880, reúne vários “exemplares poéticos (...) todos mais ou menos narrativos, e de assumpto e typo, originariamente, ou por assimilação, medievaes”, pertencentes à classe romance e seus congéneres, que diz terem sido “colhidos na tradição oral dos povos destas ilhas do Porto-Sancto e Madeira”. Explica, um pouco mais à frente, que “De muitas pessoas do baixo-povo, quasi todas analphabetas, tomámos directamente grande numero de exemplares, tradicionaes em diversos logares destas ilhas.” (1880: V-VI). O autor considera que

As condições históricas e geográficas deste Archipelago da Madeira explicam o como a poesia narrativa medieval a elle passou e nelle até agora tem subsistido. (...) profundamente radicou essa poesia nestas ilhas, porque, como em outro escripto mostrámos, o viver e costumes medievaes aqui implantaram, e, já quando no continente decahiam, cá vigoravam e com tal efficacia aclimaram, que, ainda agora, a despeito de tantas innovações, em muito perduram, especialmente na agricultura. (...) E, em tal ambiente, a poesia narrativa da Idade-Média, injeitada do cultismo palaciano europeu, neste archipelago aposentou, vigente e dominadora. Deste modo, radicada a poesia narrativa medieval, causas não menos especiaes a mantiveram até agora na tradição oral destas ilhas. (...) a população duplamente insulada do contacto exterior pelo mar e pela adversidade (...) tem conservado a poesia narrativa medieval, confiada à sua tradição. (1880: VII-XI)

Sobre a questão da adaptação da língua popular, feita na recolha desta literatura de tradição oral, Álvaro Rodrigues de Azevedo (1880) escreve que se trata de um “processo, não tanto de intuito poetico, quanto histórico, linguístico e etnográfico”, mas expurga todas as adulterações populares da poesia tradicional, restaurando os textos, que mostra serem antigos romances popularizados na tradição oral: “«O povo apropriou-se por muito bom jus, sem duvida, dessa poesia narrativa medieval, injeitada de senhores; mas nem por isso ella se póde dizer obra de propria origem popular» (XXI)” ( *in* Nunes, 2016). Esta questão é importante, na medida em que AVF publica as recolhas populares com o objetivo de valorizar as tradições do povo, porém nem sempre conserva, na escrita da linguagem popular e regional, as características da oralidade.

Nunes (2016) menciona Ferré (1982), que afirma que o trabalho de recolha se caracteriza, principalmente, pela certeza de que nunca se recolherá uma mesma versão, nem sequer quando se trata do mesmo informante. Segundo Ferré, os textos tradicionais assentam na memória, que o impede de variar descontroladamente até à sua descaracterização. Por isso, mesmo com muitas variantes, o sentido é preservado através da manutenção de fórmulas com significado equivalente, “a invariante do texto tradicional. Pelo exposto se explica como, mesmo para um leigo, o reconhecimento de um tema é feito muito para além do grau de variação do seu discurso” (Ferré, 1991: 440). Ferré (1983: 153) refere Nascimento, que considera a contaminação um dos processos de variação que acelera a formação de variantes. Estas são testemunhos de temas que predominaram em determinadas áreas geográficas, documentando as cenas que permanecem com maior incidência na memória tradicional, ou seja, o grau de preservação dos temas originais no arquipélago e as incorporações ou contaminação com temas madeirenses. Nascimento (*in* Ferré, 1991: 354) defende que a sobrevivência de um romance depende da sua capacidade de adaptação aos novos tempos, ou seja, a variação é o garante da sua própria existência. Nunes (2016) acrescenta que as versões fragmentárias ou contaminadas são explicadas pelo facto de a memória ser limitada. A contaminação ocorre por fusão de dois temas que quase se sobrepõem, como a «Infantina» e «O Cavaleiro Enganado».

Pinto-Correia cita Giacometti, que reconhece que os romances se encontram ligados ao lazer e sobretudo ao trabalho rural: “A sua interferência em ritos de trabalho (as cantigas das segadas e, também, das malhas, da apanha das ervas, da fiação e tecelagem do linho, etc.), em datas consagradas no calendário cristão (Janeiras, Reis, Quaresma) ou, ainda, em horas devocionais do dia e da noite, assegura-lhe um lugar de predileção na memória (e no gosto popular).” (*in* Pinto-Correia, 2003: 32). Sendo transformados pelo próprio processo dinâmico da transmissão oral, refere que sofreram a ação do tempo, com “supressões e aditamentos, sínteses e amplificações”, operações que diz exercitarem “as várias possibilidades da «elasticidade», que é uma das características de qualquer tipo de discurso humano (podendo resolver-se por expansão ou condensação)” (2003: 16-17). Apresenta ainda os conceitos de «tradicionalidade» e de «produtransmissão» (Pinto-Correia, 1984: 19-20), mostrando que, nas várias versões dos romances, torna-se bem patente a ação transformadora exercida na expressão e no conteúdo pela transmissão ao longo do tempo, por parte de todos quantos contribuíram para a sua sobrevivência.

Pinto-Correia defende que esta literatura se distingue das composições literárias ditas cultas porque tem características comuns aos “textos da «literatura popular oral tradicional”, isto é, “aos contos populares, às lendas, às adivinhas, às cantigas de embalar e a outros tantos representantes dos géneros da poética da oralidade tradicional” (Pinto-Correia, 2003: 17). É esta semelhança que explica o facto de alguns destes romances em verso com rima (talvez por isso chamados primitivamente «rimances»), na atualidade, terem passado à forma de conto em prosa, embora guardando alguns vestígios da primitiva versificação (Nunes, 2016). Marques (2010: 24-25) diz-nos que, nos romances, “os versos, idealmente, têm a mesma rima do início até ao fim do texto, embora por vezes as versões orais apresentem irregularidades na rima, produto da própria transmissão oral”. Para o autor, “a característica fundamental dos textos orais (...) é viverem na oralidade em versões diferentes, facto que claramente os distingue dos textos da literatura escrita”. Segundo Ferré (1991: 397), o romanceiro, como género tradicional, vive através de variantes e “a sua incessante variação constitui a sua mais genuína essência”. O cantor de romances propaga-os a partir de uma matriz herdada, sendo, contudo, a sua criatividade “sempre subordinada à mensagem que herda”, distinguindo-se das literaturas populares repentistas. Neste sentido, Ferré defende que, no que diz respeito à literatura tradicional, a memória e a variação, isto é, a dimensão criativa do romanceiro, são as duas faces da mesma moeda.

Em *Romances tradicionais da Madeira*, Ferré (1982: 11-23) escreve que este património tradicional oral “mais cedo ou mais tarde morrerá pela evidente a funcionalidade deste tipo de literatura no século em que vivemos. (...) Muitos dos informantes que gentilmente contribuíram para esta obra não encontraram entre os seus familiares continuadores. Fechar-se-á com eles um ciclo iniciado durante o povoamento do arquipélago”. O autor conclui que, “como se pode comprovar pelos textos apresentados, a “Donzela guerreira” e a “Infantina”, juntamente com o “Cavaleiro enganado” e a “Irmã cativa”, são os romances mais conhecidos da tradição oral

madeirense”. Matos também estudou a literatura oral tradicional madeirense, indicando que “o romance é, normalmente, representado em versos largos, consonânticos e bipartidos em dois hemistíquios (...) as temáticas mais frequentes dos romances são as que estão ligadas a assuntos novelescos, a situações histórico-lendárias e a motivos religiosos” (2004: 17-18). No *Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira*, Ferré e Boto (2008: 16) informam-nos que encontramos alguns versos do romanceiro tradicional português mesclado com o modelo narrativo tradicional madeirense do romance, enquanto repertório tradicional da Madeira, respeitando os protótipos de contaminação típicos da zona, “Isto é: determinados romances vivem, nesta região, aglomerados com outros temas, formando com estes um todo narrativo”. Algumas versões estão nitidamente incompletas, ou seja, são romances claramente fragmentários, o que é natural nas recitações de transmissão oral, sendo urgente a sua recolha antes que desapareçam. Como escreve Ferré (1982: 9-11):

a Madeira e o Porto Santo continuavam a ser promissores territórios que deveriam ser objeto de uma nova prospeção. Sabia-se que muito havia a esperar destas ilhas pela qualidade e mesmo raridade de alguns dos temas recolhidos no séc. XIX, somando-se a esta a famigerada insularidade que aprioristicamente favorecia a permanência de romances já perdidos no continente, paralelamente ao que ocorria com as ilhas Canárias ou Baleares na tradição castelhana e catalã. (...) o trabalho de recolha caracteriza-se principalmente pela certeza de que nunca se recolherá uma mesma versão, nem sequer quando se trata do mesmo informante.

Quanto à classificação dos romances, sempre que ocorrem incorporações ou contaminações, são identificados pelo tema dominante, tal como faz Ferré (1982) na recolha dos romances tradicionais do arquipélago da Madeira. Das várias propostas existentes de classificação/catalogação dos romances tradicionais, seguimos a adotada por Pinto-Correia (2003), na sua antologia denominada *Romanceiro oral da tradição portuguesa*, que, por sua vez, segue os critérios tradicionais aceites pelos estudiosos anteriores, designadamente de Ramón Menéndez Pidal, seguindo a arrumação dos romances da coleção de Leite de Vasconcelos e acompanhando a ordenação proposta por Samuel G. Armistead e por Manuel da Costa Fontes, bem como a de Perre Ferré, tendo por base os tipos mais gerais de classificação, de acordo com a natureza genético-temática dos romances: **romances de contexto histórico peninsular; romances carolíngios; romances novelescos** (que incluem as subsecções «presos e cativos», «regresso do marido», «amor fiel», «amor desgraçado», «esposa desgraçada», «adúltera», «mulheres matadoras», «raptos e violações», «incesto», «mulheres sedutoras» e «mulheres seduzidas»); **romances religiosos** (com as subsecções «Jesus Cristo», «Virgem Maria» e «santos»); e **romances de assuntos vários**.

Nas *Recolhas Xarabanda I Romances Tradicionais e Cantigas Narrativas*, da Associação Musical e Cultural Xarabanda, na introdução, Pinto-Correia (1995: i) escreve que esta amostra de romances recolhidos em vários locais do arquipélago da Madeira

Constitui acervo representativo da tradição romancística madeirense: num total de cerca de cento e dez versões, encontram-se representadas quatro dezenas de «romances», dezoito dos quais contam com existência vetusta no romanceiro de expressão portuguesa. No que respeita a estes últimos, encontram-se ocorrências de grande mérito nos «**Romances de Assunto Histórico de Contexto Peninsular**» (*Morte do Príncipe D. Afonso de Portugal*), nos «**Romances Carolíngios**» (*Conde Claros em hábito de frade*), nos «**Romances novelescos**» (sobretudo *Bela Infanta*, *Delgadina*, *Conde Alarcos*), nos «**Romances Religiosos**» (*O lavrador*), nos «**Romances de Assuntos Vários**» (as muitas versões de *Donzela Guerreira* e as esperadas de *Nau Catrineta*). Perfazem a coleção romances mais recentes (*A febre amarela*) ou mesmo vulgares (*Carlos e Rosa* e alguns romances de animais), não faltando os circunstanciais (*A Chegada de D. Carlos à Madeira* ou a *História do homem que foi para a América*).

A citação que acabamos de apresentar revela bem a complexidade da classificação deste tipo de composições poéticas, uma vez que cantigas narrativas mais recentes também podem ser vistas como «romances», embora na obra referida surjam separadamente como «romances tradicionais» e «cantigas narrativas», sendo todas de verso longo, o que não acontece com as composições de verso curto, que são pequenas histórias vulgares e que incluímos nas quadras populares. Trata-se de um problema de separação de géneros, tal como acontece entre alguns «romances» e contos e entre contos e lendas, que nem sempre é de fácil distinção.

Como se trata de uma área do conhecimento muito especializada do âmbito linguístico-literário, além do *Romanceiro.pt – O Arquivo do Romance Português da Tradição Oral Moderna* (cf. webgrafia), coordenado por Pere Ferré, consultámos outros recursos disponíveis *online*, que apresentam a classificação de muitas destas composições, como: o “Arquivo do Conto Tradicional Português” e o “Arquivo Português de Lendas”, do Centro de Estudos Ataíde Oliveira (CEAO) da Universidade do Algarve (cf. webgrafia). Vimos também a secção “Património imaterial e imaginário simbólico” do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (IELT-FCSH) da Universidade Nova de Lisboa. Não nos foi possível aceder ao *Arquivo Digital da Literatura Oral Tradicional* (ADLOT) do Centro de Tradições Populares Portuguesas Prof. Manuel Viegas Guerreiro – CLEPUL, da Universidade de Lisboa, por se encontrar inacessível.

O facto de os romances se apresentarem, na maior parte das vezes, fragmentários e com várias denominações, para não falar das contaminações que sofrem ao longo do tempo, dificulta muito a sua classificação. Por exemplo, em *Tradição Oral de Santana* (2009), estão documentados «romances» como: *Bela Infanta*, *Soldado que anda na guerra* (*O Soldado*), *D. Silvana* (*O Conde Alarcos*), *Esposa Helena*, *O Ladrão* (*Falso Cego*), *História do Rei Enamorado* (*Delgadinha*), *João Martinho* (*A Donzela Guerreira*), *A Bela Aninhas* (*Infantina*), que são separados dos «romances vulgares» ou «cantigas

**narrativas»:** *A Velhinha, O Convento, A Menina e os Seus Amores, A História de António e Leonor, O Homem Falso, Uma Rapariga, História de Emília, História do Galo, Adelaidinha, A Vida de um Jogador, Rosinha, Ceguinha, Uma Rapariga que Caiu no Caldeiro, Versos de Maria de Jesus, História de um Ceguinho e uma Criança, História de um Rapaz e uma Rapariga, As Moças do Tanque Remangue, Coelhoinho, História de Ernesto, O Primo que Queria Casar com a Prima, O Boi Bragado, A Bela Pastora, Soldado dos Açores, A Tragédia de 4 de Março, Pobre mãe, O Homem Rico, No Cemitério, História de Pai, Mãe, Filho e Filha.* Estes surgem a par de um Conto Popular denominado *História Popular* e de duas composições de índole religiosa: *Pedrinhas do Adro* e *Orações da Morte de Jesus Cristo*. Transcrevemos aqui a lista das composições com os respetivos nomes, uma vez que algumas são as mesmas recolhidas por AVF, para as quais pretendemos propor uma classificação.

### **3.1. Romances novelescos**

Ferré (1982: 23) informa que a «Donzela guerreira» e a «Infantina», mais o «Cavaleiro enganado» e «A irmã cativa», são os romances mais conhecidos da tradição oral madeirense. Algumas versões destes romances ou poemas tradicionais são recolhidas já muito fragmentadas, como nota o autor. Encontramos várias versões destes romances novelescos no acervo de AVF.

#### **Foto nº 2265 a 2267, Caixa nº 12.3**

##### **Faial - «O caçador»**

Trata-se de um dos romances tradicionais mais recolhidos na Madeira, que aqui surge com o nome «O caçador», mas corresponde à «Infantina» (Nunes, 2016) ou «A irmã cativa». A irmã do príncipe que vai à caça esteve encantada na serra durante sete anos e um dia e o irmão não a reconhece. Nesta versão, a palavra assinalada “Pero” seria “perro”, forma do Castelhana que ocorre noutras versões e que se explica pelo facto de a transmissão destes romances que vêm de França, daí a princesa ser filha do rei de França, ter sido feita via Espanha. Nesta versão, transcrita em apêndice, destacam-se o nome do cavalo “Roucinho”, que não aparece noutras versões, e o nome do irmão da princesa encantada que é “Douçalino”, em vez de *Gonçalino*, o mais frequente.

#### **Foto nº 2268, Caixa nº 12.3**

##### **Porto Santo - «O caçador» (outra versão)**

Trata-se de um fragmento de outra versão, em que já aparece a palavra portuguesa “cão”, em vez de “perro”. Enquanto na versão anterior o príncipe se encosta a um loureiro, aqui é um pinheiro. Tal como na versão anterior, encontramos a palavra antiga de origem árabe “aljofres/aljofres”, na descrição de beleza sublime, frequente também em contos populares de cariz maravilhoso (Nunes, 2016).

### **Foto nº 2269, Caixa nº 12.3**

#### **Curral das Freiras - «Caçador que vai para a Serra» (rimance)**

Nesta versão do Curral das Freiras, recolhida com o nome «Caçador que vai para a Serra», ocorre a forma castelhana “perro” e o caçador em vez de se encostar a uma árvore, “Encostou-se a um homem / Mais alto que a maravilha”. Encontramos a forma “monvinda”, que o caçador dirige à bela menina e que parece remeter-nos simultaneamente para o Francês “mon/ma” e o Castelhana, “mi vida”. A narrativa não é coerente porque se perderam partes da estória: depois da menina pedir para o cavaleiro a levar por companhia, e dizer que é filha de moira, temos a voz do cavaleiro a dizer “volta atrás”, a rimar com a forma pinhais, que o coletor corrige para punhais; quando ele reconhece a irmã, temos o verso “pelos sinais que me dás” e logo a seguir “toque nos sinos da côrte”, dificultando a compreensão. A terminar o romance, regista-se “Já apareceu o belo infante / Mais seu irmão Constantino”, onde temos o masculino “belo infante” por “bela infanta” e o nome do irmão é Constantino.

### **Foto nº 2231 a 2234, Caixa nº 12.2**

#### **«Apareceu a Dona Infanta»**

Em Câmara de Lobos e Curral das Freiras, em versões semelhantes, com ligeiras diferenças. Trata-se do romance tradicional «**Infantina**», «**Dona Infância**», «**O caçador**» ou «**Infanta de França**» (Nunes, 2016). Esta versão e a anterior apresentam a mesma expressão “moira Maria” por “mouraria” e “moirão” por “moiro” ou “mouro”. AVF não publica este romance, apesar de ter recolhido várias versões do mesmo. Em *Continhos populares madeirenses* (1996: 101-102), encontramos o romance «**O cavaleiro enganado**», com o nome «**Uma princesa encantada**», que, por vezes, se confunde com o romance «**O caçador**» ou «**A Infantina**», em que há um processo de contaminação que ocorre pelo facto de nas duas estórias haver uma princesa encantada, mas que no segundo caso é irmã do cavaleiro/caçador. Como os romances tendem a perder a sua versificação original (Nunes, 2016), acabam por se confundir com os contos maravilhosos, devido à proximidade das suas temáticas. Daí a dificuldade, nestes casos, em distinguirmos o romance dos contos.

### **Foto nº 2271 a 2272, Caixa nº 12.3**

#### **Câmara de Lobos - «Menina encantada» - rimance coligido por Rufino**

Aqui temos mais uma versão do romance, com o nome «**Menina encantada**», neste caso em vez da princesa dizer que é filha de um mouro da maior mouraria, diz ser filha de um judeu da maior judiaria e filha de um mulato da maior mulataria. Por isso, aquele que nela tocar em judeu e mulato se tornaria e não num mouro. Nesta versão, tal como na anterior, os romances terminam da mesma forma: “Apareceu a dona Infante” e o nome do irmão é Marcelino.

No acervo de AVF, encontramos também o “Rimance” chamado «**Gonçalino**», sem local e sem data. AVF (1996: 101-102) publica, como conto popular, a estória do romance «**Apareceu a Dona Infanta**», também com contaminação de/com «**O cavaleiro enganado**», contada em prosa, com o nome «**Uma princesa encantada**» (um príncipe pede uma princesa em casamento, mas uma fada velha e cheia de rancor fada a princesa, que vai para a serra; uma mulata invejosa penteia-a e enfia-lhe um alfinete na cabeça e ela fica encantada), enquanto o romance é em verso. Outras versões das mesmas estórias, também em prosa, não foram publicadas por AVF: «**As três cidras do Amor**» (a terceira cidra é uma bela menina que fica à espera do príncipe e uma preta invejosa enfia-lhe um alfinete na cabeça, transformando-a numa pomba, e diz ser a menina que ficou queimada pelo sol; o príncipe casa com ela porque lhe tinha prometido casamento), recolhida em Câmara de Lobos em 1963, e «**Encantamento**» (um rei tem uma filha que vai para a serra e fica encantada), sem local e sem data de recolha.

**Foto nº 2273 a 2275, Caixa nº 12.3**

**Curral das Freiras - «Dona Aninhas» (Rimance)**

Romance novelesco com reis, rainhas, príncipes e princesas, neste caso a protagonista é a «**Dona Aninhas**» e o seu amado é D. João.

**Foto nº 2276 a 2277, Caixa nº 12.3**

**Estreito de Câmara de Lobos - «**Conde Ninho**» (João Janes)**

Nesta versão do romance anterior, com o nome «**Conde Ninho**», o amado de D. Aninhas é D. Bernardo.

**Foto nº 2490 a 2491, Caixa nº 12.3**

**São Roque do Faial, 3-1-1947 - «**História duma princesa**» - Noé de Jesus Teixeira Cardoso**

Outra versão do mesmo romance em que a princesa, a quem os pais negaram o casamento, vai à procura do cavaleiro que queria casar com ela. Quando lá chega, ele já tem outra mulher e filho e ela morre de desgosto.

**Foto nº 2314 a 2315, Caixa nº 12.3**

**Porto Santo - «**D. Dizarda**» (Rimance)**

Parece ser uma versão diferente do romance «**Dona Aninhas**» e «**Conde Ninho**».

**Foto nº 2316 a 2319, Caixa nº 12.3**

Outra versão do mesmo romance com o nome «**D. Dizarda**», também recolhido no Porto Santo.

**Foto nº 2282 a 2288, Caixa nº 12.3**

**Porto Santo - «**Cantiga da Senhora Ângela**»**

Trata-se de outra versão do romance «**Dona Aninhas**», «**Conde Ninho**» e «**D. Dizarda**», esta com o título «**Cantiga da Senhora Ângela**», porque a filha do rei tem este nome e fica grávida de Condalaides/Condalaides, que tem de matar a mulher para casar com ela.

**Foto nº 2569 a 2570, Caixa nº 12.3**

**Ribeira Brava – “História”**

Estória de uma donzela que se sente enganada por João, o seu amado, que não lhe fala em casar. Parece ser uma versão muito alterada do encontro de D. Aninhas com D. João.

**Foto nº 2330 a 2331, Caixa nº 12.3**

**Monte - António**

Nesta versão da estória, sem nome, o protagonista é o Conde d’Alemanha e está a dormir com a rainha. Dona Bernaldina, a filha, denuncia a situação ao pai e o conde é morto.

**Foto nº 2398 a 2401, Caixa nº12.3**

Outra versão do mesmo romance tradicional, com o nome «**Conde de Alarcos**», recolhida no Estreito de Câmara de Lobos.

**Foto nº 2416 a 2417, Caixa nº 12.3**

**Estreito de Câmara de Lobos, 1954 - «Delgadinha» / «Desejo insatisfeito» - João Gomes Henriquez**

Estória em que o rei quer ter a filha, Aldinha, por namorada, o que ela não aceita sendo enclausurada. Ao fim de sete anos, concede o desejo ao pai, mas assim que chega à cama deste morre.

**Foto nº 2418 a 2422, Caixa nº 12.3**

Versão muito semelhante do romance anterior, de Aldina, recolhido no Porto Santo.

**Foto nº 2759 a 2760, Caixa nº 12.10**

**Fajã da Ovelha – “Rimance – Diálogo”**

Uma donzela despede-se do seu amado porque vai morrer. Ela diz para ele arranjar outra mulher, mas ele diz que não quer. Inclui quadras que surgem noutras composições populares, designadamente sobre o cabelo que ela deixa para ele fazer um “trancelim” para o relógio, terminando com o adeus dele, o que nos remete para «Febre amarela».

Encontramos ainda outra versão, sem nome, deste romance, que começa com os versos “não sinto prazer no rosto / sinto o pulso a estremecer”, do Porto Santo, sem data.

**Foto nº 2761, Caixa nº 12.10**

**Paul do Mar, 1954 – “Diálogo”**

Outra versão parecida com a anterior.

**Foto nº2289 a 2290, Caixa nº 12.3**

**«Veneno de Moriana» - “Historieta”**

Trata-se da estória de Moriana, nome que nesta versão apresenta alterações fonéticas nas variantes *Muliana* e *Juliana*, que foi enganada por D. Bruno, a quem deu a beber veneno, quando soube que este ia casar com outra mulher.

**Foto nº 2488 a 2489, Caixa nº12.3**

**Estreito de Câmara de Lobos - «O veneno de Moriana» – “Rimance” (outra versão)**

Outra versão idêntica à anterior. Esta tem a indicação do local onde foi recolhida e aparece classificada como “Rimance” e não “Historieta”.

No espólio de AVF, que ficou por transcrever, encontramos ainda outra versão de «O veneno de Moriana», sem local e sem data.

**Foto nº 2434 a 2435, Caixa nº 12.3**

**De Santa Cruz - «Má sogra» / «A deixa das prendas»**

Estória em que a sogra mente ao filho, que foi à caça com o seu cavalo, sobre a sua esposa Helena que o tinha deixado, quando apenas foi visitar a mãe. Entretanto, acabada de ter um filho, o marido chega à casa dos sogros e deseja matá-la, até que percebe o seu amor. Nesta composição, encontramos as formas *manjar* e *perra* (esta do Castelhana), características dos romances antigos de tradição peninsular (Nunes, 2016). Será uma versão do romance conhecido por «Esposa Helena».

### **3.2. Romances de assuntos vários**

**Foto nº 2479, Caixa nº 12.3**

**Monte – “Conto do Monte”**

Versos sobre a vingança da morte do marido, numa composição em que a mãe fala ao filho sobre o pai, que foi morto com um punhal.

Encontramos ainda as composições em verso denominadas “Contos do Monte” e “Conto do Monte”, outras versões, sem local e sem data. Nas quadras populares, em cantigas narrativas, também temos composições em verso com o mesmo nome «Conto do Monte», embora sejam estórias diferentes.

**Foto nº 2501 a 2502, Caixa nº 12.3**

**Machico – “Rimance - Cantiga de amigo”**

Versos sobre a Senhora Hermínia que anda na serra a pasturar o gado e pede a um passarinho para levar uma carta ao seu bem-amado esposo/noivo que está longe. Parece

ser uma contaminação da estória de uma pastora com a de uma dama no seu palácio, cujo marido foi para a guerra. Composição classificada pelo coletor como “rimance” ou “cantiga de amigo”, remetendo para a sua origem medieval.

**Foto nº 2503, Caixa nº 12.3**

**De S. Gonçalo - «Hermínia e Justino»**

Outra versão parecida à anterior. Nesta, em vez de João Lino, o noivo chama-se Justino.

**Foto nº 2507 a 2509, Caixa nº 12.3**

**Estreito de Câmara de Lobos - «Andava Hermínia na serra» - Coligido por Agostinho Figueira**

Outra versão semelhante.

**Foto nº 2510 a 2513, Caixa nº 12.3**

**Arco de S. Jorge - «A pastora e o passarinho»**

Outra versão da mesma composição.

**Foto nº 2514 a 2515, Caixa nº 12.3**

**Faial - «A pastora e o passarinho»**

Versão semelhante às anteriores.

**Foto nº 2516 a 2518, Caixa nº 12.3**

**Colhido no Funchal (de gente de Machico), 9-1-1946 - «A pastora e o passarinho» - Férias de Natal - Adelino Marote (Seminário do Funchal)**

Mais uma versão.

**Foto nº 2519 a 2522, Caixa nº 12.3**

**Curral das Freiras - «Andava Hermínia na serra...»**

Outra versão.

**Foto nº 2524 a 2527, Caixa nº 12.3**

**Do Monte - «A pastora e o passarinho»**

Mais uma versão.

**Foto nº 2528 a 2530, Caixa nº 12.3**

**Folclore do Faial - «A Pastorinha»**

Outra versão.

**Foto nº 2630 a 2633, Caixa nº 12.3**

**S. Gonçalo, 8-5-1976 - «Amália a Josino» - “História em verso” – Adelino Olim Marote (Seminário do Funchal)**

Mais uma versão.

**Foto nº 2402 a 2403, Caixa nº12.3**

**Estreito de Câmara de Lobos - «D. Martinho, a mulher guerreira» - Rimance**

Romance tradicional que conta a estória de um pai que já está velho e não pode ir para a guerra e a sua filha disfarça-se de homem e vai lutar, mudando o nome para D. Martinho. Um dos companheiros de batalha apaixonou-se pelos seus olhos, desconfiando que seja uma mulher e a mãe dele aconselha-o a pô-la à prova.

**Foto nº 2405 a 2406, Caixa nº12.3**

Versão semelhante do romance «**D. Martinho, a mulher guerreira**» de Câmara de Lobos, datada de 1959, enquanto a versão anterior é do Estreito de Câmara de Lobos, sem data.

No conjunto de manuscritos que ficou por transcrever, encontramos ainda outra versão deste “Rimance”, intitulado «**História de D. Martinho**», sem local e sem data.

**Foto nº 2454 a 2457, Caixa nº 12.3**

**Faial, 3-4-1957 - «Bela Infanta (A vuelta del esposo)» – Romance**

Romance que narra a estória de um cavaleiro que volta da guerra e põe à prova a sua esposa, para ver se ela lhe continua fiel. Ela pede-lhe notícias do marido, oferecendo todos os bens e as próprias filhas para o servirem e para casar com a mais bonita. Até que ela confirma ser o seu marido, por conhecer os sinais que ela tem no corpo.

**Foto nº 2493 a 2494, Caixa nº12.3**

**Santana – “Romance”**

Estória de uma mãe com nove filhos e uma filha, Garantina, que não aceita casar com nenhum guerreiro e o irmão Constantino quer casar com ela. Todos os irmãos morrem na guerra e ele volta para casar com ela.

**Foto nº 2495 a 2498, Caixa nº 12.3**

**Sant`Ana – “História Popular” - José de Freitas**

Outra versão da estória parecida à anterior.

**Foto nº 2438/2439, Caixa nº 12.3**

**Santa Cruz - «O cativo» / «O prisioneiro»**

Fragmento de um romance, talvez de um cavaleiro medieval ou cruzado feito prisioneiro na guerra contra os infiéis. Texto com algumas formas lexicais antigas e outras que parecem ser do Castelhana, visto que, como já referimos, os romances tradicionais de origem medieval vêm de França e chegam a Portugal através de Espanha.

**Foto nº 2429 a 2431, Caixa nº 12.3**

**Santa Cruz - «D. Inês de França»**

Romance de D. Inês, filha do rei de França, que estava no seu castelo e foi raptada por um marquês. Já longe do castelo, ela pede-lhe o punhal e mata-o, para poder voltar para junto de seu pai.

**Foto nº 2297/2298, Caixa nº 12.3**

**S. Jorge, 1948 - «A Febre Amarela» - “(Rimas populares)” - coletado [sic] por Elias G. V.**

Estória de uma donzela que namorava em segredo. Vendo-se muito doente, a morrer com febre amarela, manda-o chamar para se despedir do seu amado.

**Foto nº 2299 a 2302, Caixa nº 12.3**

**Outra versão de «Febre Amarela»**

**Foto nº 2303 a 2307, Caixa nº 12.3**

Outra versão quase idêntica de «Febre Amarela», recolhida nas Achadas (Gaula?), com a indicação de «Rimance», sem nome.

**Foto nº 2310 a 2313, Caixa nº 12.3**

Outra versão de «Febre Amarela» (versos populares), recolhida em Gaula por Gabriel Arcanjo do Sá, com a indicação “Funchal, 14 de Janeiro de 1952”.

**Foto nº 2320 a 2323, Caixa nº 12.3**

Ainda outra versão de «Febre Amarela» (Rimance popular), recolhida em Gaula, sem indicação do nome do coletor.

**Foto nº 2594 a 2596, Caixa nº 12.3**

**Gaula, 9-4-1951 - «Os namorados» - Alberto Clemente Rodrigues (Seminário)**

Outra versão de «Febre Amarela».

**Foto nº 2705 a 2710, Caixa nº 12.9**

**De Boa Ventura - “Rimance”**

Mais uma versão da mesma composição.

No acervo de AVF, existe ainda uma outra versão de «Febre amarela», sem local e sem data. Podemos incluir aqui a composição «**História da Adelaidinha**», anotada como “rimance do folclore do Faial”, sem data, que não tivemos tempo de transcrever.

### 3.3. Romances de assunto histórico de contexto peninsular

**Foto nº 2324, Caixa nº 12.3**

**Estreito de Câmara de Lobos - «A morte do Príncipe D. Afonso» - Rimance coligido por Agostinho Zeferino**

Fragmento do romance sobre «A morte do Príncipe D. Afonso».

**Foto nº 2432 a 2433, Caixa nº 12.3**

**Quinta Grande, 1952 - «A morte do Príncipe D. Afonso» (Cantigas do povo)**

Fragmento ainda mais incompleto do mesmo romance, mas em que D. Afonso cai de um cavalo e não de um burro, como na versão anterior.

**Foto nº 2414 a 2415, Caixa nº 12.3**

**Câmara de Lobos - «Homem sem fortuna» (rimance) - coligido por Rufino**

Esta versão do romance parece mais completa do que as anteriores, com nomes muito diferentes: «A morte do Príncipe D. Afonso» e «Homem sem fortuna».

Encontramos ainda uma outra versão do romance «**A morte do Príncipe D. Afonso**», com o nome «**Testamento dum desgraçado**» e a indicação (escrita a vermelho por AVF) “Rimance”, sem local e sem data. AVF não terá chegado a publicar nenhum destes romances em verso.

### 3.4. Romances religiosos

**Foto nº 1433 a 1434, Caixa nº 11.5**

**Boaventura, 1954 - «História do lavrador» (rimance)**

Estória de um pobre lavrador que leva para casa um mendigo que lhe pede ajuda. Já em casa, serve-lhe a melhor comida e dá-lhe a melhor cama que tem. Quando descobre que é Jesus, este promete compensá-lo e à mulher no Céu.

**Foto nº 1891 a 1892, Caixa nº 11.12**

Versão idêntica à anterior, «**História do lavrador**», sem local de recolha.

**Foto nº 1436 a 1437, Caixa nº 11.5**

**Câmara de Lobos - «Vinha um lavrador do campo» / «O lavrador e o pobrezinho» (rimance) - coligido por Rufino**

Trata-se de outra versão do mesmo romance, aqui com dois nomes diferentes dos anteriores.

## **Foto nº 1888 a 1889, Caixa nº 11.12**

Versão idêntica, também de Câmara de Lobos.

### **4. Quadras populares**

As quadras ou poesias populares, que também fazem parte da literatura oral tradicional, algumas da autoria de poetas populares, como é o caso do Feiticeiro do Norte, na ilha da Madeira, têm como temas principais das cantigas: o amor, autobiografias, a natureza, acontecimentos concretos, canções de trabalho, filosofia de vida rural, etc. Nogueira (2016), ao escrever sobre “Poesia oral tradicional e funcionalidade”, diz-nos que, através da poesia oral (e da literatura oral e popular em geral), intimamente ligada à vida social, podemos apreender os sentimentos, os desejos e o pensamento de uma comunidade, entendida como um conjunto humano que partilha um espaço territorial definido, um fundo cultural comum e estabelece relações de estreita convivalidade e intimidade. Pois, os textos poéticos orais só se realizam desde que enquadrados nas práticas quotidianas dos seus intérpretes, seja nas ocupações laborais ou religiosas (como romarias e festas de índole religiosa), seja nos momentos de lazer ou nas ocupações edificantes, como no trabalho.

Canuto Soares, em “Subsídios para o cancionero do arquipélago da Madeira. Tradições populares e vocábulos do arquipélago da Madeira”, começa por dizer que “As poesias, ensalmos e vocábulos que adiante publicamos, coligimo-los da tradição oral, esforçando-nos sempre por conservar com todo o seu sabor nativo o cunho do génio popular que os produziu. Orientado por êsse critério, entregamo-los à publicidade com todas as deturpações e incorreções que são inerentes ao falar comum do povo”. Apresenta as seguintes composições: “trovas em louvor de Nossa Senhora do Monte”, “trovas populares”, “romances” (em versos, um curto sem título, “Menina de saia branca”, “História da D. Infante” e “D. Aninhas”), seguem-se adivinhas e benzeduras, terminando com o vocabulário madeirense.

Ferreira e Nunes (2017), ao escreverem sobre antigas canções de namorados, mostram a importância dos documentos escritos de fonte oral para o conhecimento da língua falada, neste caso na Madeira, e da linguagem popular, na época em que foram reproduzidos. As quadras populares são cantigas tradicionais que a memória guarda e recria, através da circulação e adaptação de versos conhecidos. No caso das cantigas de amor, como afirmam as autoras: “O conjunto de quadras populares de amor das antigas canções de namorados constitui uma pequena manta de retalhos da variedade e riqueza do cancionero de tradição portuguesa” (2017: 107), apresentando muitas variantes linguístico-discursivas.

Ferreira e Nunes (2017) referem Gonçalves (1970), que explica a distinção entre “trovas” e “cantigas”: as primeiras pertencem ao desafio, geralmente em arraiais, em que as quadras são improvisadas, enquanto as cantigas pertencem à poesia popular e são

aprendidas de memória. Acrescentam que o autor enumera: cantigas religiosas, de amor, de saudade, de apego familiar, de fidelidade à terra natal, de aventura e de comentário irónico, mencionando ainda as cantigas da erva, como de trabalho. Referem também o Visconde do Porto da Cruz (1954a), que fala da importância das trovas e cantigas nos arraiais madeirenses. Juntam a este as informações de Corte (1992), que refere a tradição dos grupos das romarias ao Senhor Bom Jesus, com instrumentos musicais tradicionais, que acompanham as quadras cantadas, em forma de despique, por homens e mulheres. Em *O Fio da Memória*, publicação da Associação Musical e Cultural Xarabanda, refere-se igualmente o despique em bailinho, como momento alto das festas populares nos arraiais tradicionais madeirenses, com os «brincos» de música e poesia popular.

As quadras fazem parte da cultura popular nacional e regional (Moutinho, 1994). As quadras típicas do folclore madeirense enquadram-se sobretudo no repentismo ou despique, cultura do improviso, associada à cultura rural. Trata-se do uso de linguagem da oralidade porque domina o elemento verbal predominantemente espontâneo. Quanto ao conteúdo, geralmente, é uma disputa entre marido e mulher. A recolha e transcrição escrita contribui para a fixação dos versos efémeros a partir da fala, pois a fonte é a oralidade. Por isso, há um trabalho de campo, no terreno, em que é preciso estar com as pessoas, para recolher estes versos ou quadras populares.

Estas quadras ou cantigas populares, por norma, são um relato ou crítica da realidade social, na observação da conformidade com a ordem da sociedade, o que é uma característica do repentismo no Sul da Europa, segundo Jorge de Freitas Branco (ISCTE, CRIA – IUL, projeto *Ecomusic* de etnomusicologia sobre o que se toca e se ouve no Portugal rural da atualidade). Nestas quadras populares é importante o género homem e mulher, ou seja, o papel e a imagem que eles dão um do outro. Surge também a questão da diáspora, por exemplo a referência ao Brasil e à emigração em geral. Ou seja, o contexto sociocultural está sempre presente.

À espontaneidade junta-se a memorização de um repertório, versos memorizados que são ditos já sem autoria, popularizados pela tradição ou tradicionalizados, como é o caso dos versos do Feiticeiro do Norte. Os fatores que contribuem para a fixação na memória destas composições e a sua consequente transmissão oral são: a simplicidade e o interesse da mensagem, o verso curto, a rima e a repetição de certos vocábulos ou expressões ao longo do poema e a associação dos versos à sonoridade musical (bailinho, charamba e mourisca, géneros musicais da tradição madeirense). Trata-se da transmissão da essência da alma ou identidade do povo, enquanto património cultural imaterial, neste caso através da literatura oral tradicional, em que o ouvir, contar e cantar contribuem para a preservação da memória coletiva, através da vivência das tradições culturais orais. As rimas ajudam a memória e surgem diferentes versões e variantes.

Na entrada “Música Tradicional”, em *Aprender Madeira*, Jorge Torres e Rui Camacho (2018) apresentam as cantigas de lazer como cantos improvisados em “brinco ou bailinho”:

O despique em bailinho é, ainda hoje, o momento alto da festa popular. Em qualquer arraial tradicional, ou mesmo nas festas familiares, se pode encontrar um brinco. Um músico, pelo menos – tocando rajão, braguinha ou viola de arame, hoje frequentemente substituídos pelo acordeão –, atrai uma roda de cantadores que, à vez, entoam as suas quadras, podendo haver um acompanhamento adicional de palmas (se necessário, pode-se prescindir inclusivamente da presença de músicos). [...] O canto é, no essencial, improvisado. No entanto, um bom despicator pode recorrer, se necessário, a quadras decoradas. Esta situação será um recurso aceite no contexto de um despique que se prolongue num arraial. A tentativa de “atirar” quadras críticas ou irónicas sobre os restantes pode proporcionar momentos de grande alegria. A forma poética escolhida é a quadra de verso curto, com rima cruzada (ABAB ou ABCB). Habitualmente, cada verso é bisado, e após o segundo verso toca-se o interlúdio musical. Por vezes, o despicator acrescenta mais dois versos (rima CB ou DB), como mecanismo que permite completar melhor a ideia. Em casos mais raros, poderá ser entoada uma nova quadra completa, tendência que se tem tornado mais comum em tempos mais recentes, possível sinal de uma menor capacidade inventiva e de síntese.

AVF, sobre a sua recolha, em *Era uma Vez... na Madeira. Lendas, Contos e Tradições da nossa Terra* (1964: I), começa por mencionar as quadras populares, ao escrever: “despretensiosa coleção, que abrange quadras populares, cantigas religiosas, provincianismos, expressões madeirenses, xácaras, solaus, rimances, contos, continhos, lendas e tradições da nossa terra, tudo guardado e arquivado, na intenção de um dia, se for possível, pôr em ordem, comparar versões, cotejá-las, estudá-las”, embora confessando que lhe faltava “o tempo, uma certa competência e preparação técnica, para realizarmos esse difícil empreendimento”.

Leite de Vasconcelos também não chegou a fazer a classificação das composições recolhidas e publicadas no seu cancioneiro, tal como outros que, de igual forma, fizeram este tipo de recolhas linguístico-etnográficas. Como proposta de classificação das quadras, começamos por referir o critério temático utilizado por Nogueira (2012: 111), que, depois de expor os problemas de classificação do cancioneiro popular, tarefa controversa, apresenta uma classificação muito completa mas que nos parece excessivamente complexa: **cantigas toponímicas e tópicas**; **cantigas conceituosas** (por exemplo sobre a morte); **etapas da vida** (infância, idade adulta, fugacidade da vida, decadência e morte); **cantigas da natureza** (o sol e a sombra, flores, estrelas, árvores, ervas, legumes, cereais, frutos, aves, o mar, vida de solteiro, vida de casado, viuvez); **cantigas amorosas** (generalidades sobre o amor, declaração e elogios, os olhos, o coração, ameaças e pragas, atrevimentos e galanteios, ausência e separação, beijos e abraços, cartas, desprezos e desenganos, desejos e esperanças, dúvidas e ciúme, encontros e desencontros, enganos, lágrimas, sofrimento e lamentos, saudades); **cantigas religiosas**; **cantigas do trabalho** (considerações sobre o trabalho, profissões, ofícios e ocupações – lavadeira, moleiro, etc.); **cantigas jocosas**; **cantigas ao desafio**; **usos e costumes** (cabelo, cigarro, confrontos, divertimentos, indumentária, o vinho, a casa);

**cantigas histórico-políticas** (século XIX o *Ultimatum* inglês, século XX a República – o movimento republicano, o Estado Novo, a Primeira Grande Guerra Mundial, a Segunda Grande Guerra Mundial, a Guerra Colonial); **rimas infantis** (fórmulas, números).

Coutinho (1982), nas recolhas de quadras populares realizadas entre 1972 e 1978 em Serra d’Agra, apresenta uma classificação temática mais simples, mas incompleta: **quadras mítico-religiosas** (dirigidas aos santos); **quadras da saudade** (desabafos, sobretudo sentimento de saudade do amor ausente); **cantigas ao desafio** (vulgares em romarias, feiras, desfolhadas, serões, etc.); **quadras de queixume** (explica que o povo serve-se da poesia para se queixar da sua desventura, incluindo a desilusão no amor); **quadras de amor** (em que o amor é o tema central, incluindo lições de moral da visão e experiência do povo); e **quadras diversas** (todas as quadras que não se enquadram nos temas anteriores). Como escreve Lourenço Alves, na introdução, trata-se de:

um registo do que há de mais espontâneo na poesia e no folclore para cantar as esperanças, as ternuras, os ciúmes, os desdéns, as dores da saudade, os costumes, as devoções, as superstições, as agruras da vida, as flores, as plantas, as terras, os topónimos, os trabalhos, os animais, os santos, os «Manéis e as Marias», as horas e os dias, as festas e as brincadeiras, as histórias e as tradições, os amores e as paixões.

Lima (1997: 33-34) apresenta uma tipologia formal e temática para classificar as quadras populares. No que respeita à classificação temática, enumera: “quadras de fundamento”, “quadras ao profano”, “quadras à campã” e “quadras ao namoro”. Porém, indica que uma abordagem que se construa com base numa tipologia temática fechada impossibilita a compreensão das quadras. Assim, a melhor classificação deverá ser feita a partir do inventário dos motivos presentes nas quadras populares. Todavia, nem sempre é fácil fazer a classificação temática das quadras populares, por exemplo em *Tradição Oral de Santana* (2009), encontramos apenas a separação destas em quadras soltas e cantigas várias.

Dada a riqueza e a diversidade das quadras populares recolhidas por AVF e que fazem parte do seu acervo manuscrito, optámos por fazer uma classificação temática das quadras populares que segue a proposta mais simples e geral de Coutinho (1980), recorrendo, no entanto, à proposta de Nogueira (2012), de modo a completar a anterior, nomeadamente no que toca às **cantigas histórico-políticas**, **rimas infantis** e **cantigas do trabalho**. Acrescentámos, ainda, a estas propostas as tipologias de **cantigas narrativas**, **cantigas de animais** e **quadras de autor popularizadas** ou tradicionalizadas, uma vez que no espólio de AVF constam quadras do poeta popular madeirense Manuel Gonçalves, conhecido como Feiticeiro do Norte, que se generalizaram na Madeira, perdendo-se a noção da sua autoria. Posto isto, apresentamos a seguinte classificação das quadras populares do acervo de AVF: **cantigas narrativas** (que narram histórias realistas, ou seja, de temas vulgares do quotidiano, embora na publicação dos *Versos* do Feiticeiro do Norte sejam denominadas “rimances”); **cantigas de animais** (estórias de animais que

separámos das narrativas anteriores); **quadras de queixume; rimas infantis; cantigas ao desafio; quadras de amor; versos de autor popularizados; cantigas variadas e soltas; cantigas histórico-políticas; cantigas da saudade; cantigas religiosas; composições jocosas; cantigas do trabalho.** No acervo de AVF, encontrámos ainda quadras com identificação do autor e composições em verso de cariz erudito, que separámos das quadras populares.

#### **4.1. Cantigas narrativas**

**Foto nº 748 a 751, Caixa nº 21.30**

**Campanário, 28-4-1954 - «História verdadeira sucedida no Brasil» - Constâncio Arnaldo Barros dos Reis (Seminário)**

Sob esta designação, começamos por referir os versos em sextilha (6 versos) da “História de Zezinho e Mariquinha”, nome que encontramos no *Youtube* “com o sotaque nordestino de um mestre da poesia popular nascido em 1848, um dos primeiros autores a usar a sextilha e o ‘martelo galopado’, Silvino Pirauá de Lima, improvisador, excelente violista e repentista exímio”, muito conhecido como poeta da literatura de cordel no Brasil. Esta é típica da cultura do Nordeste brasileiro. Como podemos ver no apêndice, 4.1, a composição em verso inicia com uma abertura, pedindo licença e desculpa “na alta sociedade”, para contar uma história que aconteceu numa cidade (do Brasil). Segue-se um conselho para “saber reger a sua família para nada acontecer” (de mal) e começa a narrar a história. Trata-se de uma história de amor entre uma menina rica, a Mariquinha, e um rapaz pobre, o Zezinho, que eram vizinhos, conheceram-se e a partir de uma amizade juraram amor eterno. Destaca-se, nesta versão, o uso do superlativo absoluto nos adjetivos *bonitíssima, belíssima, formosíssima*. Há uma referência moral, incluída na história: “quem ama só diz a verdade”. A terminar o texto, está assinalado “continua” entre parêntesis, significando que a história não terminou.

**Foto nº 763 a 766, Caixa nº 16.2**

**Porto da Cruz, 1947 - «História de um carneiro» - Colhido dos cantares do povo no Natal por Henriques**

Esta composição em verso, começando com uma sextilha e passando a quadras, embora a meio surja outra sextilha, pode ser integrada nas histórias reais/que aconteceram ou nas quadras do folclore madeirense, pois trata-se de um tema popular de tradição oral que inclui diálogo entre o marido e a mulher, aproximando-se do repentismo. Pois, trata-se da representação de uma realidade rural, associada à criação de gado, que era muito comum antigamente, nomeadamente a deslocação a outro lugar da ilha, passando pela serra, para comprar gado pequeno para criação, neste caso um carneiro da Camacha. A mulher afirma que ele quer ir ao gado mas é para tomar uma bebedeira, característica da sociedade rural

madeirense. Esta, tal como a referência à ausência de botas, indo descalço, parecem ser traços de humor no folclore madeirense.

Não podemos deixar de mencionar igualmente o uso da viola e a romaria com os amigos, traços regionais que contribuem para a identificação dos ouvintes com a história narrada em verso e o fortalecimento do seu sentimento de pertença, incluindo os nomes dos lugares na ilha. Encontramos macrotopónimos como Camacha, mas também microtoponímia como Cumiada por Encumeada, Pico da Urze, Pico Vermelho. Quanto à rima, temos geada com fumegada, gravata com pataca, bons com tostões. Há uma referência moral, na história: “o carneiro é pequeno, mas quem dá a sorte é Deus”. Destacamos o uso vocabular de *comerão*, aumentativo do nome *comer* para comida, e *premenecia*. Na rima “vou contar a vocês (...) Se puseram à turquês”, a expressão *à turquês* é-nos desconhecida. Salientamos aqui também a informação de que os cães esfomeados e sem donos comiam os carneiros desprotegidos na serra, assim como à época das tosquias. A propósito desta, encontramos o nome *chimbança*, que será ganância, o que acontece na venda dos animais, ficando com os melhores para criação (gerar mais crias).

#### **Foto nº 2037 a 2039, Caixa nº11.9**

##### **Curral das Freiras – “O carneiro” (Outra versão)**

Nesta versão, além do ir à serra no dia da tosquia, tradição madeirense, fala-se de ter “um carneiro para a festa”, uma vez que antigamente se comia carneiro ou cabrito assado na *Festa* rural madeirense (Nunes, 2019). Algumas quadras parecem ter um cariz jocoso, como prometer a S. Vicente beber aguardente e mandar uma carta ao rei que lhe fizesse uma gaiola, onde mete o carneiro para seu divertimento, mais “o doutor de cancela na mão” que dá uma “cancelada” ao carneiro doente, matando-o. Contudo, o tema dominante é uma história realista ou vulgar do quotidiano. Esta versão, quando comparada com as anteriores, denota certa contaminação ou cruzamento com quadras jocosas.

#### **Foto nº 2368, Caixa nº 12.3**

##### **Seminário, 10-1-1947 - «O canário» - Elias Gonçalves Vieira**

Outra versão da composição anterior, que em vez de ser sobre um carneiro é sobre um canário. Seguem-se mais versões de «**O canário**» ou «**História do canário**».

#### **Foto nº 2385 e 2384, Caixa nº 12.3**

##### **Câmara de Lobos - «O canário»**

Mais uma versão da composição anterior com algumas variantes linguístico-discursivas e um final diferente, em que no enterro do canário no Loreto, com mais de trinta canários “ferrados de preto”, o gato da vizinha “meteu-os todos no buxo [sic]”, rimando com o verso da “pintassilga [sic]”, “cantando com todo o luxo”.

**Foto nº 2385 a 2384, Caixa nº 12.3**

**Porto da Cruz - «História do canário»**

Outra versão da mesma história.

**Foto nº 2386 a 2387, Caixa nº 12.3**

Outra versão do Jardim do Mar, idêntica às anteriores, recolhida por Tomé Célio do Seminário, a 13 de janeiro de 1952.

**Foto nº 2102 a 2104, Caixa nº 11.9**

**Calheta, 1944 - «História do Boi Bragado»**

A «História do Boi Bragado» narra um acontecimento de um senhor fidalgo que tinha um servo preto. Este cuidava de um boi de muita estima numa quinta. O fidalgo diz ao amigo que o seu criado seria incapaz de mentir e o amigo aposta que se ele mentir todos os bens serão dele e se não mentir será ele a perder os seus bens. Para que isso não aconteça, combina com a filha para pedir ao servo a língua do boi e em troca dormir com ele nessa noite, o que ele aceita e no dia seguinte não sabe como dizer ao patrão o que aconteceu porque não pode mentir e fala a verdade.

**Foto nº 2745 a 2746, Caixa nº12.10**

**Calheta - «História do Boi Bragado»**

Outra versão da mesma composição.

**Foto nº 2747 a 2749, Caixa nº 12.10**

**Monte, 8-1-1947 - «Fidelidade de um prêto [sic]» - Exercício de férias - Adelino J. Marote (Seminário)**

Mais uma outra versão.

**Foto nº 2062 a 2063, Caixa nº 11.9**

**Calheta, 1948 - «História da Cachorra» - António de Sousa Maciel**

Trata-se de quadras em que um dono enaltece uma cachorra muito esperta que tem, mas os vizinhos querem matá-la porque se mete com a criação dos animais, como por exemplo os porcos. Diz ser tão esperta que vai à caça sozinha e traz os coelhos para a porta do dono. A cantiga começa com a apresentação da cadela e do dono, que é negociante de gado, e diz que vai contar toda a história dela. Retrata bem a realidade rural, social e cultural madeirense, ao falar dos senhorios e dos feitores, e utiliza linguagem regional e popular como: *arteira, terreiro, aferrado, ferrar e lofatão*.

**Foto nº 2072, Caixa nº 11.9**

**Paúl [sic] do Mar - «História de um homem que veio a ser rico por causa dum coelho» - Coligido por J. C. N. Correia**

Aqui temos uma narrativa também na primeira pessoa de um rapaz que conta como pensa ficar rico ao agarrar um coelho, vendê-lo, comprar “Uma franga bem bonita / E a franga vai pôr ovos/ E mercarei uma cabrita”. Esta vai parir e ter um grande rebanho e ele vai poder comprar uma vaca, depois vai vendê-la e fazer uma casa de telha (porque as casas eram cobertas de palha e só quem tinha “bom dinheiro” podia fazer de telha) e então poder casar. Mais uma vez, faz-se um retrato da sociedade rural madeirense, neste caso do rapaz que quer casar, mas não quer trabalhar. Texto inédito.

**Foto nº 2580 a 2581, Caixa nº 12.3**

**Calheta - «História da romagem» - Recolhido por Manuel**

Composição em verso que narra a história de uma romagem no concelho da Calheta, em que uma mulher consegue muitas oferendas para a igreja, retirando o comer aos pobres para dar a que mais tem, o padre, mesmo contra a vontade do marido. Texto inédito.

**Foto nº 2582 a 2583, Caixa nº 12.3**

**Câmara de Lobos - «O padeiro e o lavrador» - Coligido por Rufino**

História de um homem pobre que chega a casa e os filhos estão a chorar com fome. Vai falar com o padeiro, mas este não deixa ele levar pão sem pagar, por isso ele rouba-lhe quatro pães. O padeiro e a polícia chegam a casa para prendê-lo, mas ele prefere morrer a ser preso. Mata-se e a mulher morre de desgosto. O padeiro vai preso e os seus bens são-lhe retirados para sustento das crianças que ficaram órfãs.

**Foto nº 2606 a 2608, Caixa nº 12.3**

**Ponta do Sol - “História”**

Outra versão parecida com a anterior.

**Foto nº 2637 a 2639, Caixa nº 12.3**

**Ponta Delgada- «O serramento da velha» - João Maria**

Tradição da Ponta Delgada, conhecida por “A serrada da velha”, aqui retratada em versos.

**Foto nº 710 a 713, Caixa nº 21.30**

**«Quadras populares do Hospital» - João Gouveia da Conceição**

Narrativa de uma mulher que saiu de casa e partiu o joelho, sendo internada no Hospital dos Marmeleiros no Funchal, deixando de poder cuidar do filho e do marido. Embora tenha algum queixume, o tema dominante parece ser uma situação que aconteceu.

**Foto nº 2180 a 2196, Caixa nº12.1**

**«De como e quando o “31”, no princípio deste século, ainda em tempo da Monarquia, foi tropa e assentou praça no quartel do Colégio, no Funchal»**

AVF (1988a: 41-53) publica estas quadras com o mesmo nome como composição humorística do folclore madeirense. Porém, devido ao facto de ser contada uma história

do que passaram uns soldados, decidimos classificar como cantigas narrativas. Podemos observar, através das notas de rodapé que comparam o texto recolhido com o publicado, a preocupação de AVF com a pontuação, mas também com a métrica e a rima dos versos, tal como nas outras composições.

**Foto nº 2599 a 2600, Caixa nº 12.3**

**Estreito de Câmara de Lobos – “Madeira – História”**

Outra versão.

**Foto nº 2601, Caixa nº 12.3**

**Estreito de Câmara de Lobos – “Historieta” - Coligido por Agostinho Figueira**

Outra versão.

**Foto nº 2197 a 2209, Caixa nº 12.1**

**Do Porto do Moniz - «De como o “31,” ali às portas do mercado, começou um derrico e depois foi fazer o seu pé de alferes, lá para os lados de S.Martinho»**

Texto publicado por AVF (1988a: 54-66) com o mesmo nome e a indicação “recolhido no Porto do Moniz”, também como texto humorístico, que classificámos como cantigas narrativas, uma vez que conta uma história. Apesar de ter diálogos entre o rapaz, a rapariga e os pais dela, não se trata de um despique.

**Foto nº 2334 a 2336, Caixa nº12.3**

**Calheta - «História do Velho» - Recolhido por Maciel**

História de um velho de S. Vicente que foi à cidade e, numa taberna, comeu e bebeu, sem pagar porque em troca lhes dava sementes que tinha para vender no Norte da ilha. Põem-se a caminho e têm de dormir num palheiro e o velho esperto, antes de amanhecer, fugiu.

**Foto nº 2407 a 2408, Caixa nº 12.3**

**Calheta, 20-4-1943 - «O cego» / «Um menino perdido» - Exercício de férias - Manuel da Silva Rodrigues (Seminário da Encarnação)**

Estória de um menino que a mãe deixa ajudar um pobre ceguinho. Este pede que ele vá com ele para o ajudar no caminho. Era o diabo que levou o menino para longe da mãe, para sua perdição.

**Foto nº 2422 a 2426, Caixa nº12.3**

**«O Sr. Jacinto Pedro» - M. Velosa**

Versos que narram a história de um homem casado que desconfiava da fidelidade conjugal da mulher. Diz que vai sair e ela mete logo dentro de casa um brasileiro. O marido chega a casa e encontra-o.

**Foto nº 2436 a 2437, Caixa nº 12.3**

**S. Martinho, 3/5/1954 - «Adúltera» - “(Cantiga popular cantada por algumas pessoas da freguesia de S. Martinho)”**

Outra versão semelhante da mesma cantiga narrativa, em que o marido também se chama Sr. Jacinto Pedro.

**Foto nº 2481/2482, Caixa nº 12.3**

**“Conto do Monte”**

Composição em verso que narra a história do filho, da mãe e do pai que morreram afogados todos abraçados.

Nos textos manuscritos das recolhas que ficaram por transcrever, encontramos outras versões das cantigas narrativas transcritas: «Anedota do canário», S. Vicente, 1964, sendo que a palavra “anedota” surge aqui como “história”; «Versos sobre o canário», outra versão que começa de forma diferente, sem local e sem data; quadras populares sobre o canário, outra versão, Jardim do Mar, 1952; outra «História do carneirinho», Arco da Calheta, sem data; mais quadras sobre o "Coelho", outra versão, sem local e sem data; «História do velho», outra versão, sem local e sem data; «A vida do jogador», outra versão, Arco da Calheta, sem data; “Rimance” em quadras sobre o hospital, outra versão, sem local e sem data; «A compra do fato», outra versão, Santo António do Funchal, sem data; «A missa do galo», outra versão, Monte, 1945. Assim como também temos cantigas narrativas distintas: «**História do porco**» (“caminhei de casa / para mercar um porco”), Arco da Calheta, sem data; «**Morte trágica**», que começa com a seguinte quadra: “No dia 18 de Abril / caso triste aconteceu / um filho matou a mãe / pois sete facadas lhe deu”, Santana, sem data; “História” em quadras, outra versão (sobre um filho que dá sete facadas na mãe), Estreito de Câmara de Lobos, sem data; “Historieta” em quadras (o filho matou a mãe por causa do “milho cosido” [sic]), Estreito de Câmara de Lobos, sem data; "Historieta", outra versão, Machico, sem data.

## **4.2. Cantigas de animais**

**Foto nº 2106 a 2107, Caixa nº11.9**

**São Roque do Funchal**

Texto inédito. Composição em verso, sem nome, que poderá intitular-se «**História de um rato e uma rata**». O rato morre e a rata fica desamparada e pensa em casar. Descreve-se a roupa dos noivos: “O vestido de esta rata / Era de casar côr de rosa; / Já ao mundo não havia, / Uma rata tão airosa”. Casou-se com um rato tão aseado que parecia um capitão, mas todos os ratos morreram “uns com veneno”, “outros debaixo da loiça”. No fim desta recolha, existe uma estrofe de cinco versos que é uma composição solta e incompleta.

Parece ser uma cantiga jocosa, mas o tema dominante é uma narrativa irónica que pode ser transposta para a vida humana, igualmente volátil.

**Foto nº2342 a 2343, Caixa nº 12.3**

**São Roque do Faial - «História do Rato» - Noé de Jesus Teixeira Cardoso**

Trata-se de outra versão da composição anterior, a que demos o nome «História de um rato e uma rata», e que aqui surge com o título «História do rato». Seguem-se mais versões da mesma.

**Foto nº 2350 a 2352, Caixa nº 12.3**

**Santana, 12-12-1952 - «História» - Trabalho de Férias - Eduardo Freitas Nascimento (Seminário do Funchal)**

Outra versão da composição anterior com algumas variantes linguístico-discursivas.

**Foto nº 2354 a 2356, Caixa nº 12.3**

**Gaula, 17-1-1950 - «História do rato» - António João Vieira (Seminário do Funchal)**

Esta versão parece estar completa, terminando com uma explicação moral da história dos ratos, que se aplica aos humanos.

**Foto nº 2357 a 2358, Caixa nº 12.3**

Outra versão da história do rato e da rata, recolhida no Curral das Freiras, sem data e sem nome do coletor.

**Foto nº 2359 a 2360, Caixa nº 12.3**

Outra versão, sem data e sem local de recolha, nem nome do coletor.

**Foto nº2362 a 2363, Caixa nº 12.3**

Outra versão da Ponta do Sol, datada de 1952, recolhida por Artur dos Santos Borges, como «Redacção».

**Foto nº 2364 a 2367, Caixa nº 12.3**

Mais uma versão, com o nome «**História de uma rata**», da Ponta do Sol, datada de 1955, sem nome do coletor.

**Foto nº 2374 a 2376, Caixa nº**

**São Roque do Funchal - «O rato e a rata» (Coligido/tirado do caderno do João da Silva)**

Nas partes II e III, podemos ver que há contaminação de/com outros versos populares, variados e soltos, na «**História do rato**» ou «**O rato e a rata**».

**Foto nº2444 a 2446, Caixa nº12.3**

Mais uma versão da «**História do rato**», recolhida na Fajã da Ovelha, juntamente com uma versão da «**História do gato**» ou «**Testamento do gato**».

**Foto nº 2449 a 2451, Caixa nº 12.3**

**Machico, 1944 - «História de um coelho» - Franco**

Estória de um coelho que se casou com uma linda coelhinha e tiveram muitos filhinhos. Viviam felizes até que um dia a coelha chega a casa a morrer porque tinha sido envenenada. O médico diz que não tem cura e ela morre. O coelho sai de casa e deixa a porta aberta, quando volta os filhos foram levados por um galo.

**Foto nº 2531 a 2534, Caixa nº 12.3**

**Machico - «O coelho e a coelhinha» - “História de amores”**

Outra versão parecida da estória.

**Foto nº 2535 a 2536, Caixa nº 12.3**

**Estreito de Câmara de Lobos - «O Coelho»**

Outra versão.

**Foto nº 2537 a 2538, Caixa nº 12.3**

**Calheta - «O coelhinho» - Manuel da Silva Roiz Sequeira (Seminário da Encarnação)**

Mais uma outra versão.

**Foto nº 2539 a 2540, Caixa nº 12.3**

**Santana, 1953 - «Coelho» - “História popular” - Marques**

Outra versão.

**Foto nº 2541 a 2542, Caixa nº 12.3**

**Canhas - «O Coelho»**

Outra versão.

Ficou por transcrever a composição em diálogo, sem nome, da estória de “**A formiga foi ao Norte ao vinho**”, **lengalenga da formiga** e “**da neve que o meu pé prende**”, que nesta versão termina com a faca e a ferrugem e esta diz que mais forte que ela é a terra que a come. Considerámos ser uma cantiga de animais, mas pode ser vista também como um conto formulístico.

### 4.3. Quadras de queixume

#### **Foto nº 687, Caixa nº 21.30**

##### **São Gonçalo - «O rico e o artista»**

Texto inédito sobre o pobre artesão e o homem rico: “Logo que no mundo me aviste / Logo de mim precisaste / Fiz o berço que te embalaste”, percorrendo todas as profissões e necessidades ao longo da vida de quem se serve dos trabalhadores. Cantiga com forte pendor político, “Socialista”, palavra que consta do texto.

#### **Foto nº 699, Caixa nº 21.30**

##### **Faial “(dito por uma pessoa do Faial)” - «O moço descontente»**

Como o próprio título indica, trata-se de quadras de queixume, neste caso de um moço que trabalha em casa alheia. Texto inédito.

#### **Foto nº 752, Caixa nº 21.30**

##### **Gaula / Levadas (Foto nº 757, continua)**

Composição em versos com “motte” e “glosa”, que fala sobre um pobre aleijado que pediu esmola, mas “o rico” nem lhe respondeu, expulsando-o e tratando-o por ladrão. Ele foi acolhido por um pobre lavrador que lhe mata a fome e evoca o castigo divino. Pois, o rico ainda pode vir a andar com “o chapéu na mão”, a pedir para comer.

#### **Foto nº 2476, Caixa nº 12.3**

##### **Monte – “Conto”**

Versos de um pobre cego, anotado como “conto”, a se queixar da sua desgraça de ser cego, pobre e velho e a pedir esmola.

#### **Foto nº 2486 a 2487, Caixa nº12.3**

##### **Câmara de Lobos, 10-1-1948 – “Quadras Populares (de João de Deus?)” - Francisco Geraldo de Sousa**

Quadras com o pranto de uma mulher que fala de si e de outra família pobre como ela que tem uma filhinha.

#### **Foto nº 2483 a 2485, Caixa nº 12.3**

##### **Arco da Calheta - «A vida do jogador» - Luís**

Composição de lástima sobre a vida amargurada da família de um jogador que não tem o que comer.

#### **Foto nº 2611 a 2613, Caixa nº 12.3**

##### **Calhêta [sic] - «A vida do jogador» - Manuel S. Roiz**

Outra versão da composição anterior.

**Foto nº 2499 a 2500, Caixa nº 12.3**

**Estreito de Câmara de Lobos - «Antoninho» - Agostinho Figueira**

Cantiga em quadras sobre a morte de Antoninho, que diz não ir às aulas porque vai morrer e acaba por falecer na escola.

**Foto nº 2552 a 2553, Caixa nº 12.3**

**Machico - «O mendigo» - Redacção - Lino Cabral**

Versos de um mendigo que anda a pedir esmola e que diz já ter sido rico, mas caiu na má sorte. Oferece a sua dor pelo sofrimento de Jesus Cristo.

#### **4.4. Rimas infantis**

**Foto nº 2065 a 2066, Caixa nº 11.9**

**Santana, 1952 - «As moças de Daniel» (abracadabra) - Popular - Manuel de Freitas Luís J<sup>a</sup>**

AVF (1988a: 35-36) publica estes versos com o nome “**As moças do Daniel ou o «Tranglomanglo»**” e com a indicação de Santana. Trata-se de uma composição onde entra o elemento numeral e a rima, que nem sempre é perfeita, facilitando a memorização da estória. Nesta versão, em vez de *tanglomango*, surge a forma *tango-romango*, variantes fonéticas da palavra, o que se explica pela dificuldade na sua articulação, simplificando-a, o que AVF corrige. As variantes linguístico-discursivas que surgem nas diferentes versões desta composição dizem respeito sobretudo ao que as moças fazem, como podemos ver nomeadamente ao compararmos esta versão com uma recolhida pela Associação Xarabanda. Vasconcelos (1986 [1933]: 322-323) regista o nome “trango-mango” com a variação “tangro-mangro” e “tranglo-mango”, indicando: “são palavras que igualmente designam o mal, de um modo vago. De alguém que tem um achaque, etc. Diz-se «deu-lhe o trango-mango»”. O autor documenta esta canção numerativa na Beira Alta, onde se alude ao “trango-mango”, também com variantes nas rimas, nem sempre perfeitas, que envolvem o que as moças fazem.

**Foto nº2167, Caixa nº12.1**

**Ribeira Brava - «O João Bengala» (outro aranzel)**

AVF (1988a: 21) publica esta versão dos versos transcritos em apêndice com o nome «O João Bengala (um aranzel)», com a indicação da Ribeira Brava, introduzindo apenas algumas pequenas alterações gráficas, assinaladas em apêndice, nas notas de rodapé. Um *aranzel*, segundo o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, é uma “pauta alfandegária; lista ou enumeração; discurso fastidioso”, sinónimo de *arenga*, enquanto “discurso enfadonho”, sendo que *arengar* é “discursar, falar, dizer (coisa aborrecida)”. Ou seja, é uma estória em verso, com ou sem rima, semelhante a uma lengalenga, que se

pode prolongar no tempo, sendo curta ou extensa, sem ter necessariamente de ser coerente.

**Foto nº 2168, Caixa nº 12.1**

**Estreito de Câmara de Lobos - «Aranzel do nevoeiro»**

Estes versos também foram publicados com o mesmo nome, «**Aranzel do nevoeiro**», por AVF (1988a: 22), com a indicação “Do Estreito de Câmara de Lobos”. Termina com o verso: “E acabou-se a história do **baganito!**...”.

**Foto nº 2079, Caixa nº 11.9**

**Estreito de Câmara de Lobos - «Nevoeiro»**

Versão inédita da composição denominada «**Nevoeiro**» que termina com o verso: “E acabou-se a história do caganita”, em vez de “do baganito” ou “da baganita”. Não encontramos esta palavra nos vocabulários madeirenses, mas o facto de termos, em Caldeira (1993 [1961]), o vocábulo *caganita* significando “aquilo que é muito pequeno”, parece indicar que *baganito* ou *baganita* será uma forma de *caganita* alterada foneticamente, com o mesmo sentido.

**Foto nº 2080, Caixa nº 11.9**

**Câmara de Lobos e S. Martinho - «Quando há nevoeiro»**

Trata-se de um fragmento das composições anteriores, onde em vez de “vara” ocorre a palavra “vergasta” de marmeleiro.

**Foto nº 2078, Caixa nº 11.9**

**Do Monte - «As horas da vida e da morte»**

Composição numeral da uma às onze horas, do nascimento à morte, provavelmente como fórmula de expressar a fugacidade da vida humana.

**Foto nº 677 a 678, Caixa nº 21, capilha 30**

**Porto Santo - «Baile do ciranda»**

Composição do folclore português, ou seja, de tradição oral, recolhida no Porto Santo, que corresponderia a cantigas ou brincadeiras de roda (entre rapazes e raparigas), sendo de melodia alegre e divertida, com repetições de versos e rimas, facilitando a transmissão popular, por isso incluímos na categoria “rimas infantis”.

**Foto nº 2440 a 2441, Caixa nº 12.3**

**Estreito de Câmara de Lobos - «Condessa de Aragão» - Agostinho Figueira**

Estória de um cavaleiro que pede uma filha à Condessa de Aragão e esta, depois de negar, acaba por ceder. Versos também usados tradicionalmente em brincadeiras de crianças.

**Foto nº 2475, Caixa nº 12.3**

**Paul do Mar, 1954 – «O Cavaleiro e a Condessa» - “Folclore popular” - Coligido por J. Cruz N. Correia**

Outra versão da composição anterior. Neste caso, com o título «O Cavaleiro e a Condessa», em vez de «**Condessa de Aragão**».

**Foto nº2074 a 2075, Caixa nº11.9**

**Santo António do Funchal - «Do número 1 ao 40»**

Versos que apresentam os números do um ao quarenta, numa composição enumerativa de cariz infantil

**Foto nº 2226/2227, Caixa nº 12.1**

Outra versão da composição anterior, «**Do número 1 ao 40**», com outro título: «**Rimance Numeral**», ambas as versões recolhidas em Santo António do Funchal. AVF (1988a: 78-79) publicou esta composição com o nome «**Rimance Numeral**», sem indicação do local de recolha.

**Foto nº2309, Caixa nº 12.3**

**São Roque do Funchal - «História do galo e da galinha» (sem nome do coletor)**

Parece ser uma lengalenga, em que se repete a estrutura narrativa, contando a estória do galo e da galinha que querem casar a sua filhinha.

**Foto nº 2409, Caixa nº 12.3**

Versão idêntica à anterior do galo e da galinha.

**Foto nº 2411 a 2413**

Mais uma versão do casamento da filha do galo.

Ficaram por transcrever quadras da cantiga «**Borboleta branca**» (que inclui explicação sobre como se fazia a roda no jogo), Faial, sem data; “**Brincadeira popular**” (jogo de roda também com explicação de como se faz a roda, que começa com os versos “Muito chorei eu / no domingo à tarde”), sem local e sem data; e “**Brincadeira popular**” (outro jogo de roda que começa com os versos “A viuvinha está triste, / que lhe morreu seu marido”), Paul do Mar, sem data, sendo os últimos jogos tradicionais de adultos.

#### **4.5. Cantigas ao desafio**

**Foto nº 730 a 731, Caixa nº 21.30**

**Câmara de Lobos, 10-1-1952 - «Despropósitos entre uma mulher e um marido» - Lorictos “(recitado por uma velhinha de Câmara de Lobos que me disse ter aprendido quando ainda nova)”**

Apesar de AVF ter publicado vários despiques: “Um despique (entre a mãe e a filha)” e “À desgarrada (entre um compadre e comadre)” (1988b: 31-38), não incluiu este na sua publicação. Trata-se de um diálogo entre marido e mulher, recolhido em Câmara de Lobos, com o nome «Despropósitos entre uma mulher e um marido», com a indicação de ter sido recitado por uma mulher idosa daquela localidade. É uma composição em sextilha em que o marido chama à atenção da mulher e ela diz que não é casada, pois ter um marido como ele é o mesmo que nada. Ele diz que lhe dá tudo, mas ela considera aborrecimentos tudo o que ele lhe dá e, assim, os ataques entre eles vão subindo de tom. O marido com severidade diz que ela está “discorada” e que vai acabar “desgraçada”. Ela assume que quer é ser livre e se divertir e depois vêm as ameaças. Termina com ele a dizer que a mulher “Foi-se amigar com o doutor / Passou-me, as palhetas, voou”, onde encontramos o verbo *amigar* para *amancebar* e *palhetas*, sinónimo de *cornos*, na linguagem popular.

### **DESPIQUE – Diálogo entre Homem e Mulher**

**(Não identificado, datado nem localizado)**

Pequeno despique de duas quadras entre um homem e uma mulher, parecendo ser um fragmento do final de uma cantiga ao desafio.

### **Foto nº 739 a 742, Caixa nº 21.30**

**Machico, 1956 - Coligido por Jorge Teixeira Gois**

Despique sem nome entre uma mulher e o marido em tom jocoso. Começa com um diálogo entre uma velha e um velho, em que ela diz que ele vem todo “presomido” e “bico de retorcido”. O marido, por sua vez, chama-a de “velha gaiteira”. Depois, a mulher trata o marido por Manuel, fala de bebedeira e de não ter de comer e de ele andar sempre nos arraiais e diz: “O vinho não te faz mal / Que és uma pipa avinhada / E fincas tudo na pança / a mim nunca me dás nada”. Regista-se aqui a expressão popular “fincar tudo na pança”. O marido acrescenta ainda: “vou-te pôr mais contente / Pois vou-te encher o pandulho / de vinho e água-ardente”. Esta composição também retrata bem a realidade sociocultural madeirense dos arraiais e do consumo de vinho e aguardente nos meios rurais.

Seguem-se quadras que pertencem a outra cantiga. Estas falam de um baile e de uma brincadeira do cantador com o compadre João, em que diz, sobre as raparigas, “Tudo queria vir comigo / Uma lhe faltava as botas / outra faltava os vestidos”. Aqui está bem patente também o sentido jocoso destas quadras. É a partir daqui que entra no diálogo uma mulher que declara: “Se a fidalga dá licença / Deixe entrar o meu marido”. A mulher afirma: “Eu venho aqui toda negra / De um sovão que ele me deu”. É então que o marido diz que vai explicar à fidalga o que aconteceu: “Não me apanhou erva ao gado / Ergueu-se ao meio-dia”. A mulher responde: “Marido vende-se as vacas / Marido vai-se vender”. O marido acusa-a de querer ter vida de solteira. Ela desculpa-se que “Estava em casa de meu pai quieta / Não me fosses lá buscar”. As quadras continuam, mudando para o tom

de brincadeira, a partir da quadra com o número 16: “A velha vem do campo / Vem de fochinho atrevido / se eu trago bolos do caco / é p’ra mim mais meu marido”. Pede-se mais vinho à fidalga, se não acabam as cantorias. Mais uma vez, retrata-se aqui a vivência rural madeirense.

A partir da quadra nº 21, o desafio continua com o marido a chamar “Mulher do diaxo [sic]”, dizendo que a mulher não o envergonhe porque veio “Foi que me disseram / Que havia folgança / Comida e bebida / P’ra atacar a pança”. Documenta-se aqui, mais uma vez, a palavra *pança*, assim como o arcaísmo *folgança*, característicos da linguagem popular.

**Foto nº690 a 695, Caixa nº 21.30**

**Santo da Serra - «Despique» - Xavier**

Diálogo em despique entre um vilão e uma viloa, típico dos arraiais populares, em que ele quer casar com ela.

**Foto nº 2756 a 2758, Caixa nº 12.10**

**Santa Cruz - «Versos da Romagem de S. Pedro de 1947» - “Um despique”**

Outra versão da composição anterior, com referências à Capela de S. Pedro, em Santa Cruz. Estes despiques, pela temática do casamento, aproximam-se do despique seguinte, entre um compadre e uma comadre.

**Foto nº2337 a 2339, Caixa nº 12.3**

**Calheta - «História da comadre»**

Desafio entre um compadre e uma comadre, em que ela é viúva e ele lhe fala em casar. Texto publicado por AVF (1988b: 35-38), com o título «**À desgarrada (entre um compadre e comadre)**» e a indicação “da Calheta”. Em vez das indicações numéricas entre as estrofes, na publicação, antes de cada uma delas, colocou “Ele” quando fala o compadre e “Ela” para a comadre.

**Foto nº 708 a 709, Caixa nº 21.30**

**«Despique popular» - coligido por Manuel Armando L. Sardinha**

Embora sem indicação de homem e mulher, será um despique popular típico, neste caso tendo como fundamento o bigode dele.

**Foto nº721 a 722, Caixa nº 21.30**

**Camacha - «Discussão entre marido e mulher»**

Despique popular típico, com acusações entre marido e mulher, em que ela se queixa da vida que tem e ele promete dar-lhe porrada, se ela não lhe obedecer.

**Foto nº 2547 a 2548, Caixa nº 12.3**

**Santo António do Funchal – «Uma vilã, um vilão e uma fidalga» - Garanito**

Quadras em diálogo entre uma vilã, um vilão e uma fidalga, como indica o título da composição. Os vilões vão à casa da fidalga levar produtos agrícolas e ela é mal-agradecida.

**Foto nº 2549 a 2551, Caixa nº 12.3**

**Faial – «Diálogo» - “(Popular)”**

Diálogo que se aproxima de um despique entre um genro e um sogro. O genro quer devolver a mulher ao pai e diz tanto mal dela que o pai acaba por aceitar.

**Foto nº 2554 a 2555, Caixa nº 12.3**

**Ponta do Sol, 29-4-1952 – “Diálogo Popular” - Abreu**

Diálogo em tom de picardia entre um patrão e um moço que vem do Brasil, com referências ao território continental português.

**Foto nº 688 a 689, Caixa nº 21.30**

**São Gonçalo, 8-1-1945 - «O Freguês e o Vendeiro» - Orlando Morna**

Embora a maior parte das cantigas tradicionais ao desafio sejam entre homens e mulheres, casados ou solteiros, nesse caso é entre um dono de uma venda e um freguês que não quer pagar o que deve. Serve como denúncia social de quem quer ter boa vida, não quer trabalhar e não tem vergonha de não pagar o que comprou fiado. Na cantiga há a ocorrência da palavra “pança”, assim como de outras caracteristicamente populares, por exemplo malandrão. Contudo, no texto, temos a palavra “caloteiro” da norma padrão e não “pangueiro”, regionalismo lexical madeirense. Graficamente, apenas notámos a forma “murar” por “morar”.

**Foto nº 752, Caixa nº 21.30**

**Gaula / Levadas (Foto nº 755, Continua)**

Composição em verso com “motte” e “glosa”, que é uma disputa entre o mar e a terra. De difícil classificação, decidimos incluir nesta tipologia por se tratar de um diálogo em desafio, para ver qual dos dois “tem mais virtude” e “mais firmeza”. Texto inédito.

Ficou por transcrever «**Um despique entre a mãe e a filha**», sem local e sem data, que AVF (1988b: 31-34) publica com o mesmo nome e a indicação “da Camacha”.

#### **4.6. Quadras de amor**

**Foto nº 696 a 698, Caixa nº 21.30**

**Vila de Santa Cruz - «Moça formosa»**

Esta composição tem como tema dominante o amor (e o casamento), como o próprio título indica. No entanto, inclui algumas quadras ao desafio ou despique entre ele e ela, como indicado no texto da recolha, transcrito em apêndice. Texto inédito.

**Foto nº 714 a 716, Caixa nº21.30**

**Arco de São Jorge,3-4-1948-Rimas Populares - Elias**

Este tipo de composição com a descrição pormenorizada da beleza física da menina, principalmente do rosto (cabelo, olhos, sobrancelhas, nariz, beiços, dentes, orelhas, pescoço, etc.), com uma quadra para cada elemento, parece ser comum na literatura tradicional portuguesa e europeia. Destacamos a expressão “cávinha na barba”, que será “covina no queixo”.

**Foto nº 2046 a 2047, Caixa nº 11.9**

**Estreito de Câmara de Lobos – «Maricas»**

Versos publicados por AVF (1988b: 52-53), com o nome «**Um encontro**», que indica ter sido recolhido no Estreito de Câmara de Lobos”, correspondendo a este original manuscrito. Da comparação entre este e o texto publicado, vê-se o tipo de adaptações gráficas e estilísticas feitas por AVF.

**Foto nº 2104 a 2105, Caixa nº11.9 e Foto nº 2250, Caixa nº 12.2 (Continua)**

**Calheta, 21-7-1944 - «História do A, B, C, dos Amores»**

A composição começa com duas quadras introdutórias sobre a cantiga de “O A, B, C, dos Amores”. O abecedário, ao contrário do tom jocoso do Beberrão, pauta-se por grande elevação poética sobre o amor e a menina amada. AVF (1988b: 10-28) publica todas as versões recolhidas de «**O A, B, C dos Amores**», incluindo a primeira que começa na letra E e vai só até à letra L, sem indicações sobre a sua recolha. Seguem-se as versões completas: uma do Porto da Cruz; uma da Calheta (datada de 1944) que corresponde a esta, transcrita em apêndice; uma reduzida do Funchal e Boaventura; uma do Porto Santo (datada de 1945); uma do Faial (sem data); e uma de Gaula, que termina com a seguinte quadra: “as letras do a b c / ainda aqui faltam quatro / traz o lápis e papel, / faz aqui o meu retrato”. A versão do Porto da Cruz, em vez de “Menina, que sabeis ler” (na versão da Calheta) e “Menina, que passeais,” (na versão do Porto Santo), começa com o verso “Magano, que sabes ler,”.

**Foto nº 2082, Caixa nº11.9**

**Faial - «O A, B, C dos Amores» (outra versão)**

Esta é a versão do Faial referida acima, que começa de igual forma. Contudo, existem algumas divergências entre a versão da Calheta e esta, por exemplo em “O N é um navêgo [sic]”, por comparação com “O N é uma nau”, na versão anterior. E em “O X é por achar”, na primeira, temos “O X é da certeza”, nesta versão. Na transcrição em apêndice, através das notas de rodapé, podemos comparar a versão recolhida com a sua publicação.

**Foto nº 2070 a 2071, Caixa nº 11.9**

**Funchal - «ABC dos Amores» “(Também conhecido na Boaventura)” - Eduardo Sousa**

Esta é a versão reduzida de «O A, B, C dos Amores», publicada por AVF (1988b: 17), com a indicação “Do Funchal e Boaventura”.

**Foto nº 2070 a 2071, Caixa nº 11.9**

Outra versão, com o mesmo nome, «A, B, C dos Amores», semelhante ao texto da versão recolhida no Funchal, por Eduardo Sousa.

**Foto nº 2326 a 2327, Caixa nº12.3**

Trata-se de uma outra versão da mesma composição, recolhida em Machico por Jaime Freitas.

**Foto nº 2082, Caixa nº 11.9**

Mais uma versão de «O A, B, C dos Amores».

**Foto nº 2328 a 2330, Caixa nº 12.3**

Outra versão de «A, B, C dos Amores», com algumas palavras diferentes.

**Foto nº 2388 a 2391, Caixa nº 12.3**

Outra versão de «O A, B, C dos Amores», do Curral das Freiras.

**Foto nº 2392 a 2395, Caixa nº 12.3**

Mais uma versão das composições anteriores, datada de 14-4-1953.

**Foto nº 2397, Caixa nº 12.3**

Outra versão de «O A, B, C dos Amores», do Estreito de Câmara de Lobos.

**Foto nº 2070 a 2071, Caixa nº 11.9**

Versão idêntica, recolhida na Boaventura por Eduardo Sousa.

**Foto nº 2326 a 2327, Caixa nº 12.3**

Versão denominada «Abecedário dos Amôres [sic]», recolhida em Machico por Jaime Freitas.

**Foto nº 2082 a 2087, Caixa nº11.9**

Outra versão de «O A, B, C dos Amores».

**Foto nº 2328 a 2330, Caixa nº 12.3**

Mais uma versão de «A B C dos Amores», apenas com pequenas diferenças.

**Foto nº 2340 a 2341, Caixa nº 12.3**

**Rancho - Câmara de Lôbos [sic] - «ABC dos Amores» - José Arnaldo Rufino da Silva**

Outra versão da mesma composição, com algumas diferenças linguísticas, sobretudo lexicais.

**Foto nº 2070 a 2071, Caixa nº11.9**

Outra versão de «ABC dos Amores», recolhida por Eduardo Sousa, no Funchal.

**Foto nº 2326 a 2327, Caixa nº12.3**

Versão de «ABC dos Amores», recolhida por Jaime Franco, em Machico.

**Foto nº 2344 a 2345, Caixa nº12.3**

Outra versão de «ABC dos Amores», recolhida por Jaime Franco, em Machico.

**Foto nº 2346 a 2347, Caixa nº12.3**

Mais uma versão da composição anterior.

**Foto nº 2348 a 2349, Caixa nº12.3**

**São Martinho, 18-4-1956 - «ABC DOS AMORES» / «Menina que passeais» - Coligido por Camacho**

Versão que não tem a letra U nem a X, além de algumas outras pequenas diferenças, sobretudo lexicais.

**Foto nº 2379 a 2380, Caixa nº 12.3**

Versão idêntica, recolhida em S. Jorge, com o nome «**Abecedário cantado**», “Versos Populares”, datada de 1955 e recolhida por João Rafael Gonçalves.

**Foto nº 2381 a 2382, Caixa nº 12.3**

Outra versão de «**ABC DOS AMORES**», recolhida no Porto Santo, sem data nem nome do coletor.

**Foto nº 2064, Caixa nº 11.9**

**Estreito de Câmara de Lôbos [sic] – “Rimance” - Coligido por Agostinho**

Versos publicados por AVF (1988b: 45), com o nome «**Menina que estais à janela**» e a indicação de que foram recolhidos no Estreito de Câmara de Lobos, correspondendo a esta versão. Apesar de estar anotado, no manuscrito original, “rimance”, classificamos esta composição como quadras de amor, por se tratar de uma temática vulgar e não

cavaleiresca. Na transcrição do texto em apêndice, nas notas de rodapé, comparamos a versão recolhida com a sua publicação.

**Foto nº 2640, Caixa nº 12.3**

**Estreito de Câmara de Lobos – «Menina que estás à janela de cabelo penteado» - “Rimance” - Coligido por Agostinho Figueira (outra versão)**

Outra versão da composição anterior, coligida no mesmo local, conforme indicado.

**Foto nº 2573, Caixa nº 12.3**

**Ribeira Brava – “Rimance”**

Outra versão parecida com a anterior.

**Foto nº 2641 a 2642, Caixa nº 12.3**

**Estreito de Câmara de Lobos - «Naquele dia menina, que eu pensei em te ir falar...» - “Rimance” - Coligido por Agostinho Figueira**

Mais uma versão parecida com a anterior.

**Foto nº 2081, Caixa nº 11.9**

**Faial - «Novíssimos do homem» - Quadras populares**

Texto publicado por AVF (1988b: 54) com o nome «Os novíssimos do homem» e a indicação “Do Faial”, correspondendo a esta versão. Porém, o texto publicado apresenta muitas alterações ou adaptações feitas por AVF, talvez com base noutra versão recolhida, como podemos ver nas notas de rodapé, em apêndice. Nesta composição, o amado/a é tratado por “benzinho” e termina com o verso da sabedoria popular “Quem espera sempre alcança”.

**Foto nº 732 a 733, Caixa nº 21.30**

**Fajã da Ovelha, 1954 - «O marido a uma mulherzinha» - Peixe**

Esta composição inédita, embora com forte índole de queixume, é sobretudo um texto de amor, por isso enquadramo-lo nas cantigas de amor, esta em forma de carta que um pobre soldado manda à sua noiva, depois de ter perdido um braço na guerra (apesar de, no nome atribuído a esta recolha, aparecer a palavra *marido* e *mulherzinha*). Salientamos a forma *soufro* por *sofro* e *inutilado* por *inutilizado*.

**Foto nº 2465 a 2467, Caixa nº 12.3**

**Funchal, 1948 - Versos Populares - Férias do Natal - Maurílio Gouveia**

História de um namorado que partiu para o Brasil para ganhar a vida e voltar para casar. A namorada despediu-se dele com juras de amor eterno. Ao pensar que tinha morrido e depois de vários pedidos de outros rapazes, esquece a promessa que fez e aceita casar. O namorado chega do Brasil e aparece na igreja, no dia do casamento. Será também um

retrato do que acontecia com a emigração dos rapazes que deixavam as namoradas na ilha, à espera que voltassem para casar.

**Foto nº 2474 a 2475, Caixa nº 12.3**

**Paul do Mar, 1954 – «História do Ernesto e Carlota» - “Folclore popular” - Coligido por J. Cruz N. Correia**

Outra versão da composição anterior. Nesta, os namorados têm um nome, daí o título «História do Ernesto e Carlota».

**Foto nº 2584 a 2585, Caixa nº 12.3**

**«História do Ernesto» - “(rimance)” - Coligido por Manuel Nóbrega**

Outra versão da composição anterior.

**Foto nº 2602 a 2604, Caixa nº 12.3**

**Faial - «Uma história»**

Outra versão das composições anteriores.

**Foto nº 2468 a 2470, Caixa nº 12.3**

**Santana – “Conto”**

História de um soldado que estimava muito a sua mãe, mas teve de partir para a tropa. São tantas as saudades de amor que tem pela mãe que lhe é concedido voltar. Quando chega, ela já está morta e enterrada. Por amor à mãe, decide morrer na sua sepultura.

**Foto nº 2591 a 2593, Caixa nº 12.3**

**Santo António do Funchal – «A compra do fato»**

Outra versão da composição anterior.

**Foto nº 2705 a 2710, Caixa nº 12.9**

**De Boa Ventura - «Infeliz Soldado» - “Rimance”**

Outra versão semelhante às anteriores.

**Foto nº 682 a 683, Caixa nº 21.30**

**Estreito de Câmara de Lobos - «Adeus!»**

Despedida de um rapaz a uma rapariga de um amor que se desfez e ele vai partir a sofrer para não a ver chorar.

**Foto nº 718, Caixa nº 21.30**

**«Canção à beira mar»**

Versos de cariz melancólico sobre as mágoas do amor e da vida.

**Foto nº 717, Caixa nº 21.30**

**«Amor de mãe» - Abel Damasceno e Sousa**

Versos sobre a mãe que morreu e o seu amor santo.

**Foto nº 2332 a 2333, Caixa nº 12.3**

**Estreito de Câmara de Lobos - «Os Dez Mandamentos» (José Manuel) - Coligido por Afonso**

AVF (1988b: 43-44) publicou uma outra versão desta composição, com o mesmo nome e a indicação de ter sido recolhida em Câmara de Lobos.

**Foto nº 2044, Caixa nº 11.9**

**Rimance**

Composição publicada por AVF (1988b: 46), com o título **«Diálogo»** e a indicação “Do Santo da Serra”.

**Foto nº 2477, Caixa nº 12.3**

**“Outro Conto”**

Versos de amor em que o namorado sonha com abraços de ternura da amada.

**Foto nº 2571 a 2572, Caixa nº 12.3**

**Camacha – “História”**

Versos de desamor entre marido e mulher porque ela quer ir com a vizinha e o marido não deixa, por isso ela deseja a sua morte.

Ficaram por transcrever composições com várias versões recolhidas, como: **«(As) cantigas da semana»** (versão da Fajã da Ovelha de 1954 e versão do Estreito de Câmara de Lobos, sem data), bem como **«Semana de seis dias (outra versão)»** do Porto Santo e **«A semana tem seis dias»** (versão de Câmara de Lobos, sem data). AVF (1988b: 48-51) publica uma versão de cada um destes textos orais, com os mesmos títulos. Encontramos ainda outros versos em louvor da “menina” amada, em: **«Os mandamentos»**, sem local e sem data; **«Os sacramentos»**, Estreito de Câmara de Lobos, sem data e **«Os sete sacramentos»**, outra versão de Santa Cruz, sem data, versões de textos com temática amorosa que foram publicados por AVF (1988b: 55-56), tal como **«Diálogo entre pai e filha»**, Sant’Ana, 1954, que AVF (1988b: 46) publica com o mesmo nome e a indicação “do Santo da Serra”.

#### **4.7. Versos de autor popularizados**

**Foto nº 2067 a 2068, Caixa nº11.9**

**São Jorge, 1954 - «Boi» Uma história popular - João Rafael Gonçalves (aluno nº4)**

Esta composição em verso trata da venda de um boi. O dono tanto queria lucrar que acabou perdendo o verdadeiro valor do boi: “Chegou lá um vendilhão / Bom sedanha a tiracol/ E uma aguilhada na mão / O dinheiro da algibeira / Fazia a soma de um pão”. Os versos apresentam descrição da realidade rural madeirense da época com a respetiva linguagem popular, incluindo o arcaísmo “bouto-lhe”, forma do verbo *botar* para pôr, neste caso o dinheiro. Levaram “Aquele grande animalão” para a cidade e todos começaram a dizer que bela carne para assar e o homem que o ajudou a levar o boi diz que já é o dono. Aí ocorre a descrição da grandeza do boi feita pelo dono que “Ia p’ra erva mais o moço”, “Que era um boi de tanta estima”. Perdeu dinheiro até na venda do coiro para *cortimento*, que, por ficar “trigueiro”, foi “P’ra tenda de um sapateiro /E Para um avental de um ferreiro”. Termina dizendo que “As coisas muito gabadas / Para mim é um mau agouro, / Que era um boi de tanta estima / Nem deu carne nem deu couro / Tanto que eu me aguentei / Mas sempre levei um estouro”. Aqui, encontramos um certo queixume de um lavrador enganado por alguém da cidade, mas o tema dominante é de uma cantiga narrativa. Trata-se de «O Boi», cantiga popularizada ou tradicionalizada do Feiticeiro do Norte (Cf. *Versos*, 1994: 149-153), onde é identificada como “rimance em tom chocarreiro”.

**Foto nº 2672 a 2679, Caixa nº 12.9**

**Fajã da Ovelha - «História dum BOI» - Popular (outra versão)**

Outra versão idêntica à composição anterior.

**Foto nº 2695 a 2699, Caixa nº 12.9**

**Ponta do Pargo - «O Boi»**

Outra versão idêntica às anteriores.

**Foto nº 2741 a 2743, Caixa nº 12.10**

**Calheta, 1948 - «História do Boi»**

Mais uma versão.

**Foto nº 669 a 672, Caixa nº 21.30**

**«Raparigas que têm luxo»**

Trata-se de versos do autor popular madeirense conhecido como Feiticeiro do Norte que se generalizaram de tal forma junto da população madeirense, perdendo-se a referência à sua autoria, o que justifica a criação da tipologia de classificação destes como **Versos de autor popularizados**. Nesta recolha, é assinalado o primeiro verso como nome da composição, «**Raparigas que tem luxam**», sendo este o mesmo que “raparigas que têm luxo” ou “raparigas que luxam”, referindo-se às meninas do bordado, aquelas que vão trabalhar para o Funchal, para as fábricas de bordados, tornando-se muito vaidosas e, querendo casar, levam à desgraça os rapazes.

Na composição, ocorrem o que parecem ser formas fonéticas da linguagem popular de nomes de rapazes ou alcunhas destes: “**Gaí** sabe fumar cigarros”, “**Duda** o Padre não deita bênção”, “**Gisosim**, tu tens razão”. Dada a situação de carência, depois do casamento, as soluções apresentadas são: “P`ra gente furtar batatas”, “P`rá a gente ir pedir esmola”, terminando com a necessidade de embarcar para o Brasil. Esta versão não tem data, localidade, nem nome do informante e não tem referência ao Feiticeiro do Norte. Corresponde aos versos do Feiticeiro do Norte “**As raparigas dos bordados**” (cf. *Versos*, Manuel Gonçalves, pp. 91-94), que começam do seguinte modo: “Raparigas que têm luxo / são aquelas dos bordados. / Põem os pobres rapazes / Até mesmo degradados”. Os versos do autor continuam do seguinte modo: “Sem terem consolação”, “metidos na vadiação”. Explicam que “o rapaz por ser verdinho” não ouve os conselhos da mãe: “Minha mãe deu-me um conselho/mas não o hei-de tomar / Já tenho dezoito anos / estou em tempo de casar”. Também termina com a necessidade de embarcar.

A composição inclui um diálogo que parece remeter para o despique / repentismo entre um homem e uma mulher, o que é típico dos arraiais madeirenses. Nota-se que são fragmentos conservados na memória, faltando unidade narrativa, devido às lacunas da memória, o que se deve à transmissão oral dos versos ouvidos do Feiticeiro do Norte (que os cantava nos arraiais e em ambientes de festas populares). Como se trata de literatura de tradição oral, as rimas servem para ajudar a preservar a narrativa na memória. As falhas são atualizadas pela habilidade do cantor ou contador preencher lacunas, ao recontar a história (usando outras palavras ou mesmo acrescentando versos). As formas ‘*stou* e ‘*p`rá* são omissões e contrações de sílabas características da oralidade e necessárias para a métrica dos versos cantados.

#### **Foto nº 723 a 724, Caixa nº21.30**

##### **Calheta - «História das meninas»**

Recolha de outra versão dos versos do Feiticeiro do Norte, agora com o nome «**História das meninas**», começa de forma fragmentada, como indicado na transcrição em apêndice, continuando de forma atualizada pelo cantor ou narrador. Nesta versão, salienta-se o facto de irem para a missa fingindo serem muito religiosas, quando apenas estão interessadas em arranjar um rapaz para casar. Refere-se o desuso da palavra “**bichas**”, substituída por “**arcadas**”, forma popular de *arrecadas*: “Agora não se usa bichas, / O que se usa são arcadas / P`rá que digam os rapazes / - Oh que lindas namoradas”. A composição inclui uma descrição completa da forma como se penteiam e como se vestem para parecem mais bonitas do que são. Trata-se de uma crítica social com teor jocoso que fala de irem embrulhadas para a missa e “P`ra cima trazem no braço [o manto] / Dizem elas que é pesado / Faz-lhe vergões no cachaço”, termo popular para pescoço. Acrescenta-se que “quando saem da missa / Trazem as contas no dedo / Puxam o lenço para a testa / Dessas é que eu tenho medo”. Versão recolhida na Calheta que apresenta uma temática semelhante à de “**Raparigas que luxam (as dos bordados)**”, embora centrada na forma como vão à missa.

**Foto nº 2163 a2164, Caixa nº 12.1**

**Do Estreito de Câmara de Lobos - «Estas meninas de agora» (outra versão)**

Esta versão da cantiga foi publicada por AVF (1988a: 7-8), com o título “**Estas meninas de agora**” e a indicação “Do Estreito de Câmara de Lobos”.

**Foto nº 725 a 727, Caixa nº 21.30**

**Fajã da Ovelha - «As raparigas da aldeia Popular» (Outra Versão)**

Nesta versão temos a mistura das duas composições anteriores. Na segunda quadra, refere-se que usam chapéu de “palhinha rachada”, “Com fitas em toda a roda / P’ra fazer maior fachada”. Aqui, curiosamente, usam “bichinhas” não “arcadas” (quadra nº 3). Esta versão apresenta uma linguagem mais popular do que as anteriores, como podemos constatar nos versos sobre o uso do colete: “Das goelas ao umbigo / Atacadas como um burro / Não podem mexer consigo”; quando chegam à missa, “Tratam logo de ajoelhar / São como **frangas palheiras** / Que estão a se espiolhar”; “Agora já vão usando / Trazer o chaile [sic] de banda / Têm um calo no pescoço / Parecem vacas de canga”. Na expressão *frangas palheiras*, o nome *palheiras* é um regionalismo lexical madeirense para um tipo de galináceo pequeno.

Os versos “Olha onde está o meu rapaz / Aquilo é que é um **fadista** / Que fuma e toca viola / E sabe jogar à bisca” correspondem aos de “**As raparigas dos bordados**” do Feiticeiro do Norte - “Ele sabe fumar cigarros e sabe tocar viola. (...) porque é um rapaz jeitoso e sabe jogar à bisca” (1994: 93), em que o termo “jeitoso” é substituído por “fadista”, com o mesmo sentido. São acrescentadas outras quadras populares: “Depois de estarem casadas / São de focinho torcido / Sempre têm a língua pronta / P’ra responder ao marido”, o que faz com que “Quando às vezes apanham / O seu pedaço de pau / Vão p’ra casa se queixar / Que o marido é mau”. No final, as quadras “O tempero já está acabado / E o sal já se acabou, / E a renda de outro mês / Ainda não se pagou” e “É vergonha pedir / E pecado roubar / P’los modos em que me vejo / Agente vai embarcar” correspondem aos versos do Feiticeiro do Norte “O tempo já não tem / o sal já se acabou (...) É feio pedir esmola / é proibido roubar / a melhor cousa de tudo / é tratarmos de embarcar” (1994: 94). *Cousa por coisa* revela o uso popular da forma antiga da palavra. A versão em análise tem ainda mais uma quadra final, sobre a realidade da emigração: “O meu bem foi p’ra o Brasil / No Brasil é brasileiro / Tem me mandado escrever / Mas nunca me manda dinheiro”. Trata-se de composições que expressam realidades socioculturais e linguísticas madeirenses.

Neste caso, ao contrário de “**O A, B, C dos Amores**”, AVF apenas publica uma versão desta cantiga popular, «**Estas meninas de agora**», apesar de ter a recolha de várias versões, como podemos comprovar através dos manuscritos originais transcritos em apêndice.

**Foto nº 668, Caixa nº 21.30**

**Estreito de Câmara de Lobos - «Cheia na Madeira no Reinado de D. Carlos» - Rufino**

Fragmentos relacionados com eventos contados nos *Versos* de Emanuel Gonçalves (Feiticeiro do Norte) sobre a visita da rainha Dona M<sup>a</sup> Amélia à Madeira, na sequência de um grande temporal, como podemos constatar em “**As inundações de 1895**” (1994: 127-133) e em “**A chegada de suas majestades**” (1994: 135-148). Embora não corresponda aos textos referidos, é uma espécie de “resumo” daqueles em apenas 3 quadras.

**“Do Feiticeiro do Norte” - Manuel Armando Lucas Sardinha**

Fragmento do início da composição em verso de «**A chegada de suas magestades [sic]**» do Feiticeiro do Norte, reconhecida e identificada como tal. Esta visita à Madeira do rei D. Carlos e da rainha D. Amélia ocorreu a 22 de junho de 1901.

**«Meu pai que Deus haja»**

**Gabriel Arcanjo de Sá**

Trata-se dos primeiros versos de “**Antiguidade de meu pai**”, do Feiticeiro do Norte (1994: 46): “Meu pai foi homem antigo, / Do tempo estava ensaiado, / Era o mesmo que um pau alto / No meio d’um escampado, / que ao chegar o temporal / apanha de todo o lado; / Pois assim era meu pai / Do mundo experimentado.” Na publicação dos seus versos, temos a palavra “experimentado”, forma da norma escrita da língua, que nesta versão surge com a forma popular “exprimmentado”, apesar de Alberto Gomes, no prefácio, onde apresenta um pequeno glossário da linguagem utilizada pelo autor, escrever: “Conservámos na transcrição dos rimances, com não podia deixar de ser, todos os erros de fonética, concordância, construção, métrica, de rima, e outros, fiéis, como devíamos ficar, aos princípios que a investigação, neste campo, determina e fixa. Emendar seria adular e roubar a cada expressão a intensidade e a naturalidade que lhes procurou dar o valor analfabeto.” (1994: 35). Alberto Gomes chamou *rimances* às composições do Feiticeiro do Norte porque contam histórias em verso, porém considerámos serem cantigas populares. AVF (1988a: 9) publica estes versos com o nome apresentado nesta recolha, «**Meu pai que Deus haja!**», com a indicação “De Gaula”, correspondendo a este original manuscrito. Podemos ver as alterações introduzidas por AVF, nas notas de rodapé inseridas no texto transcrito em apêndice, por exemplo da forma popular *exprimmentado* para *experimentado*.

**Foto nº 2165, Caixa nº 12.1**

**De Gaula - «Meu pai que Deus haja!» (outra versão)**

A publicação destes versos por AVF parece ter sido feita a partir desta versão.

**Foto nº 2249, 2252 e 2251, Caixa nº 12.2**

**Calheta, 21-9-1944 - «O assalto ao Lazareto, no dia 7 de Janeiro»**

Trata-se de versos popularizados do Feiticeiro do Norte (1994: 119-125), publicados com o nome «**A Peste do Lazareto**», onde podemos ler: “Ao infame Lazareto / vão a 7 de Janeiro / soldados e populares, / não deixando nada inteiro” (1994: 122). No pequeno texto que antecede a composição, diz-se: “É este período da vida da cidade, que o Feiticeiro canta no seu rimance – um dos mais procurados, lidos e com sucessivas edições” (1994: 119). Trata do assalto dos populares ao Lazareto para libertar os falsos doentes de peste que lá eram internados e mal tratados. Embora não haja, neste caso, correspondência direta entre estas quadras e os versos do Feiticeiro do Norte, percebemos que a base é essa. Esta é uma versão com linguagem popular que se nota ter sido recolhida diretamente da boca do povo e que não foi publicada por AVF.

**Foto nº 2754 a 2755, Caixa nº 12.10**

**Rancho - Câmara de Lôbos [sic], 22-1-1945 - «O meu galo prêto [sic]» - “Do Feiticeiro do Norte”**

Versos identificados como “Do Feiticeiro do Norte” sobre um pintainho preto que escapou aos francelhos e ao gato bravo e que é muito estimado pelo seu dono.

**Foto nº 2752 a 2753, Caixa nº 12.10**

**Porto da Cruz, 1954 - «A galinha preta» - Coligido por Vasco**

Outra versão da composição anterior.

#### **4.8. Quadras variadas e soltas**

**Foto nº 673 a 676, Caixa nº 21. 30**

**Ribeira Brava**

Quadras sem título sobre a vida, o destino e o casar, em que nem sempre há rima, mas em que o último verso de uma quadra é o primeiro da quadra seguinte, o que só não acontece na ligação entre três quadras (embora falte a transcrição de 4 quadras).

**Foto nº 681, Caixa nº 21.30**

**Câmara de Lobos - Quadras populares**

Texto inédito, sem título, recolhido em Câmara de Lobos, apenas com a indicação que são “quadras populares”.

**Foto nº 701, Caixa Nº 21.30**

**Quadras populares**

Trata-se de quadras populares portuguesas sobre a vida e a ventura: “Que Deus tem para nos dar”, dizendo verdades como “Todos falam e murmuram / E ninguém olha para si”.

Sobre a morte e os que ficam: “Acaba para quem morrer / Quem fica come e bebe”, enfim o mundo como vida de enganos.

### **Foto nº 2269, caixa nº 12.3**

#### **Curral das Freiras**

Quadras populares com algumas rimas imperfeitas, recolhidas juntamente com o rimance «Caçador que vai para a serra». Apresenta uma estrofe incompleta de 3 versos, começando a primeira quadra com “Cantigas de apanhar erva”. Inclui um verso de sabedoria popular “O dinheiro mal ganhado / Deus o deu, água o levou” e alguns versos sobre o rapaz amado ou namorado: “O meu amor é bonito / É bonito e encarnado”, por oposição ao de outra rapariga, “O teu amor cá é feio, / Amarelo **encurriado**”. Esta será a grafia fonética da palavra *encorreado*, do verbo *encorrear* ‘tornar duro’, com o significado de inchado, provavelmente um regionalismo semântico madeirense. No caso de “**refegão** de vento” que levou as cantigas, a palavra *refegão*, forma derivada de *refega* com o sufixo aumentativo *-ão*, terá o significado de ‘golpe de vento inesperado e violento’, possivelmente um regionalismo lexical madeirense. De seguida, aparece uma quadra de cariz religioso sobre a Madalena do Mar, terminando com uma quadra aos amores de longe e de perto.

### **Foto nº 728 a 729, Caixa nº 21.30**

#### **São Roque - «Peixe» - Coligido pelo senhor João da Silva**

A palavra “pauleirinha” indica-nos que estamos a falar de uma mulher do Paul do Mar cujo marido será pescador e que vai levar o peixe a uma zona agrícola para o trocar, geralmente por um saco de batatas “O pagamento deste peixe, / É um saquinho e bem cheio”. Trata-se de uma realidade sociocultural madeirense que era muito frequente, a troca de produtos entre as populações do mar e da terra. Segue-se uma sextilha sobre outras realidades do quotidiano, como “Um rato estonteado:/Ia pelo quintal p’ra lá / Ele arreganhou as **ferras**” (‘dentes’, diz-se “leveí uma **ferrada**”, o mesmo que ‘dentada’), e uma estrofe de 3 versos sobre o milho frito com peixe: “Milho frito, Peixe e pão, / É o almoço de um capitão”, porque as pessoas pobres comiam milho cozido sem conduto de peixe. A terminar, temos uma quadra sobre “a estrela da Alva” e a manhã.

### **Foto nº 734 a 735, Caixa nº 21.30**

#### **São Vicente**

Composição típica do folclore português e não só madeirense: “Ó Rita levanta a saia”, com algumas partes que são variantes, como “Não pagaste à costureira / Agora a saia é minha”. Inclui os característicos versos da sabedoria popular: “A saia custa dinheiro / Dinheiro custa a ganhar” (em que o povo aproveita as cantigas de lazer para transmitir conhecimentos), fechando com “A saia que tu me deste / Bordada em ponto francês / Foi comprada na cidade / na loja de um inglês”, que são versos comuns a outras versões conhecidas.

### **Foto nº 1303, Caixa nº 11.5**

#### **São Roque do Funchal – “Quadras populares”**

Recolhidas com a indicação de “quadras populares”, invocam Deus e começam por falar do sentimento religioso popular: “Quem faz, bem neste mundo, / No outro não se arrepende”. A segunda quadra é igualmente uma invocação de teor religioso, passando, na quadra seguinte, para a amargura da vida de um pai que é velho e “Os filhos o vão largando”, continuando com outras quadras de temas diversos. Apesar de ter um certo teor de queixume, parece-nos que o tema dominante é quadras variadas.

### **Foto nº 684 a 685, Caixa nº 21.30**

#### **São Martinho, 8-1-1946 - Exercício de Português - Manuel de Freitas**

Trata-se de composições populares que serão também nacionais e não só regionais, ou seja, existentes também em cancionários tradicionais de outras regiões do país, o que se denota também pelo último verso “Bandeiras dos portugueses”.

### **Foto nº 1174, Caixa nº 7.6**

**«Trovas Populares da vinha e do vinho da Madeira e do Porto Santo» (Foto nº 1175, Caixa nº 7.6, continua; Foto nº 1181, Caixa nº 7.6, continua; Foto nº 1182, continua; Foto nº 1183, Caixa nº 7.6, continua; Foto nº 1184, Caixa nº 7.6, continua; Foto nº 1185, continua até 1187)**

Estas quadras registadas com o nome «Trovas Populares da vinha e do vinho da Madeira e do Porto Santo», como podemos ver acima, começam por aludir à vinha numa metáfora com a vida humana: “Este mundo é uma vinha, / Cada casa uma latada! / Vem a Morte faz vindima/ Fica a vinha vindimada”. Seguem-se muitas outras quadras algumas com um certo teor brincalhão: “Ainda as uvas não é vinho / Já eu ando embriagado”, mostrando como o povo canta a alegria juntamente com o sofrimento da sua condição, sendo o vinho uma das suas maiores alegrias: “O vinho é uma coisa santa, / Que nasce da **cepra** torta / A uns faz perder o tino... / A outros faz errar na porta!”. Nestes versos encontramos a forma popular *cepra* da palavra *cepa* (tal como acontece em *mostro* por *mosto* e *marcela* por *macela*). Também é importante assinalar o louvor a “O bom vinho americano” que “Sempre foi muito afamado, / Por ser uva mais grada / Deita as outras para o lado”, muito apreciado na ilha da Madeira. Depois de nova indicação de fragmentação na recolha, surgem algumas quadras de amor relacionadas com o vinho, com uma curiosa referência a Alicante: “Menino que andais á fôlha / Na parreira de «Alicante» / Dai-me cá um cacho de uvas / Para dar ao meu amante”. Seguidamente, temos uma referência regional ao corredor da vinha e à *Festa* ou Natal madeirense: “Eu gosto muito de ver / As uvas no corredor, / Que me dão vinho p’ra Festa, / Para eu dar ao meu amor”. Posteriormente, surge a referência “À vindima ao Porto Santo!” e, mais à frente, uma quadra sobre a “água-pé” que rima com “jaqué”. A recolha de quadras continua com referências ao “vinho de «armun»” e “verdelho”. Encontramos mais uma

quadra de sentido jocoso: Rapazes quando eu morrer, / Enterrai-me ao pé do vinho: / A pipa p'ra a cabeceira / A torneira no focinho!”. Segue-se, ainda, uma referência à “uva de «caninha»” e novamente ao “vinho americano”. Aqui também, como noutras quadras populares, surgem referências a indivíduos da comunidade rural identificados pelas alcunhas por que eram conhecidos, algumas também com sentido jocoso, como nesta quadra: “Que os arrematantes do vinho / São o «Penço» e o «Reveço»” (“apelidos de dois bêbados do Seixal”), assim como também ocorrem topónimos locais, como é o caso de “Para compôr [sic] uma latada / Eu fui á madeira aos “Cedros” (“nome de um sítio da Serra do Fanal”). Mais uma vez, trata-se de uma composição que retrata a realidade sociocultural madeirense, neste caso do vinho e da vinha.

#### **Foto nº 836, Caixa nº 5.10**

##### **Quadra popular - Aristófilo**

Recolha de quadras populares com temas diversos numa mesma composição, da alma com saudades do céu, ao “vinho Madeira”, tratado na estufa, que “Às vezes [sic] dá em ferver, / Fervendo às vezes arrufa”.

#### **Foto nº 1199, Caixa nº 7.6**

##### **5-6-1989 - «O vinho» - Margarida Rodrigues**

Estas quadras não apresentam um cariz popular tão acentuado, contendo linguagem mais erudita, fala do abuso do álcool, embora com alguns versos de teor mais popular: “Quem o tomar demais / Parte a louça e a panela”.

#### **Foto nº 2059, Caixa nº 11.9**

##### **Ponta do Sol, 1955 - «Aquela cana vieira» - Quadras sem rima do povo (Variedade)**

Como as anotações da recolha indicam, trata-se de “Quadras sem rima do povo”, tendo como título «Aquela cana vieira», com referências ao amor e ao encontro de namorados.

#### **Foto nº 2081, Caixa nº 11.9**

##### **Quadras populares**

Quadras inéditas sobre o mar, incluindo versos que traduzem tradições e sabedoria popular como: “A água do mar é perigosa / Na manhã de S. João”, apesar de muitos rapazes irem tomar banho, assim como “Quando o tempo está da briza [sic] / Bem dizia o marinheiro / Ninguém pode navegar / Que até o mar bota mau cheiro” e ainda “Não julgues com os teus olhos / Que te podes enganar” e “Que toda a nossa ambição / Seja o pão de cada dia”, transmissão de valores familiares e religiosos “Onde o modelo escolhido / Seja o lar de Nazareth”, “Erguendo sempre mais alto / Uma Pátria mais cristã”.

##### **“Versos cantados por uma infeliz”**

No original manuscrito, apenas encontramos a informação registada acima, “**Versos cantados por uma infeliz**”, sobre a sua recolha. Embora com certo teor de queixume,

classificamos como quadras variadas, por nos parecer ser esse o tema dominante. Quanto à linguagem utilizada, no verso “No campo não à vilões”, encontramos na escrita à por há “vilões”, tal como em “No campo à camponeses”, no entanto, depois ocorre a forma do verbo haver, no verso “Na cidade há cidadãos”. O texto termina com o verso: “No campo há regedores / Um em cada fregueses [sic]”, com a palavra *fregueses* por freguesia.

**Foto nº 737, Caixa nº 21.30**

**Ponta do Sol - «Despedida dum soldado» - Variedade**

Composição que é a fala de um soldado que vai para a guerra. Vai cantando para abrandar a dor, levando farda e espingarda ao ombro. Sente-se grande e forte pelo mundo, por ir cumprir o seu dever. Despede-se da esposa, da aldeia e de tudo o que conhece, pois pode morrer e não voltar. Termina pedindo orações.

**Foto nº 2462, Caixa nº12.3**

**Câmara de Lobos – “Versos Populares?”**

Parece um fragmento de uma composição maior.

**Foto nº 682 a 683, Caixa nº 21.30**

**Estreito de Câmara de Lobos - «A cantiga do Rufino»**

Composição em verso sem rima cuja recolha vem acompanhada da seguinte nota: “Esta cantiga que não dá canto (como diz o povo) deu origem à frase seguinte: «É a cantiga do Rufino, que se diz duma quadra que não rima»”.

**Foto nº 1406 a 1407, Caixa nº 11.5**

**Machico – “Cantigas populares” - Filipe**

Começa com uma quadra ao Menino Jesus sobre a noite de Natal e o dia de Festa. Seguem-se outras quadras soltas e variadas. Algumas destas quadras apresentam um sentido jocoso, contudo o tema dominante é diverso, daí as classificarmos como “quadras variadas e soltas”. Estas fazem parte do folclore madeirense, contendo linguagem popular como “garnelo” (que se põe no focinho do porco), para meter nas “ventas”.

**Foto nº 1398 a 1399, Caixa nº11.5**

**Jardim do Mar ,1954 – “(Quadras populares)”**

Composição com algumas quadras variadas e soltas.

**Foto nº 1320 a 1321, Caixa nº 11.5**

**Ponta do Sol - «Menino, se quereis vá» - Redacção - António Rodrigues Rebola**

No texto da recolha, encontramos a seguinte anotação: “São conhecidas em quase toda a freguesia da Ponta do Sol, mormente das pessoas mais velhas, as seguintes estrofes, que certo homem cantava antes de começar a dormir, **embalando** a cabeça (ao mesmo tempo

que cantava), imitando assim **o barquinho** que navegava sobre as ondas”. Informa ainda que, depois de as dizer, “começava imediatamente a dormir”.

**Foto nº 1320 a 1321, Caixa nº 11.5**

**Ponta do Sol - «Menino, se quereis vamos» - Redacção - António Rodrigues Rebola**

Outra versão da composição anterior. Trata-se da versão original recolhida que é melhorada pelo aluno, a pedido de AVF. Daí, na nota acima transcrita, em “que certo homem cantava antes de começar a dormir, **embalçando** [sic] a cabeça (ao mesmo tempo que cantava), imitando assim **a barquinha** que navegava sobre as ondas”, poderemos ver as alterações feitas no texto de um registo mais popular para um registo mais erudito, substituindo a forma *embalçando* por *embalando* e *a barquinha* por *o barquinho*.

**Foto nº 1219, Caixa nº 11.3**

**“Quadras populares”**

Quadras variadas e soltas.

**Foto nº 1290, Caixa nº 11.3**

**“Quadras do povo”**

Duas quadras – “Papagaio louro” e “papagaio verde”.

**Foto nº 736, Caixa nº 21.30**

**Santa Cruz – “(O trigo disse à cevada)” - Augusto**

Pequenos diálogos entre o trigo e a cevada e o vinho e o pão.

**Foto nº 1291, Caixa nº 11.3**

**«Ó alma dianteira!...»**

Composição que foi recolhida, acompanhada da seguinte nota: “Do que disseram alguns larápios batidos, afugentando um proprietário que vigiava uma sua figueira. Segue o que proferiram:”. Trata-se de versos a imitar almas penadas, para afastar o dono da árvore.

**Foto nº 2045, Caixa nº 11.9**

**Camacha - «Acto de fé» - “(da Costa de Baixo)”**

Apesar de ter um nome religioso, «Acto de fé», esta composição não é de índole religiosa. Fala da ausência do amado, porém incluímos nesta tipologia e não nas composições de amor ou de saudade, por serem versos variados e soltos. Começa com os versos “âncora... navio / navega p’ra baixo”. AVF (1988b: 47) publica esta composição com o título «Âncora... Navio!» e a indicação “da Camacha”, correspondendo a este original.

**Foto nº 1529, Caixa nº 11.6**

**Jardim do Mar, 1952 –Versos populares para «Dia de Reis» - Redacção - Francisco Félix de Sousa**

Embora esta cantiga seja do Dia dos Reis, o seu teor é profano (não religioso) e variado, por isso incluímos estes versos nesta tipologia.

**Foto nº 1605 a 1606, Caixa nº 11.6**

**Jardim do Mar, 22-1-1952 – «Os Reis» - Redacção**

Juntamente com a recolha dos versos populares, temos as seguintes informações: “Seguindo um velho costume, no dia 5 de Janeiro, alguns rapazes da minha freguesia vão a casa de algumas pessoas cantar os reis. Quando lá chegam, começam... Cantadas estas estrofes, esperam alguns momentos. Se vier alguma pessoa dar-lhes qualquer coisa, depois de tudo acabar, começam de novo... Se não vier ninguém, não cantam a anterior, e em seu lugar... Esperam. Se nunca chegar ninguém, cantam...”.

**Foto nº 3007 a 3008, Caixa nº 27.3**

**Gaula, 16-1-1950 - “Costumes da minha freguesia” – Redacção - Fernando Pereira Nóbrega**

Outra versão do cantar os Reis.

**Foto nº 3009 a 3010, Caixa nº 27.3**

**Santo António do Funchal, 8-1-1946 – “Cantar os Reis” - José Fernandes Neves**

Outra versão.

**Foto nº 2328 a 2331, Caixa nº 12.3**

**Monte**

Versos que começam com o nome “**Manilhinho** da Camacha”, que ajudou a rachar lenha em troca de aguardente e não lhe queriam dar nada como pagamento. *Manilhinho* será uma forma fonética da língua popular, enquanto diminutivo do nome próprio *Manel*, aqui identificado também com o topónimo *da Camacha* que indica o seu local de origem na ilha da Madeira.

**Foto nº 2372, Caixa nº 12.3**

**Calheta - «Uma história de um rato» - Exercício de Português - Maciel**

Pequena história de um lavrador que tinha um rato na fazenda e diz à mulher que vem à cidade comprar uma ratoeira.

**Foto nº 2361, Caixa nº 12.3**

**São Vicente, 16-1-1956 - «Um Rato» / «Eu tenho uma habilidade» - Noé**

Parece ser uma outra versão da composição anterior, em que o lavrador encontra o rato a comer figos, enquanto antes estava a comer “da melhor batata”.

**Foto n° 2373, Caixa n° 12.3**

**4-1-1946 - «Duas quadras de uma velha da Ponta do Sol»**

Nesta composição, regista-se uma terceira estrofe que se junta às «Duas quadras de uma velha da Ponta do Sol» e que parece ocorrer por contaminação.

**Foto n° 1344, Caixa n° 11.5**

**Do Monte - «Virgem, Senhora do Monte»**

Cantiga à Senhora do Monte sobre os romeiros que lhe vêm pedir água para rega. Incluímo-la aqui e não nas cantigas religiosas por se tratar de quadras sobre o quotidiano, neste caso rural madeirense.

**Foto n° 2432 a 2433, Caixa n° 12.3**

**Quinta Grande, 1952 – “Cantigas do povo”**

Pequeno fragmento de uma composição maior de outras quadras populares, também profanas, sobre Nossa Senhora do Monte.

**Foto n° 2700 a 2701, Caixa n° 12.9**

**Santo António do Funchal - «Sem princípio nem fim» - Coligido por Sancho**

Versos com temas variados que se juntam numa mesma composição, daí o nome «Sem princípio nem fim».

**Fotos n° 2683 a 2685, Caixa n° 12.9**

**Santo António do Funchal, 1944 - «Sem princípio nem fim»**

Outra versão da composição anterior.

**Foto n 2504 a 2505, Caixa n° 12.3**

**S. Gonçalo, 1945 – “Quadras Populares”**

Quadras variadas sobre as rosas e a mãe que é uma roseira, seguindo-se versos sobre Santa Teresa. Fecha com versos da sabedoria popular.

**Foto n° 2463 a 2464, Caixa n° 12.3**

**Câmara-de-Lobos [sic]**

Composição em verso sobre o Manuel que vai pedir a prima em namoro e é rejeitado. Ainda por cima, leva uma porrada pelo caminho, o que retrata bem a realidade rural da época. Termina com uma quadra solta que parece ser adicionada aos versos anteriores.

**Foto n° 2588, Caixa n° 12.3**

**Estreito de Câmara de Lobos - «Sua bênção minha tia» – “Rimance”**

Outra versão da composição anterior.

**Foto nº 2565 a 2568, Caixa nº 12.3**

**Porto da Cruz, 1946 – “Histórias em quadras populares” - Exercício de Português - António F. Henriques Cunha**

Três composições em verso: a primeira sobre uma casa em tom de paródia, a segunda sobre o que alguém viu em Lisboa, no Terreiro do Paço, e a última sobre o Manuel que vai pedir a prima em casamento (outra versão do texto anterior).

**Foto nº 2605, Caixa nº 12.3**

**Boaventura, 1954 – “Versos Populares”**

Versos com referência à Rochinha no Funchal de uma rapariga que diz ter sido moça na casa de um juiz e fala da roupa lavada.

**Foto nº 2680, Caixa nº 12.9**

**4-5-1943 - Exercício de Português - Orlando Morna (Seminário)**

Versos de temáticas variadas com estrofes soltas da tradição popular madeirense.

**Foto nº 2690 a 2691, Caixa nº 12.9**

**Rancho - Câmara de Lóbos [sic] - «Jogo do “Bicho”»**

Composição em quadras com rima sobre os vinte e cinco animais do “jogo do bicho”.

**Foto nº 2692 a 2693, Caixa nº 12.9**

**Estreito de Câmara de Lobos - «Os vinte e cinco bichos» - João Pedro Gomes Henriques**

Outra versão parecida com a anterior.

Ficaram por transcrever as seguintes cantigas variadas e soltas: «**Vamos para a romaria**», sem local e sem data; «**História da romagem**», outra versão, Calheta, 1948; «**Meninas de S. João**», que começa com o verso “Na manhã de S. João”, sem local, 1954; «**História das moças**» (sobre as raparigas de cada freguesia da Madeira), S. Roque do Faial, sem data; “Versos populares” que começam com “Quem se deita com meninos”, sem local e sem data; composição com o nome “Rimance”, que AVF riscou a vermelho, cujo primeiro verso é “Meu pai tinha um saquinho”, S. Martinho, sem data; «**O baptizado**», composição em versos, sem local e sem data; «**O charamba**», versos de Santana, sem data; quadras que começam com o verso “Eu tenho uma pena no peito”, outra versão, Faial, sem data; «**Foi o S. Vicente ao fado**», Santana, sem data. Estas composições não terão sido publicadas por AVF, sendo inéditas.

#### **4.9. Cantigas histórico-políticas**

##### **Foto nº 752, Caixa nº 21.30**

##### **Gaula / Levadas**

Dentro desta tipologia integramos composições com temática política e histórica que encontramos no espólio de AVF e que têm uma estrutura constituída por um mote que é uma quadra, seguido de uma glosa de várias estrofes, com dez ou mais versos, ou apenas com 5 ou 6. Assim, para lá da forma, o que interessa é o que se quer dizer, o conteúdo discursivo. Esta composição parece situar-se na época da monarquia e da ocupação dos ingleses, sendo uma versificação de temática muito antiga, como indicam os versos: “Portugal és vencedor / Da nossa real bandeira”, “Que lá vem os ingleses / Fazer fogo aos Portugueses”. Louva-se Portugal que “p’ra guerra tem / Soldados como dragões”, sendo hora de defender Portugal.

##### **Foto nº 752, Caixa nº 21.30**

##### **Gaula / Levadas - Foto nº 758**

Trata-se de uma composição com a estrutura de mote e glosa sobre o fim da monarquia portuguesa, em que o narrador é o último rei de Portugal, obrigado a sair do país. Diz que os republicanos lhe tentaram tirar a vida e despede-se de Portugal.

##### **Foto nº 752, Caixa nº 21.30 e Foto nº 759**

##### **Gaula / Levadas**

Outra versão da mesma composição temática. Nesta, encontramos a data cinco de outubro como o dia que desapareceu a coroa e que assassinaram o pai do monarca português, dizendo que “Lançaram no Ludaçal / A terra nossos parentes”. Informa que quem governa o país são os republicanos e que obrigaram o jovem rei a sair da capital.

#### **4.10. Cantigas da saudade**

##### **Foto nº 752, Caixa nº 21.30**

##### **Gaula / Levadas**

Tal como a composição de temática histórico-política, recolhida no mesmo local, também sem nome, apresenta a mesma estrutura de mote e glosa. No entanto, esta tem como tema dominante a saudade de alguém que está longe da família e amigos e envia uma carta para que não se esqueçam dele, já que não pode vir. Diz estar “na capital da grande América do Sul”. Também aqui encontramos versos feitos à imagem da sabedoria popular: “Na morte não há segurança / Enquanto há vida há esperança”.

##### **“Versos oitenta - Em tempo - O fado”**

Composição incompleta sobre a tristeza de cantar o fado, que faz lembrar o passado.

**Fotonº718, Caixa nº 21.30**

**«Saudades de mãe»**

Versos dedicados à mãe que já morreu e à saudade do seu amor.

**4.11. Quadras religiosas**

**Foto nº 1304, Caixa nº 11.5**

**São Roque do Funchal - «A Santa Teresa»**

Composição em louvor de Santa Teresa, que poderá ser uma oração, embora não tenha sido assinalada como tal, ao contrário de muitas outras orações recolhidas, que tivemos de excluir deste estudo.

**Foto nº 1298 a 1301 Caixa nº 11.5**

**S. Jorge - «Versos a Lisboa da Encarnação» - Coligido por João Abel**

Composição em louvor da Senhora da Encarnação, “Virgem pura Imaculada”, “nascida” e “criada” em Lisboa, que desembarcou num calhau da Madeira. Tal como os versos anteriores, serão quadras de cariz popular que, neste caso, evocam vários padroeiros das diferentes localidades da ilha por onde passou a Virgem, na sua visita à Madeira. AVF (1964: 148-162) publica estes versos com o título «De como uma veneranda imagem de Nossa Senhora da Encarnação foi processionalmente, desde a cidade do Funchal até à freguesia de S. Jorge, no século XVII». Escreve que se trata de um “rimance” sobre um acontecimento religioso. Informa ter coligido 4 “cópias” desta composição: uma no Funchal e 3 no Norte da ilha, “vindas por tradição oral e diferindo umas das outras apenas em ligeiras variantes”, correspondendo a esta e às versões que se seguem.

**Foto nº 3019 a 3023, Caixa nº 27.3**

**Faial - «De Lisboa embarcou» - “Rimance Religioso”**

Outra versão muito idêntica à composição anterior, como podemos ver nos textos transcritos em apêndice.

**Foto nº 3011 a 3012, Caixa nº 27.3**

**Funchal - «A N. Sra da Encarnação» - “Conto/História” - Cópia de Manuel Armando Lucas Sardinha**

Outra versão parecida com a anterior.

**Foto nº 3013 a 3018, Caixa nº 27.3**

**Porto da Cruz - «Viagem da Virgem de Lisboa a S. Jorge»**

Outra versão semelhante às anteriores.

**Foto nº 2073, Caixa nº 11.9**

**Paul do Mar, 1953 - «A Virgem da Palma» - Coligido por João de C. Correia**

Texto inédito dedicado à “virgem de Palma”. Trata-se de uma evocação/oração em louvor à Virgem Maria, mãe de Jesus Cristo, Salvador do mundo.

**Foto nº 752, caixa nº 21.30**

**Gaula /Levadas**

Composição com “motte” e “glosa” sobre a morte de Jesus: a tempestade na hora da sua morte, na “sexta da Paixão”, “tremendo o céu e a terra”, e a sua ressurreição ao terceiro dia, depois de morrer crucificado para nos salvar.

**Caixa nº 21.30**

**Funchal, 16-01-1950 - Maurílio Gouveia**

Composição com quadras populares sobre as flores no altar de S. João.

**Foto nº 1580, Caixa nº 11.6**

**Funchal, 12-1-1948 - «Quadras populares dedicadas a S. João pela ocasião da sua festa em S. Martinho» - Exercício de Férias - Faria**

Quadras populares com referência à Lombada. Cantigas também em louvor do padre. Parece incompleto, com a última quadra sobre as poucas ofertas à igreja das raparigas, por ter faltado o bordado.

**Machico, 9-1-1952 - «Muito lindo é o céu» - Redacção - Gabriel Lino Cabral (Seminário do Funchal)**

Composição em louvor do Céu, dos seus anjos e santos.

**Foto nº 1322/1323, Caixa nº11.5**

**Machico - «Quem quer ver a barca nova» - “(Rimance Popular)” - Filipe**

Versos que começam com a “barca nova que se deita ao mar”, onde vão Nossa Senhora, a “Senhora das flores”, e os anjos remando.

**Foto nº 1342 a 1344, Caixa nº11.5**

**Funchal, 4-5-1943 - «Santa Bárbara (trovadas)» - “ouvido no Funchal” - Agrela**

Nestas composições, não só temos Nossa Senhora e os santos a fazerem atividades quotidianas da vida rural, como se incluem quadras populares com teor humorístico, como é o caso da última quadra.

**Foto nº 1328 a 1329, Caixa nº 11.5**

**Santana, 18-1-1954 - «A triste noite escura» - “(oração)????” - José de Freitas**

Composição em verso que poderá ser uma oração, sendo um diálogo entre uma alma que esteve afastada da fé e que a ela regressa.

**Foto n° 1492 a 1495, Caixa n° 11.5**

**Arco de S. Jorge - «História de Santo António»**

História de S. António que vem a Portugal salvar o pai inocente, que estava a ser condenado por matar um homem. Afirmção da santidade de S. António por seu pai com referência a sua mãe, D. Teresa.

**Foto n° 2643 a 2644, Caixa n° 12.3**

**Calheta - «História de Santo António» (outra versão) - Recolhido por Maciel**

Outra versão da composição anterior.

**Foto n° 1653, Caixa n° 11.12**

**Arco da Calheta - «A última Viagem»**

Composição em verso sobre uma alma que chega ao Céu.

**Foto n.º 1860, caixa n.º 11.12**

Trata-se de uma versão idêntica da composição anterior, com o título «**Viagem da alma**», sem registo da zona da recolha.

**Foto n.º. 2101, Caixa n.º11.9**

Versão semelhante com o mesmo título, «**Viagem da alma**», e a indicação de recolhido no Arco da Calheta por Leça.

**Foto n° 1371, Caixa n° 11.5**

**São Jorge – “Rezas Populares”**

Composição em verso com rima que poderá ser uma pequena oração de proteção.

**Foto n° 1384, Caixa n° 11.5**

**«Entrava o meu Bom Jesus pelo portal de Belém» - José Maria**

Poderá ser um fragmento de uma composição maior sobre Jesus e Maria Madalena.

Ficaram por transcrever as quadras ao divino Espírito Santo (nas visitas às casas), sem local e sem data.

#### **4.12. Composições jocosas**

**Foto n° 2160, Caixa n° 12.1**

**Do Funchal - «O Pai Nosso dos Estudantes»**

Composição publicada por AVF (1988a: 13), sem indicação do local da versão recolhida que, no original, consta ser do Funchal.

**Foto nº 2077, Caixa nº 11.9**

**Estreito de Câmara de Lobos – «Azia»**

Versos publicados por AVF (1988a: 18) com o nome «**A arenga da azia**» e a indicação “Do Estreito de Câmara de Lobos”, correspondendo a este original manuscrito, transcrito em apêndice. Como podemos ver nas notas de rodapé, também aqui AVF corrige a forma popular *formento* para *fermento*.

**Foto nº 2060 a 2061, Caixa nº 11.9**

**Camacha - «Uma Maga» - História**

Composição publicada por AVF (1988a: 32) com o título «**Que os diabos o carreguem!**», sem indicação do local de recolha, como texto com pendor humorístico. Na transcrição das quadras em apêndice, damos conta, nas notas de rodapé, das diferenças linguísticas entre a versão inédita e a publicada.

**Foto nº 2056 a 2057, Caixa nº 11.9**

**Rancho - Câmara de Lobos [sic], 8-1-1947 - «História das mentiras» - Arnaldo Rufino da Silva**

Publicado por AVF (1988a: 33-34), com o nome «**Quem quiser ouvir, escute!**» e a indicação “Do Rancho – Câmara de Lobos”. Composição que se aproxima das lengalengas, mas cujo tema dominante é de caráter jocoso, como aferido por AVF. Destacamos o uso da linguagem popular presente nomeadamente nas formas “assubi” por “subi” e “canelinhos”, assim como na expressão “Desmentiu-me um calcanhar”, tipicamente popular. Podemos ver que AVF conserva as formas da linguagem popular na sua publicação, embora os versos publicados não correspondam totalmente aos do original manuscrito, que é este, como podemos ver na transcrição em apêndice e nas respetivas notas de rodapé.

**Foto nº 2173 a 2174, Caixa nº 12.1**

**Rancho - Câmara de Lobos - «Quem quiser ouvir, escute!»**

Outra versão da composição anterior, também com indicação de ter sido recolhida no Rancho, em Câmara de Lobos, mas sem data nem nome do coletor. AVF parece ter utilizado estas duas versões na que publicou.

**Foto nº 2058, Caixa nº 11.9**

**S. Jorge, 1956 – “Versos populares”**

Fragmento da composição anterior, recolhido em S. Jorge, versos publicados por AVF (1988a: 33-34), com o nome «**Quem quiser ouvir, escute!**» e a indicação “Do Rancho – Câmara de Lobos”.

**Foto nº 2295 a 2296, Caixa nº 12.3**

**S. Jorge, 1956 – “Versos populares”**

Outra versão que começa com “Eu subi ao pessegueiro”, tendo o verso “apanhei quatro maçãs”, para rimar com “limões”.

**Foto nº 2049 a 2050, Caixa nº11.9**

**Gaula – «Uma velha»**

Quadras publicadas por AVF (1988a: 10), com o título «Uma velha» e a indicação “De Gaula”. Na transcrição do texto em apêndice, nas notas de rodapé, damos conta das alterações feitas por AVF para a publicação.

**Foto nº 2166, Caixa nº12.1**

**De Gaula - «Uma velha desdentada» (outra versão)**

Outra versão da composição anterior, aqui com o nome «Uma velha desdentada», também recolhida em Gaula, cujo original manuscrito transcrevemos em apêndice e que AVF terá tido em conta na publicação.

**Foto nº 2054 a 2055, Caixa nº 11.9**

**Estreito de Câmara de Lobos**

Estas duas quadras foram publicadas por AVF (1988a: 38), com o nome «Outra lengalenga», sem indicações sobre a sua recolha.

**Foto nº 1191 a 1195, Caixa nº 7.6**

**Colhido em Gaula**

Estas quadras que aqui surgem, sem nome, são uma versão de «O A, B, C do Beberrão», que começam na letra A, sem as quadras introdutórias que ocorrem noutras versões mais completas. O tom jocoso destas é evidente, por exemplo no encher “A barriga de bom vinho, / Mas só eu cá é que sei / Que tal é o remediozinho” e que “alegra a pancinha, / Quando na garganta cai”. A palavra *pancinha*, na forma diminutiva, é bem característica da linguagem popular. O carácter jocoso da composição continua em “O P é o vinho do Porto, / De todos o bem desejado / Que do direito faz torto / E de um mudo, um deputado”. AVF (1988a: 23-27) publica apenas uma versão desta composição, com a indicação “recolhido em Gaula”: ou junta esta com a que se segue mais completa do Faial, ou recolheu uma outra versão mais completa em Gaula, sem ser esta.

**Foto nº 2110 a 2119, Caixa nº 11.10**

**Faial - «A, B, C, do Borrachão» (Versão recolhida juntamente com «O A, B, C dos Amores»)**

AVF (1988a: 23-27) publicou «O A, B, C, do Beberrão», com 5 quadras introdutórias, tal como encontramos nesta versão recolhida no Faial. No entanto, a versão editada tem a indicação “recolhido em Gaula”. Se compararmos o texto das duas versões, podemos

ver que são muito semelhantes. Podemos destacar a forma diminutiva *cheiazinha*, a par de *pancinha*, características da linguagem popular, e algumas formas, como *nactar* por néctar, que parecem ser escritas tal como são pronunciadas, revelando fraca escolarização, e outros problemas de escrita como *cauza*, por confusão entre as grafias z- e -s-, na reprodução do som pronunciado. AVF (1988a), na publicação, conserva as palavras e formas da linguagem popular. Porém, corrige formas como *hortalã* para *hortelã*. Preocupa-se sobretudo com a coerência dos versos e quadras na composição, colocando e ajustando a pontuação, também como forma de traduzir a expressividade da oralidade, como podemos ver nas notas de rodapé que acompanham a transcrição do texto em apêndice. No original manuscrito, está registado o nome «**A, B, C, do Borrachão**», mas AVF publica a composição como «**O A, B, C, do Beberrão**».

**Foto nº 1190 a 1195, Caixa nº 7.6**

**«O A, B, C, do Beberrão» (outra versão)**

Fragmento de outra versão muito incompleta, apenas com as cinco quadras introdutórias.

**Foto nº 2171, Caixa nº 12.1**

**De S. Jorge - «O Pai Nosso do Bêbado»**

Composição publicada por AVF (1988a), tal como as versões que se seguem.

**Foto nº 1188, Caixa nº 7.6**

**De S. Jorge - «O Pai Nosso do Bêbado» - “(outra versão)”**

Outra versão da composição anterior.

**Foto nº 1189, Caixa nº 7.6**

**De Câmara de Lobos e S. Martinho - «O Pai Nosso do beberrão» (outra versão)**

AVF (1988a) publicou estas três versões desta composição em verso: «O Pai Nosso do Beberrão (uma versão)» de Câmara de Lobos e S. Martinho, «O Pai Nosso do Bêbedo (outra versão)» de S. Jorge e «O Pai Nosso do Bêbedo (outra versão)» também de S. Jorge (a mais curta), além de «O Credo do Beberrão (paródia)», que se segue. Nas notas de rodapé dos textos transcritos em apêndice, podemos ver as pequenas alterações gráficas feitas por AVF, na edição dos textos, a partir dos originais manuscritos.

**Foto nº 1197, Caixa nº 7.6**

**De S. Jorge - «O Credo do Beberrão»**

Texto publicado por AVF (1988a: 28), com o mesmo nome «O credo do beberrão (paródia)» e a indicação de ter sido recolhido em S. Jorge, correspondendo possivelmente a esta versão. Nas notas de rodapé que acompanham a transcrição do original manuscrito em apêndice, podemos constatar algumas alterações introduzidas no texto por AVF.

**Foto nº 2170, Caixa nº 12.1**

**De Câmara de Lobos e São Martinho - «Oração dos amigos da poncha»**

Texto publicado por AVF (1988a: 20), com o nome «A oração dos amigos da poncha» e a indicação de Câmara de Lobos e S. Martinho, correspondendo ao original transcrito em apêndice. Nas notas de rodapé, podemos ver as diferenças textuais entre a versão recolhida e a sua publicação.

**Foto nº 2161, Caixa nº12.1**

**Da Calheta - «Uma carta de muito amor - Minha querida Raios-te-Partam»**

AVF (1988a: 12) publica esta composição, com o nome «Uma carta de muito amor» e a indicação “da Calheta”, correspondendo a este original.

**Foto nº 2162, Caixa nº12.1**

**Da Calheta - «Carta de um filho - Meu querido pai»**

Textos em prosa, recolhidos juntamente com a poesia popular, publicados por AVF (1988a), com indicação da Calheta, correspondendo aos originais manuscritos que aqui transcrevemos.

**Foto nº 767 a 771, Caixa nº 16.2**

**Achadas da Cruz, 13-4-1944 - «Testamento dum gato» - Colhido por Aníbal Carvalho**

Esta composição em quadras, denominada «**Testamento dum gato**», que tem a anotação “(testamento do gato e não do galo)”, indicando ser uma versão adaptado de outras quadras populares de um galo, tem um teor jocoso, por isso incluímo-la nesta secção. O gato parece personificar um ser humano, sendo o testamento um pretexto para a crítica social: “Sujeitinhos há por (h)áí, /Para quem é divertido [sic] /O recompensar o gato/Com pancada e fermento” e ainda “Os ratos hão de roer-vos/As orelhas e o nariz”. O sentido jocoso continua nos versos: “Começarei por deixar / Êstes olhos tão gabados / A meninas de bom tom / P’ra ser os seus namorados”, assim como em “Deixo estas minhas barbas / Aquêles [sic] que as não tiver / Para que em qualquer parte / Não os tomem por mulher”. Trata-se de quadras que, pelas referências que apresentam, nomeadamente “as regateiras do bulhão / E as da praça da figueira” e “ao grande porto de Leixões”, revelam ser de âmbito nacional e não regional.

**Foto nº 2291 a 2292, Caixa nº 12.3**

**Ribeira Brava - «História dum gato»**

Outra versão da composição «Testamento dum gato», aqui com o nome «História dum gato», recolhida na Ribeira Brava, aqui já sem as referências nacionais do texto anterior.

**Foto nº 2293 a 2294, Caixa nº 12.3**

**São Jorge, 17-5-1954 - «D. Gato» - “Popular” - João Rafael Gonçalves**

Trata-se de outra versão das composições anteriores, em que as duas últimas partes parecem ter sido adicionadas por contaminação de/com outras quadras populares.

**Foto nº 2442 a 2443, Caixa nº 12.3**

**Curral das Freiras - «Dom Gato» / «História do Gato» - “(rimance)” - Coligido por Manuel de Nóbrega**

Outra versão da mesma estória.

**Foto nº 2445 a 2446, Caixa nº 12.3**

**Fajã da Ovelha - «História do gato»**

Mais uma versão.

**Foto nº 2447 a 2448, Caixa nº 12.3**

**Norte da Ilha - «História do gato» (versos populares)**

Nesta versão incompleta, o gato não faz o seu testamento.

**Foto nº 2449 a 2451, Caixa nº 12.3**

**Machico, 1944 - «História de um gato» - Franco**

As várias versões recolhidas da mesma estória (textos inéditos) permitem-nos obter variantes lexicais num mesmo verso, como é o caso de “um braço deslocado”, que, nas versões anteriores, é “dimcado” [sic] ou “denucado” [sic]. Estas últimas duas formas são variantes fonéticas, características da linguagem popular, de uma mesma palavra, *desnucar* ‘deslocar a cabeça pela nuca’, sendo que o termo aqui é aplicado a um braço.

**Foto nº 2750 a 2751, Caixa nº 12.10**

**Santo da Serra - «Testamento do Galo» - “Versos populares”**

Texto inédito do «Testamento do Galo» que está para morrer e quer deixar os seus bens: as penas do rabo “As raparigas solteiras / Para oferecer aos seus amantes”; as penas do corpo “Para as biatinhas [sic] da moda / Se infeitarem [sic] pelas festas”; “as penas do pescoço / As biatinhas [sic] da moda / Para andarem enfeitadas”, revela igualmente ser um pretexto para a crítica social, nomeadamente do comportamento de algumas mulheres. E o tom jocoso continua: “Deixo as unhas dos pés / Para as mulheres viúvas / Se cusarem [sic] de noite / Quando morderem as pulgas”. No final, encontramos 4 quadras populares sobre o pai e as filhas e o marido e as mulheres, que também surgem noutras composições e parecem ter sido anexadas às anteriores pelo recitador. Notamos aqui como a oralidade é transposta para a escrita, por exemplo nas formas *biatinhas*, *infeitarem*, *cusarem*, dando conta da forma como são ditas.

**Foto nº 2054 a 2055, Caixa nº 11.9**

**Estreito de Câmara de Lobos - Lengalenga**

Composição em verso, que, embora na recolha tenha a indicação de lengalenga, separámos das rimas infantis, devido ao seu tom jocoso de um cura que vai parar ao inferno. AVF (1988a: 40) publica este texto com o título «**Outra lengalenga**» e a indicação do local de recolha, Câmara de Lobos.

**Foto nº 2054 a 2055, Caixa nº 11.9**

**Estreito de Câmara de Lobos**

Versão idêntica à anterior, sem nome, aqui com o título «**O inferno tinha vento / Deu com o cura mais p'ra dentro**», também recolhida no Estreito de Câmara de Lobos.

**Foto nº 2179, caixa nº 12.1**

Trata-se de outra versão, em que só há uma alteração nos versos finais da composição, onde se diz: “O inferno era quente, / Deu com o cura lá p'ra dentro!”.

**Foto nº 2069, Caixa nº 11.8**

**Boaventura - «Canção do linho»**

Embora se fale sobre o trabalho do linho, estas quadras têm um tom jocoso sobre o casamento, por isso foram aqui classificadas como cantigas jocosas. AVF (1988a: 37) publica estas quadras com o nome «**A canção do linho**» e a indicação “Da Boaventura”, correspondendo a este original manuscrito, transcrito em apêndice. Nas notas de rodapé, podemos ver as alterações feitas ao texto por AVF para a sua publicação. As duas quadras do meio desta composição aparecem na miscelânea de quadras seguinte, com o nome «**Um saco de cantigas**».

**Foto nº 2210 a 2225, Caixa nº 12.1**

**Dos Canhas - «Um saco de cantigas»**

Quadras publicadas por AVF (1988a: 67-77), com o mesmo nome e a indicação “Recolhido nos Canhas”, correspondendo ao original manuscrito transcrito em apêndice, cujas notas de rodapé mostram as alterações introduzidas no texto.

**Foto nº 2212 a 2225, Caixa nº 12.1**

**Dos Canhas (outra versão)**

Nesta versão, a palavra *anastrar* para os cabelos, que ocorre na versão anterior, surge com a forma *arrastar* (os cabelos), enquanto varre a casa. A forma *anastrar* poderá ser uma variante fonética de *arrastar* ou de *enastrar* ‘pôr nastros em’, significando entrançar. Na composição religiosa “Versos a Lisboa da Encarnação” (Foto nº 1298, Caixa nº 11.5), recolhida em S. Jorge, ocorrem os versos “Amarrai vossos cabelos” e “Areastrai vossos cabelos / Areastrai vosso tocado”, o que parece confirmar o sentido de enastrar.

**Foto nº 2159, Caixa nº 12.1**

**De São Jorge - «A semana do mandrião»**

AVF (1988a: 31) publica esta composição em verso com o mesmo nome e a indicação “De S. Jorge”, correspondendo ao original transcrito em apêndice. Nas notas de rodapé, podemos ver as alterações feitas no texto por AVF.

#### **Foto nº 1891 a 1892, Caixa nº11.1**

##### **«Oração ao persignar-se»**

Trata-se de apenas três versos que parecem uma bênção, mas com sentido jocoso ou tom de brincadeira, embora tenham o nome de «Oração».

### **4.13. Cantigas do trabalho**

#### **Foto nº 706 a 707, Caixa nº 21.30**

##### **CANIÇO, 28-4-1954 - «As lavadeiras» - “(canção popular)” – Seminário**

Recolha de “canção popular” que vem acompanhada da seguinte nota: “esta canção é cantada por três raparigas. Cantam juntas o côro [sic] e o 1 verso, e depois cada uma por si, cada o seu verso para dizer o seu nome”.

#### **Foto nº 717 a 718, Caixa nº 21.30**

##### **«A moleirinha»**

Esta cantiga de trabalho pela sua composição também poderia ser classificada como rimas infantis, mas incluímo-la aqui pelo facto de a temática dominante ser o trabalho.

## **5. Versos de autor e eruditos**

#### **Foto nº 2556 a 2564, Caixa nº 12.3**

##### **Seixal, 1953 - «O carro da feiteira» - “Do analfabeto António Luís Fernandes”**

Versos sobre um pai que manda o filho à serra com outros homens, para carregarem carros de feiteira puxados por bois. Descreve em pormenor todo o trabalho esforçado dos homens na serra. Termina dizendo que só quem conhece este trabalho poderia ter feito estas quadras, confirmando a autoria particular desta longa composição, indicada acima.

#### **Gaula, 30 de abril de 1944**

##### **O autor - José Vieira Gouveia de Jesus**

Texto que aparece identificado com um nome como autor, embora se trate de quadras variadas de cariz popular.

#### **Foto nº702 a 703, Caixa nº21.30**

##### **Ribeira Brava - «Poesia dedicada ao Prelado» - António Vidal**

Versos de teor erudito em louvor do prelado, como indicado pelo título da composição.

**Foto nº 833, Caixa nº 5.10**

**Poesia de estilo livre - «Desvaneio» -Aristófilo**

Embora com referências religiosas, classificámos este texto como poesia erudita.

**Foto nº 837, Caixa nº 5. 10**

**«Amando...» - “Soneto” - Aristófilo**

Embora com certo teor religioso e tendo como tema o amor, é poesia erudita porque se afasta da poesia popular.

**Foto nº 839, Caixa nº 5. 10**

**«Poesia filosófica da Liberdade» - Aristófilo**

Como o próprio nome da composição indica, trata-se de versos filosóficos sobre a liberdade.

## **6. Outras recolhas**

Dada a extensão e a diversidade das recolhas populares do espólio de AVF, não nos foi possível fazer a descrição, análise e estudo linguístico e sociocultural das adivinhas, das expressões populares, das formas da linguagem popular, dos provérbios e das alcunhas coletivas, como pretendíamos. Contudo, consideramos importante transcrevê-las e apresentá-las em apêndice (ver apêndice 4).

Nas adivinhas, assinalámos a negrito as respostas a que correspondem as composições em verso, chamando a atenção para realidades quotidianas que se repetem. De igual modo, nas expressões populares, destacámos, a negrito, repetições de enunciados como “viver à cónego” e “comer à cónego”, que são variantes, e por exemplo “chapéu a pai de família”. As “palavras que o povo estropia” são corruptelas ou alterações fonéticas características da linguagem popular, ou seja, fenómenos fonéticos que ocorrem na linguagem popular utilizada pela população menos escolarizada, que fala tal como ouve, usando formas antigas das palavras, passadas de geração em geração, por transmissão oral, afastando-se da norma escrita da escola.

Os provérbios surgem classificados como “frases populares” ou “frases do povo”, distinguindo-se das “expressões populares” e das “palavras que o povo estropia”. Colocámos a negrito aqueles que se repetem. A repetição de algumas adivinhas, expressões populares e provérbios será indicativa da sua maior ocorrência. O mesmo acontece na recolha das alcunhas coletivas, ou seja, nomes coletivos atribuídos aos habitantes das freguesias da ilha da Madeira (cf. Thierry Proença, 2016, webgrafia) e não alcunhas individuais ou familiares (cf. Naidea Nunes, 2016, webgrafia).

## **Capítulo IV - Discussão dos Resultados**

Neste capítulo, procuraremos dar conta das principais questões que surgiram na sistematização e/ou classificação dos vários tipos de recolhas populares orais e tradicionais madeirenses do acervo de AVF e dos resultados obtidos através do seu estudo. Poderíamos ter limitado este trabalho de estágio apenas à transcrição e estudo das quadras populares, dada a grande quantidade e variedade destas. No entanto, optámos por manter o projeto inicial de tentar dar conta de todas as recolhas populares que constam do espólio de AVF.

Temos consciência de que esta opção pode não ter sido a melhor, uma vez que, apesar do nosso esforço, não nos foi possível transcrever todos os documentos das recolhas orais do acervo de AVF, tendo por isso deixado no texto deste relatório, em cada uma das partes correspondentes a um género textual e respetivas temáticas, a enumeração dos documentos que ficaram por transcrever. A opção tomada também não nos permitiu ter tempo e capacidade para aprofundar o estudo de todos os textos transcritos, nomeadamente a análise de mais questões linguísticas. Além disso, ultrapassámos o número de páginas recomendado para o relatório de estágio do mestrado, devido à grande extensão dos materiais transcritos nos apêndices. Porém, achamos que a disponibilização dos documentos aqui transcritos poderá ser útil para futuras investigações, dando a merecida atenção a cada um dos diferentes géneros literários e principalmente aos materiais linguísticos e socioculturais que fazem parte do património linguístico-etnográfico madeirense recolhido por AVF.

### **1. O Estudo, Descrição e Análise das Recolhas Populares**

Ao fazermos a transcrição e individualização de cada um dos textos manuscritos originais das recolhas populares do acervo de AVF, apercebemo-nos de que se trata sobretudo de textos redigidos pelos seus alunos, rapazes que frequentaram o Seminário do Funchal, enquanto redações de Português. A estes pedia que fizessem recolhas de tradições orais nas suas localidades, incluindo várias versões dos mesmos contos, lendas, rimances e quadras populares.

No estudo dos diferentes materiais transcritos, a nossa principal dificuldade foi, sem dúvida, proceder à separação dos diferentes géneros literários da Literatura Oral e Tradicional que faz parte do espólio de AVF. Assim como, dentro de cada um dos géneros literários – contos e lendas, romances e quadras populares – fazer as respetivas classificações temáticas, seguindo tipologias estabelecidas por investigadores especialistas em cada um destes tipos de composições.

Aqui revelou-se fundamental a sistematização feita por Pinto-Correia (cf. webgrafia), já referida no início do capítulo III, como proposta de classificação do “património imaterial português”. Constatámos que, no caso de AVF, existem quase

todos os géneros identificados por Pinto-Correia: “prático-utilitários”, “de sabedoria”, “de carácter lúdico”, “modo narrativo/narrativo-dramático”, “de experiência vivida”, incluindo, no “modo dramático”, “géneros registadores do quotidiano (representação e diálogo)”, “géneros críticos (satíricos e paródicos)”, bem como “géneros/práticas lúdicos/jogos (jogos infantis e jogos tradicionais de adultos)”.

Começando pelos contos, em “contos de animais ou de forças da natureza”, incluímos não só a estória «A gaivota e um gato», mas também estórias de feiticeiras, nomeadamente «A mulher feiticeira» e «A patroa feiticeira», outra versão da anterior. Inicialmente, classificámos estas composições em prosa como “lendas de forças e seres sobrenaturais” ou “lendas do sobrenatural”. Pois, as estórias de feiticeiras, na classificação proposta em *Arquivo Português de Lendas*, tal como as estórias de tesouros escondidos, lugares assombrados, o diabo, bruxas e ilhas encantadas, são temáticas das lendas do sobrenatural. Porém, pelo facto de estas estarem relacionadas com situações do quotidiano, pareceu-nos melhor juntá-las aos “contos de animais e forças da natureza”, sendo as feiticeiras forças da natureza personificadas.

Encontramos muitas histórias de animais em verso que considerámos quadras populares e que poderiam ser contos, tal como acontece com a versão em verso com rima, sem nome, da estória «A Maria da vaquinha» (Nunes, 2016), que incluímos nos contos. Este, tal como a estória «O príncipe moleiro», é um conto maravilhoso porque envolve magia e casamento com a realeza. Classificámos como contos maravilhosos «A inteligência de uma rapariga» e «Uma rapariga inteligente», outra versão da mesma estória, em que a heroína passa por uma prova posta pelo rei que ultrapassa com sucesso, acabando por casar com o imperador. Embora sem magia e sendo de alguma forma realistas ou novelescos, incluímos estes nos contos maravilhosos por se enquadrarem nos “contos de ascensão”. Já no caso de “A desmazelada», classificámos este conto como realista ou novelesco, por não ser um “conto de ascensão”, embora não se enquadre na temática dos piratas e ladrões.

Não encontramos contos do gigante (diabo) estúpido, nem contos formulísticos, na parte das recolhas populares do acervo de AVF que transcrevemos. O nome do conto maravilhoso «O gigante e a princesa» pode enganar, visto que nesta estória não se trata do gigante/diabo estúpido, mas da necessidade de o herói encontrar o meio de lhe tirar as forças para libertar a princesa. Ele consegue e casa com ela, sendo um conto de ascensão por casamento com a realeza. No caso da lengalenga da formiga “que foi ao Norte ao vinho” e que começa com a “neve que o meu pé prende”, que não tivemos tempo para transcrever, poderia ser classificada como conto formulístico (por seguir uma fórmula que se repete para contar a estória), contudo incluímos esta composição nas quadras populares, em cantigas de animais, havendo uma clara vinculação entre este tipo de conto e o cancionero tradicional.

Deste modo, dentro dos contos de animais ou de forças da natureza, contabilizámos 19 contos: 5 contos de animais (1 transcrito e 4 que ficaram por transcrever) e 14 contos de forças da natureza (3 transcritos e 11 por transcrever), com várias estórias de

feiticeiras. Nos contos maravilhosos, temos 5 transcritos e 1 por transcrever (junto com outras versões dos contos transcritos), num total de 6 contos. Os contos religiosos são: 5 transcritos, mais 2 por transcrever, «O Menino Jesus foi ao forte» e “Pequeno conto popular (ouvido em Gaula)”. Os contos realistas ou novelescos predominam claramente, com 8 transcritos mais 40 que ficaram por transcrever, além das várias versões com nomes diferentes dos mesmos contos. Apenas classificámos um conto como jocoso, «O Sermão da festa do Senhor S. Roque», com três versões.

Nem sempre foi fácil separar os contos das lendas. A consulta do *Arquivo Português de Lendas*, em linha, já referido anteriormente, ajudou-nos a fazer a identificação e a classificação destas. No espólio de AVF estudado, predominam claramente as lendas sagradas (9, sobretudo de fundação de capelas), seguindo-se as lendas de forças e seres sobrenaturais ou lendas do sobrenatural (3, incluindo a ilha encantada de Arguim) e as lendas etiológicas (3, explicação de topónimos), havendo uma lenda histórica (do rei D. Sebastião), num total de 16 lendas. A tipologia das lendas etiológicas inclui a temática dos artefactos, onde poderíamos incluir a estória de «S. José e a serra» ou «Origem da travagem das serras», anotada como lenda por AVF nos manuscritos das recolhas, todavia considerámos ser um conto religioso e não uma lenda sagrada, por não ser uma lenda bíblica e por ter o diabo.

No que diz respeito aos romances ou rimances tradicionais, também tivemos algumas dificuldades na sua classificação. Seguindo os estudos já realizados pelos especialistas, nomeadamente sobre o romanceiro já recolhido na Madeira e no Porto Santo, conseguimos identificar a maior parte dos romances e respetivas versões, com diversas variantes narrativas e linguístico-discursivas, apesar de todas as alterações, reduções e contaminações que sofreram, na sua transmissão oral, ao longo do tempo.

O grande número de diferentes versões recolhidas em diferentes locais das ilhas da Madeira e do Porto Santo para cada um dos romances, indica-nos, tal como para as restantes recolhas, os que eram mais conhecidos e, conseqüentemente, tinham maior vitalidade, na época em que foram recolhidos. Como podemos ver, além dos romances novelescos (6), predominam os romances de assuntos vários (8). Encontramos um romance de assunto histórico de contexto peninsular intitulado «A morte do Príncipe D. Afonso», com duas versões, e um romance religioso, «História do lavrador», também com várias versões recolhidas.

Dentro deste género literário, deparamo-nos ainda com uma outra dificuldade, que é a identificação e separação de composições como a «Febre Amarela», com as suas diversas versões, que poderá ser classificada como “romance recente”, mas decidimos não incluir esta tipologia no nosso estudo, uma vez que esta levaria a integrar aqui, por exemplo, as composições popularizadas do Feiticeiro do Norte, identificadas como “rimances” na publicação dos seus *Versos*.

Quanto às quadras populares, são estas as recolhas predominantes no acervo de AVF que tratámos. A sua grande riqueza e diversidade fez com que, além das classificações utilizadas pelos estudiosos referidos – quadras de queixume, rimas infantis,

cantigas ao desafio, quadras de amor, quadras variadas e soltas, cantigas histórico-políticas, cantigas da saudade, quadras religiosas e composições jocosas –, tivéssemos de adicionar as tipologias de **cantigas narrativas** e **versos de autor popularizados**. Pois, graças à publicação dos *Versos* do poeta popular madeirense do Arco de S. Jorge, conhecido como Feiticeiro do Norte, em 1994, podemos conhecê-los e identificá-los, separando-os das restantes composições em verso. Separámos das quadras populares alguns **versos de autor e eruditos**: no primeiro caso, por terem o nome do autor, embora sejam de cariz popular, e, no segundo caso, por serem composições que se afastam da linguagem e da realidade popular.

As quadras populares também colocam muitos problemas de classificação temática, por exemplo algumas das composições que classificámos como **cantigas de amor** podem ser vistas também como **cantigas narrativas**, por exemplo no caso do filho que vai para a guerra e ao voltar morre de dor por amor à mãe que entretanto morreu, ou a história de um rapaz que emigra para o Brasil, a rapariga jura-lhe amor eterno e, ao julgar que ele morreu, aceita casar com outro, quando ele está vivo e aparece na igreja, bem como o caso de «Adúltera» e de «História do Ernesto e Carlota», nas suas versões com diferentes títulos. De igual modo, algumas **cantigas do trabalho** podem ser **rimas infantis**, sobretudo a «Moleirinha».

Muitas composições em verso são classificadas como “contos” pelos coletores, por contarem uma história, ou seja, serem uma narrativa, tal como os rimances, por isso são rotuladas como “rimances”, mas não os considerámos como tal, embora pudéssemos tê-los incluído na tipologia “romances recentes”. Separámos estas composições dos contos em prosa, criando uma categoria de “**cantigas narrativas**” (histórias que refletem a realidade linguística e sociocultural madeirense), por exemplo a «história de um carneiro», a «história do boi bragado» e a «história da romagem». Contudo, a tipologia de **cantigas narrativas** é discutível, uma vez que começámos por incluir nestas **histórias** realistas ou do quotidiano, contadas em verso, também narrativas ou **estórias** de animais, que depois decidimos separar das anteriores, nomeadamente a «história do rato» e a «história de um coelho».

Assim, criámos uma categoria para as **estórias** de animais, a que chamámos **cantigas de animais** (estórias em que os animais são os protagonistas). Estas são classificadas, por vezes, pelos coletores, como “contos” ou “fábulas”. Optámos por deixar estas composições em verso dentro do género quadras populares, embora esta opção também seja questionável, uma vez que temos uma versão do conto maravilhoso em verso, sem nome, que identificámos como o conto da «Maria da vaquinha» ou «Gata Borrallheira» (Nunes, 2016), que não incluímos nas cantigas populares. Uma versão em prosa deste conto foi publicada por AVF (1996: 74-77) com o nome de “Como uma pastorinha da serra veio a casar com um príncipe”, com o subtítulo “Uma versão madeirense da gata borrallheira?” e com a indicação de ter sido recolhido no Porto da Cruz. Neste caso, a composição em verso será a forma mais antiga de transmissão oral e as versões em prosa deste conto serão mais recentes (Nunes, 2016). Além disso, tivemos

de ponderar se deixávamos as composições dos testamentos do gato e do galo, que serão versões diferentes do mesmo fundo oral tradicional, nas quadras jocosas ou se as passávamos para as cantigas de animais. Acabámos por deixá-las na classificação temática de quadras populares de temática jocosa, por apresentarem um tom humorístico e de crítica social, em que os animais podem ser vistos como humanos.

Utilizámos os termos **estórias** e **histórias** com valores diferentes, apesar de se usar a palavra **história** tanto para uma narrativa de factos reais como para uma narrativa ficcional. A palavra **estória** é usada nas narrativas em prosa ou em verso de cunho popular, isto é, na literatura oral e tradicional, para os contos, lendas e romances tradicionais. Por isso, procurámos fazer uma certa distinção entre estas composições e as que espelham a realidade sociocultural madeirense. No entanto, poderíamos ter utilizado o vocábulo **história** nos dois casos, uma vez que a fronteira entre os diferentes tipos de composições não é clara.

No que se refere às **quadras da saudade** e **quadras de amor**, por serem muito poucas as primeiras, poderíamos tê-las juntado, todavia optámos por não o fazer, uma vez que a saudade nem sempre é da amada e nem só da mãe, mas também da terra que se deixa ao partir ou emigrar. Posto isto, no que diz respeito às quadras populares, temos: 14 cantigas narrativas mais uma por transcrever, «Morte trágica», junto com diversas versões das transcritas; 2 cantigas de animais mais uma por transcrever, a “lengalenga da formiga”; 8 quadras de queixume; 9 rimas infantis mais 3 por transcrever, duas das quais são jogos tradicionais de adultos; 12 cantigas ao desafio mais uma por transcrever; 16 quadras de amor transcritas mais 3 por transcrever; 7 versos de autor popularizados do Feiticeiro do Norte; 39 quadras variadas e soltas mais 6 por transcrever (além de várias versões das composições transcritas), sendo o tipo de quadras populares predominante. Temos ainda 2 cantigas histórico-políticas; 3 cantigas da saudade; 14 quadras religiosas mais uma por transcrever, “cantigas da visita do Espírito Santo às casas”; 19 composições jocosas e 2 cantigas do trabalho.

Só depois de terminarmos as transcrições da grande quantidade e diversidade de textos que apresentamos nos apêndices II, III, IV e V, conseguimos ter uma visão geral da maior e menor quantidade e variedade de composições de cada um dos diferentes géneros literários, e respetivas tipologias ou classificações temáticas, encontrados nas recolhas populares do acervo de AVF.

## **2. Comparação dos Originais Manuscritos com a sua Publicação**

Outro propósito da transcrição dos originais manuscritos, incluindo os dos textos publicados por AVF, foi compará-los com as composições editadas. O objetivo foi perceber como foram feitas as recolhas orais da boca do povo, ou seja, se são registadas as formas da linguagem popular e regional da fala da população madeirense menos

escolarizada e se AVF, ao publicar os textos, conserva essa linguagem ou se a adapta ao registo mais normativo da escrita.

Sobre os livros de AVF, *O Amor e O Humor no Folclore Madeirense*, João de França, no *Eco do Funchal*, a 4 de novembro de 1988, escreve: “nos dá o investigador um tanto do pensamento criativo certamente espontâneo de uns quantos rimadores anónimos. Versos de feição popular como é próprio de tais manifestações do folclore (...) só um poeta amoroso e atento era capaz de abalançar-se a um tal trabalho de recolha e conseguir o êxito”. A propósito da linguagem das composições, diz “para isso também constitui o cuidado posto na organização dos textos e na purificação gramatical e ortográfica”. Aqui revela a atitude de AVF, na publicação de algumas recolhas populares.

Sobre o livro *Continhos Populares Madeirenses*, Pitta Dionísio afirma: “AVF apresenta-nos (...) histórias bem arquitetadas pelo povo, limando-lhes o Português. Assim, a linguagem em que os contos nos são narrados é cuidada, mas respeitando a riqueza vocabular da população madeirense, abrilhantando-a. Os contos fecham sempre com «chave de ouro», arremedando o povo nos seus provérbios, ditados e adágios”. Descreve assim como AVF intervém na edição dos contos populares e, embora conservando vocabulário regional, dá à narração das estórias um cariz erudito.

Na abertura do livro *O Humor no Folclore Madeirense do Povo e para o Povo*, AVF, que assina o texto como colecionador, justifica:

estes versos, que ora se publicam, são do povo e para o povo... Nem sequer são para os filólogos, que talvez gostassem de lê-los numa grafia e fonética popular, que porventura os faria sorrir pelo estropiamento de certos vocábulos... Não sei se certos literatos vão sentir gosto em ler estes versos ou estes poemas, que, há muito, venho a colecionar e que tendem a desaparecer... (Freitas, 1988a: 5).

Aqui explica bem o seu propósito, que não é o interesse linguístico das recolhas populares, mas tão só a valorização do povo. Por isso, AVF procede à normalização da escrita nas suas publicações e dá indicações aos seus alunos de Português para fazerem o mesmo no momento de registo das recolhas, sendo estas na maior parte das vezes redações, sobretudo como trabalho de casa nas férias de Natal, quando estão nas suas localidades de origem.

Por sua vez, em “Uma explicação”, na abertura do livro *O Amor no Folclore Madeirense (Versos do Povo e para o Povo)*, recolha de AVF, escreve:

É uma colecção de poemas populares, que venho a recolher, de há muitos anos a esta parte, e que têm andado na boca da nossa gente, salvos da devastação e esquecimento... Recebi-os através dos meus antigos alunos, que os captaram da tradição oral... Não optei pela fonética expressão popular, que mais interessa aos filólogos do que ao povo propriamente... Optei pela grafia moderna, actualizada... Parece-me que hoje quase toda a gente sabe ler e assim entenderá melhor as suas canções e tradições... (1988b: 7).

AVF deixa aqui bem claro, mais uma vez, o seu propósito, justificando novamente porque não conserva a linguagem popular e as formas ortográficas usadas no registo da fala na escrita, que por vezes alguns dos seus alunos registam nos originais manuscritos das recolhas orais. Porém, certamente usou a linguagem popular das recolhas da boca do povo para os seus apontamentos sobre as “expressões populares” e “palavras que o povo estropia”, que transcrevemos em *Outras Recolhas*, no Apêndice V.

No “Colóquio com o leitor”, como introdução ao livro *Era uma vez... na Madeira* (Freitas, 1964: 3), explicita que tem vindo a recolher há mais de vinte anos material folclórico “na simples intenção, e quanto possível, de salvaguardá-la [a tradição] a tempo, da anarquia radiofónica, que tudo vai arrasando, por aqui e por além”. A propósito da publicação do mesmo livro, informa:

Também este livro é dos nossos antigos alunos, que, das suas ridentes freguesias, nos trouxeram algumas achegas e conhecimentos. Apenas os estilizámos um pouco e lhe demos uma redacção, que não é a melhor, mas a mais consentânea com o nosso espírito e temperamento. Apenas pretendemos avivar um pouco o que andava na tradição popular, vago, etéreo e indefinido, como névoa ou farrapo de nevoeiro a rondar as nossas montanhas. (1964: 5).

Na introdução a *Continhos Populares Madeirenses*, AVF refere há quanto tempo faz recolhas populares madeirenses:

Há pelo menos meio século que ando a recolher «coisas e loisas» do nosso rico folclore madeirense: - lendas e quadras populares, rimances, xácaras, solaus, rezas, cantigas religiosas, tudo quanto tem andado na alma do nosso povo... (...) A redacção destes continhos, que é simples, é do povo madeirense, é dos meus antigos alunos e é também minha. Nós é que lhe demos forma: - não será fácil dizer-se o que é de um e o que é de outro... Afinal é melhor dizer-se que o autor deste livro é o povo da nossa Ilha. São continhos que ouvimos às nossas avozinhas ou aos nossos vizinhos e companheiros, a pessoas adultas e que vêm correndo de geração em geração... (1996: 13).

Em “Era uma vez... Contos, lendas e outras tradições madeirenses”, no “Preâmbulo”, AVF (1955: 31) afirma:

temos chegado à conclusão de que ainda muita coisa anda na alma do nosso povo, que é preciso coligir, enquanto é tempo, para que se não perca... (...) contos, lendas e outras tradições. Algumas são inéditas, outras serão porventura já conhecidas, mas é de notar que às vezes se encontram versões diferentes, com as suas variantes. Umás ouvimo-las directamente da boca do povo, outras foram transmitidas amavelmente por alguns dos nossos antigos alunos, colhidas por ocasião das suas férias. Quanto possível, daremos a essas tradições o tom de simplicidade e a singeleza de linguagem que as

caracterizam. Desculpe-nos, porém, o leitor, se, porventura, contando um conto, lhe acrescentarmos um ponto...

Nos diferentes tipos de documentos soltos que existem no acervo de AVF, encontramos alguns apontamentos do professor para os seus alunos, mais especificamente no que diz respeito à recolha dos contos, com o título “Normas”, onde podemos ler:

1º Corrigir o texto, quando incorrecto e até melhorá-lo, mas sem alterar a simplicidade (e até ingenuidade) e a naturalidade do conto. 2º Alguma vez completar ou esclarecer melhor o sentido, mas dentro da simplicidade. 3º Escrever só num lado do papel. 4º Abrir novos e muitos parágrafos, desde que o sentido de cada um esteja completo. 5º Boa ortografia e caligrafia. 6º Dar-lhe outro título, se for melhor. 7º Deixar sempre duas linhas entre o título e o texto. 8º Não escrever datas nem o nome do colecionador, nem acrescentar qualquer outras coisas e conservar e entregar o original. 9º Quando possível abrir diálogo, pois torna-se mais interessante. 10º Assinalar na costa da página o lugar onde foi colecionado, mas a lápis de pau, pode pôr o nome de quem «endireitou» o continho.

Isto explica porque é que encontramos, no espólio de AVF, duas versões da mesma recolha, o original e a versão trabalhada do mesmo aluno, além de várias outras versões recolhidas da mesma composição, por outros alunos em várias localidades da ilha da Madeira. As dez normas estabelecidas por AVF também mostram as alterações que são feitas aos textos originais. AVF corrige os textos das recolhas dos seus alunos, enquanto redações, a vermelho, designadamente a acentuação, a pontuação, formas e tempos verbais e palavras. Na maior parte dos originais manuscritos das recolhas dos alunos, vemos que é AVF que modifica ou que atribui um nome aos contos em prosa, que apenas têm como título «(Uma) História». O título aparece com a sua letra, a vermelho, na parte superior da folha. Altera os títulos, tal como sugere nas suas normas, por exemplo do texto «A riqueza e a boa sorte» para «É melhor ter sorte que ser rico», atribuindo um nome mais expressivo e apelativo ao conto.

No lote de documentos não transcritos, encontramos páginas impressas do livro *Era uma vez... na Madeira*, com as indicações de: separar, retirar, correções e substituições de palavras, mas também com adições, por exemplo na lenda de D. Sebastião, e anotações sobre o que falta, com colagem de recorte do texto manuscrito, revelando o método de trabalho de AVF, para a edição das recolhas. Primeiro, escrevia os textos de forma manuscrita e, depois, confrontava as provas tipográficas com o que tinha preparado para a publicação, acrescentando uma análise crítica manuscrita nas margens das páginas, com apontamentos sobre a história, a sua narrativa e linguagem.

Encontramos igualmente as provas tipográficas do livro *Pétalas ao Vento*, datado de 1985, com anotações do autor. Temos também a preparação manuscrita da compilação das quadras *O Amor no Folclore Madeirense*, recolha de AVF, cuja primeira composição é «Um despique (entre a mãe e a filha)». Observamos que AVF fez uma alteração

posterior da ordem das composições publicadas, começando com diferentes versões do «ABC dos amores». Nas provas tipográficas, dá conta, por exemplo, numa anotação, que a quadra referente à letra G tem duas versões diferentes: numa o “G é o ser generoso” e na outra o “G é o girassol”. Verificamos que, nas várias versões publicadas desta composição, o G é sempre “girassol” ou “gentileza”, tendo excluído a quadra com a palavra “generoso”.

Podemos ver a oração manuscrita «Levai-me para vós, Senhor!», com a respetiva explicação de recolha e de inclusão no livro *O Amor no Folclore Madeirense*. Junto temos também várias versões de «A(s) cantigas da semana», «(Os) dias da semana» ou «A semana tem 6 dias», assim como «Os Sacramentos» ou «Os sete Sacramentos». No mesmo conjunto, encontramos mais quadras populares e muitos contos com as suas diferentes versões, nomeadamente a «História do velho», «A história do porco que carrega a feiticeira» (em prosa) e «A história da Adelaidinha» em versos (romance tradicional). Seguem-se o texto datilografado do «Testamento do galo», recolhido em Gaula, e uma versão do «ABC do beberrão», também datilografada.

Nos documentos não transcritos, vemos também a preparação manuscrita das composições incluídas no livro *O Humor no Folclore Madeirense*, que apresenta como primeiro texto «História de um porco que carregava feiticeiras», cuja ordem veio a ser alterada, começando por «Estas meninas de agora». Seguidamente, encontramos as provas datilografadas de *Continhos Populares Madeirenses. Do Folclore Insular*, com uma introdução em texto manuscrito e já datilografado.

Encontramos ainda muitos contos de feiticeiras, com várias versões de «A velha feiticeira», e muitas outras versões de diferentes estórias, com variação narrativa e discursiva e, muitas vezes, também do título. Não tivemos tempo para comparar as recolhas populares do acervo de AVF com as que foram feitas por outros autores e que constam de várias publicações de contos, lendas, romances, quadras populares, adivinhas, expressões populares, provérbios e alcunhas coletivas, como era nosso propósito.

## Considerações finais

Este relatório de estágio do Mestrado em Linguística: Sociedades e Culturas pretendeu dar conta de todo o trabalho realizado durante o estágio no ABM, sobre o acervo de AVF. Tal como Leite de Vasconcelos, AVF recolheu e compilou muitos contos e lendas populares, romances tradicionais, quadras populares, adivinhas, expressões populares, formas da linguagem popular, provérbios e alcunhas coletivas, sobretudo através dos seus alunos do Seminário do Funchal.

O nosso trabalho de estágio do mestrado começou com a inventariação e a catalogação dos documentos do acervo de AVF, seguindo-se a seleção dos manuscritos respeitantes às recolhas populares e a sua transcrição. Posteriormente, realizámos investigação sobre a Literatura Oral e Tradicional portuguesa e madeirense, necessária para a arrumação ou sistematização das recolhas orais e tradicionais por géneros literários e as respetivas classificações temáticas. De seguida, procedemos à individualização e à descrição de cada uma das composições em prosa e em verso, destacando o interesse e o valor linguístico-etnográfico e sociocultural dos materiais transcritos sobretudo no que se refere às formas da linguagem popular e regional madeirense.

Sabemos que a Literatura Oral e Tradicional começa por ter um autor letrado ou iletrado, popularizando-se e tornando-se anónima. Pode ser muito antiga, como é o caso dos romances de cavalaria de origem medieval, ou mais recente. Em ambos os casos, é transmitida ao longo do tempo, de geração em geração e de boca em boca, mantendo-se os temas fundamentais que vão sendo atualizados pelos contadores ou cantadores, mas sofrendo transformações com supressões e adições, devido ao seu carácter oral e popular. Os fenómenos de transmissão oral das composições popularizadas ou tradicionalizadas conduzem a uma grande variedade de versões e contaminações, o que dificulta muito o trabalho de separação dos géneros literários e a respetiva classificação temática das quadras e dos contos e lendas populares, assim como dos romances tradicionais.

Por isso, foi um grande desafio, primeiro transcrever os documentos manuscritos das recolhas populares do acervo, devido à sua grande quantidade e diversidade, confrontando-os com os textos que foram publicados por AVF. Após o trabalho de transcrição dos materiais linguístico-etnográficos, o maior desafio foi fazer a sua classificação e sistematização, por se tratar de composições variadas em prosa e em verso, incluindo a integração das muitas versões recolhidas nas respetivas composições e géneros. Posto isto, a proposta que aqui apresentamos de separação, sistematização e classificação das recolhas orais e tradicionais do espólio de AVF, por géneros e dentro destes por classificações temáticas, de acordo com os estudiosos especialistas em cada um dos géneros enunciados, foi a melhor que conseguimos, dadas as limitações de tempo do nosso trabalho.

Assim, não podemos deixar de relevar aqui as muitas dificuldades sentidas na realização deste estudo, devido à complexidade dos materiais linguístico-literários e etnográficos tratados, com várias versões da mesma composição ou texto, incluindo

muitas variantes linguísticas e narrativas ou de elementos das histórias que sofrem alterações consoante o lugar e a pessoa que os conta ou canta. Trata-se de alterações linguístico-discursivas, inclusive dos títulos das várias versões das histórias, que são características da atualização oral e popular das composições. Além disso, as composições poéticas e narrativas sofrem contaminações ou cruzamentos com outras, confundindo-se e dificultando muito a sua própria identificação, pois surgem com nomes diferentes. Falta ainda acrescentar que a estas dificuldades acresce o facto de a linguagem utilizada, por vezes, ser antiga, regional e popular, dificultando o entendimento de alguns textos, o que acontece sobretudo nos romances tradicionais de origem medieval.

As recolhas populares do acervo de AVF estão associadas às práticas socioculturais madeirenses, tanto de trabalho como de lazer, no lar ou em festividades religiosas e profanas, como é o caso das cantigas ao desafio, constituindo testemunhos riquíssimos da língua falada antiga e atual, graças ao seu processo de transmissão oral de geração em geração. De igual modo que Leite de Vasconcelos, ao fazer e promover estas recolhas, AVF visa a valorização e salvaguarda da cultura popular, através do registo escrito das composições orais e tradicionais do povo. Trata-se de um trabalho linguístico-etnográfico, em que o folclore surge como parte da etnografia, enquanto documentação do Património Linguístico e Sociocultural Madeirense.

Nas introduções às publicações *O Humor no Folclore Madeirense (do povo e para o povo)* e *O Amor no Folclore Madeirense (do povo e para o povo)*, AVF indica não ter a preocupação nem o propósito de conservar na escrita as formas da língua falada pelo povo, pois o seu interesse não é filológico, mas que os textos cheguem a todos e sejam perceptíveis, sobretudo ao povo. Também na publicação dos seus livros de contos e lendas, *Era uma vez... na Madeira* e *Continhos Populares Madeirenses*, vemos a sua preocupação literária com os textos em prosa, utilizando linguagem erudita, cuidada ou literária, descrevendo e enquadrando as narrativas na realidade madeirense e, muitas vezes, terminando com uma explicação ou comentário moral sobre as histórias.

Porém, o acervo de AVF permite-nos ter acesso às recolhas manuscritas originais dos coletores, na sua quase totalidade feitas pelos seus alunos, algumas com registo da língua falada na escrita, com grande interesse linguístico, tal como as publicações das quadras populares feitas por AVF, que, por uma questão de rima popular, não sofrem grandes alterações, sendo as que mais conservam as formas da linguagem popular. Nestas, apenas são introduzidas algumas correções pontuais e pontuação para que sejam mais compreensíveis. Ao contrário dos contos e lendas, em que, segundo as dez “normas” redigidas por AVF, para os seus alunos reverem e reescreverem os contos recolhidos, devem melhorá-los sempre que necessário, sobretudo introduzindo diálogos, o que o próprio faz nos textos que publica. Nos originais manuscritos das recolhas, vemos também como propõe títulos mais expressivos e apelativos para contos, muitos deles apenas com a denominação “Um conto” ou “Uma história”.

No espólio de AVF predominam claramente as quadras populares, sobretudo variadas e soltas, mas também cantigas narrativas de acontecimentos ocorridos,

guardadas na memória, juntamente com estórias de animais, quadras de queixume (que exprimem realidades de pobreza vividas), quadras de amor, cantigas religiosas, mas também composições jocosas, a par de versos de autor popularizados do Feiticeiro do Norte, cantigas histórico-políticas e cantigas do trabalho. Encontramos várias versões das mesmas composições, muitas destas inéditas, ou seja, que não chegaram a ser publicadas por AVF.

Seguem-se, em termos de quantidade, os contos populares com predomínio dos contos de carácter realista, retratando principalmente a realidade rural madeirense. A estes juntam-se os contos maravilhosos e os contos de animais ou de forças da natureza, bem como os contos religiosos. Separámos destes as lendas sagradas, sobretudo de fundações de capelas, as lendas do sobrenatural com estórias do diabo, mas também lendas etiológicas e uma lenda histórica da espada do Rei D. Sebastião, com várias versões. Quanto aos romances tradicionais, predominam os de assuntos vários, seguindo-se os romances novelescos e, com menos incidência, apenas um romance de contexto histórico peninsular, «A morte do príncipe D. Afonso de Portugal», e um romance religioso, «História do lavrador».

Posto isto, o acervo de AVF não só apresenta muitos contos, lendas, romances tradicionais e quadras populares, recolhidos em diferentes localidades da ilha da Madeira e no Porto Santo, como também muitas versões diferentes com variantes discursivas e narrativas e mesmo com variação no título que denomina as diversas composições em prosa e em verso, revelando a importância que AVF dava à recolha de várias versões, chegando a publicar diferentes versões de composições em verso, assim como a juntar num mesmo texto várias versões de um mesmo conto ou lenda. Relativamente aos romances tradicionais recolhidos, nunca os terá publicado, tendo acontecido o mesmo com as adivinhas, as expressões populares e os provérbios. Devido à grande quantidade e extensão de manuscritos transcritos, não tivemos a oportunidade de fazer um estudo linguístico e sociocultural mais aprofundado, nem pudemos dar atenção, como gostaríamos, às expressões populares, às formas da linguagem popular e aos provérbios.

Alguns dos documentos do acervo de AVF ficaram por transcrever, devido à limitação de tempo do estágio e de espaço na redação deste relatório. Também não nos foi possível comparar as recolhas orais e tradicionais do espólio de AVF e por ele publicadas com textos semelhantes de recolhas populares publicadas por outros autores madeirenses, por exemplo: Pio, Lacerda, o Visconde do Porto da Cruz, Ernesto Gonçalves, etc. Este era um dos nossos objetivos de trabalho que, infelizmente, não pudemos cumprir. Sentimos que ter conhecimento de tudo o que já foi publicado na Madeira e no país sobre quadras populares, contos e lendas, romances tradicionais, adivinhas, ditos ou expressões populares e provérbios é quase impossível, devido à quantidade de informação dispersa existente e que falta tratar e sistematizar, não cabendo no âmbito do nosso trabalho de estágio.

Concluindo, este estudo apresenta um vasto conjunto de textos de origem popular, oral e tradicional, com grande valor e interesse linguístico-literário e sociocultural, logo

um importante património linguístico-etnográfico madeirense. Posto isto, com este trabalho, esperamos poder ter contribuído para a preservação e investigação futura da prosa e da poesia popular de tradição oral, através da sistematização dos materiais do acervo de AVF que aqui transcrevemos, deixando indicações sobre os que ainda ficaram por transcrever e estudar do vasto património linguístico madeirense.

Acreditamos que este nosso trabalho de transcrição dos manuscritos originais das recolhas populares do acervo de AVF, muitos dos quais nunca foram publicados, a sua sistematização e estudo poderá ser útil a quem atualmente se dedica a estas recolhas etnográficas do cancionero e do romanceiro da Madeira e do Porto Santo, como é o caso da Associação Musical e Cultural Xarabanda. Pois, a divulgação e a disponibilização destes materiais, que possibilitam o confronto destas recolhas orais e tradicionais mais antigas, promovidas por AVF, com as atuais, permitem perceber o que se perdeu e o que resta deste património linguístico-etnográfico e sociocultural que tende a desaparecer e que importa salvaguardar, enquanto herança identitária comum, não só madeirense, mas também portuguesa, peninsular e europeia.

Assim, fica aqui a sugestão para que futuras investigações possam aprofundar o estudo destas composições orais e tradicionais ou populares, em prosa e em verso, de forma a conseguir caracterizar as suas especificidades regionais madeirenses: temáticas, narrativas, linguístico-discursivas, etnográficas e socioculturais.

## Bibliografia

- Aguiar, Fernando de (1951), *Cousas da Madeira*, 1º vol., Lisboa: Mar-Largo, 2ª ed.  
*A Madeira e o seu Folclore*, Funchal: Delegação de Turismo da Madeira, 1965.
- Azevedo, A. Rodrigues de (1880), *Romanceiro do Archipelago da Madeira*, Funchal: Voz do Povo.
- Boléo, M. de Paiva (1942), “O interêsse científico da linguagem popular”, *Revista de Portugal. Série A, Língua Portuguesa*, vol. I, nº 3, pp. 129-140.
- Caldeira, A. M. (1993 [1961]), *Falares da ilha. Dicionário da linguagem popular madeirense*, 2ª ed., Funchal: Eco do Funchal.
- Cardigos, I. D. e Correia, P. J. (2015), *Catálogo dos Contos Tradicionais Portugueses (com as versões análogas dos países lusófonos)*, 2 vols., Centro de Estudos Ataíde Oliveira (CEAO) da Universidade do Algarve, Porto: Edições Afrontamento.
- Cardoso, Altino Moreira (2006), *Grande Cancioneiro do Alto Douro. 600 Músicas e Letras*, Mem Martins: Clio-Artes Gráficas.
- Cidraes, M. Lourdes (2014), *As Lendas Portuguesas. Temas. Motivos. Categorias*, Lisboa: Apenas Livros.
- Coutinho, Artur (1982 [1980]), *Cancioneiro da Serra d’Arga. Literatura, Folclore, História, Toponímia, Etnografia, Humorismo, numa Recolha de Quadras Populares*, 2ª ed., Viana do Castelo: Edição do Autor.
- Faria, Rui Miguel Ventura do Couto Tavares de (2009), *O Conto Popular Português*, Dissertação de Doutoramento em Literatura Portuguesa apresentada à Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Fernandes, Margarida (coord.) (1996-1997), *Lendas e Histórias da Madeira*, alunos do 4º ano de escolaridade, Funchal: Escola dos Ilhéus.
- Ferré, Pere (1982), *Romances Tradicionais. Subsídios para o folclore da Região Autónoma da Madeira* (com a colaboração de Vanda Anastácio, José Joaquim Dias Marques e Ana Maria Martins), Funchal: Câmara Municipal do Funchal.
- Ferré, Pere (1983a), “O Romanceiro Tradicional: uma coleção de romances da ilha da Madeira”, *Vértice* nº 454, maio/junho, pp. 3-28.
- Ferré, Pere (1983b), “Os romances da «Infantina», «Cavaleiro enganado» e «A irmã cativa» à luz da tradição madeirense”, *Boletim de Filologia*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica / CLUL, pp. 143-178.
- Ferré, Pere (1991), *A Memória do Romanceiro*, Lisboa: Editora Sá da Costa.
- Ferré, Pere (2000-2004a), *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna. Versões Publicadas entre 1828 e 1960*, vols. I-IV, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ferré, Pere (2000-2004b), *O Romanceiro em Portugal (1960-2007)*, Madrid: Fundación Ramón Menéndez Pidal, Instituto de Estudios de Literatura Tradicional, pp. 72-93.
- Ferré, Pere e Boto, Sandra (2008), *Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira*, Funchal: Funchal 500 Anos.

Ferreira, Jo-Anne S. e Nunes, Naidea Nunes (2017), “Old Love Songs: Antigas Canções de Namorados (1921-1992), de Mónica Reis Pestana (1902-1996)”, *Isleña* 60, Jan.-Jun., pp. 97-124.

Frazão, Fernanda (1988), “O Senhor Jesus de Ponta Delgada”, *Lendas Portuguesas*, vol. VI, Lisboa: Edição Multilar, pp. 107-109.

Freitas, A. Vieira de (1947), *Mãos suplicantes*, Funchal: Câmara Municipal do Funchal.

Freitas, A. Vieira de (1948), *Céu de Estrelas (Sonetos)*, Funchal: Imprimatur.

Freitas, A. Vieira de (1955 e 1958a), “Era uma vez... Contos, lendas e outras tradições madeirenses”, *Das Artes e da História da Madeira*, n.º 21, pp. 31-32; n.º 28, pp. 32-38.

Freitas, A. Vieira de (1958b), *O Problema do Sofrimento na Vida Humana (Conferência proferida no Ateneu Comercial do Funchal)*, Funchal: DRAC.

Freitas, A. Vieira de (1964a), *Era uma Vez... na Madeira. Lendas, Contos e Tradições da nossa Terra*, Funchal: Edição do Autor.

Freitas, A. Vieira de (1964b), *Amadis de Gaula - Gaula de Amadis. Ensaio acerca da influência das novelas de cavalaria na Madeira*, Funchal: Edição do Autor.

Freitas, A. Vieira de (1984), *Era uma Vez... na Madeira. Lendas, Contos e Tradições da nossa Terra*, Funchal: DRAC/Secretaria Regional de Turismo e Cultura, 2ª edição.

Freitas, A. Vieira de (1988a), *O Humor no Folclore Madeirense (versos do povo e para o povo). Recolha do Padre Alfredo Vieira de Freitas*, Funchal: Editorial Eco do Funchal.

Freitas, A. Vieira de (1988b), *O Amor no Folclore Madeirense (versos do povo e para o povo). Recolha do Padre Alfredo Vieira de Freitas*, Funchal: Junta de Freguesia de Gaula.

Freitas, A. Vieira de (1988c), *Linha de Rumo (Pequenos artigos em prosa)*, Câmara Municipal de Santa Cruz, Funchal: Editorial Eco do Funchal.

Freitas, A. Vieira de (1988d), *Continhos Populares Madeirenses. Folclore Insular*, Governo Regional da Madeira: Secretaria Regional de Educação.

Freitas, A. Vieira de (1996), *Continhos Populares Madeirenses. Folclore Insular*, Governo Regional da Madeira: Secretaria Regional de Educação, 2ª edição.

Guerreiro, Manuel Viegas (1993), *Para a História da Literatura Popular Portuguesa*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação.

*Memórias com História*, 2012, Direção Regional de Educação, Secretaria Regional de Educação e Recursos Humanos, Governo da Região Autónoma da Madeira.

Mendonça, Duarte (ed.) (2009), *Impressões duma viagem à América. Pe. Alfredo Vieira de Freitas*, Câmara Municipal de Santa Cruz: Grafimadeira.

Moutinho, J. Viale (2011a), *Contos Populares das Ilhas da Madeira e do Porto Santo*, Funchal: Nova Delphi.

Moutinho, J. Viale (2011b), *Lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo*, Funchal: Nova Delphi.

Nogueira, Carlos (2012), “A recolha e a classificação de um cancionário português”, *ETNICEX*, n.º. 4, APEA - Asociación Profesional Extremeña de Antropología, pp. 103-121.

- Nogueira, Carlos e Silva-Semik, Véronique Le Dü da (2016), “Poesia oral tradicional e funcionalidade”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, volume 56, pp. 24-42.
- Nunes, Naidea Nunes (2016), “Um conto popular e dois romances tradicionais nas memórias de uma contadora de estórias da Ponta Delgada, ilha da Madeira”, *Pensardiverso n.º 5 Memórias*, Revista de Estudos Lusófonos da Universidade da Madeira, pp. 88-133.
- Nunes, Naidea Nunes (2019), “A identidade sociocultural e linguística madeirense através da memória da «Festa» e dos arraiais madeirenses no contexto das mobilidades e do turismo”, In Chaves, Duarte Nuno (coord.), *Memória e Identidade Insular. Religiosidade, Festividades e Turismo nos Arquipélagos da Madeira e Açores*, Velas/S. Jorge: CHAM-Centro de Humanidades/Santa Casa da Misericórdia das Velas, pp. 337-356.
- O Fio da Memória. Recolhas da Música Tradicional da Madeira e Porto Santo*, Funchal, Xarabanda, 2014.
- Pereira, E. C. N. (1989), *Ilhas de Zargo*, II vol., 4ª ed., Funchal: Câmara Municipal do Funchal.
- Pestana, E. Antonino (1965), *Ilha da Madeira I Folclore Madeirense*, Funchal: Câmara Municipal do Funchal.
- Pinto-Correia, J. David (1993), “Os géneros da literatura oral tradicional: contributo para a sua classificação”, *RILP – Revista Internacional de Língua Portuguesa* n.º 9, pp. 63-69.
- Pinto-correia, J. David (2003), *Romanceiro oral da tradição portuguesa (apresentação crítica, antologia e sugestões para análise literária)*, Lisboa: Edr.
- Rebelo, M. H. Dias (2014), “Património linguístico madeirense. Alguns aspectos lexicais, fonéticos, morfológicos e sintácticos”, in Ángel Marcos de Dios (ed.), *La Lengua Portuguesa, vol. II. Estudios lingüísticos*, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 627-647.
- Recolhas Xarabanda I. Romances Tradicionais e Cantigas Narrativas*, Funchal: Associação Musical e Cultural Xarabanda, 1995.
- Silva, F. Augusto da (1950), *Vocabulário popular da Madeira. Alguns subsídios para o seu estudo*, Funchal: Junta Geral do Funchal.
- Soares, Urbano Canuto (1914), “Subsídios para o cancionero do arquipélago da Madeira. Tradições populares e vocábulos do arquipélago da Madeira”, *Revista Lusitana* (dirigida por J. Leite de Vasconcelos), vol. XVII, Lisboa, pp. 135-158.
- Torres, Jorge (2004), “Como se faz uma recolha de romances tradicionais?”, *Xarabanda Revista* n.º 15, pp. 10-16.
- Tradição Oral de Santana* (Prefácio de João David Pinto-Correia; organização, classificação e paginação de Cláudia Sofia Silva; recolha e transcrição de Paulo Duarte Mendonça e Idalina Góis), Santana: Junta de Freguesia de Santana, 2009.
- Vasconcelos, J. Leite de (1960), *Romanceiro Português*, 2 vols., Coimbra: Universidade de Coimbra.

Vasconcelos, J. Leite de (1964), *Contos Populares e Lendas*, volume I (Coordenação de Alda da Silva Soromenho e Paulo Caratão Soromenho), Coimbra: Actas Universitatis Conimbrigensis.

Vasconcelos, J. Leite de (1966), *Contos Populares e Lendas*, volume II (Coordenação de Alda da Silva Soromenho e Paulo Caratão Soromenho), Coimbra: Actas Universitatis Conimbrigensis.

Vasconcelos, J. Leite de (1975), *Cancioneiro Popular Português* (Coordenação de Maria Arminda Zaluar Nunes), Vol. I., Coimbra: Por Ordem da Universidade.

Vasconcelos, J. Leite de (1979), *Cancioneiro Popular Português* (Coordenação de Maria Arminda Zaluar Nunes), Vol. II., Coimbra: Por Ordem da Universidade.

Vasconcelos, J. Leite de (1980 [1933]), *Etnografia Portuguesa*, vol. I, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Vasconcelos, J. Leite de (1986), *Tradições Populares de Portugal* (Organização e apresentação de M. Viegas Guerreiro), 2ª ed. Revista e aumentada com novos materiais do autor, Temas Portugueses, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Vasconcelos, J. L. de (1994), *Etnografia*, Vol. I. Reimpressão fac-similada da edição de 1980, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

### **Webgrafia**

“ABM recebeu acervo do Padre Alfredo Vieira de Freitas”, *ABM – Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira*. Disponível em <https://abm.madeira.gov.pt/pt/pe-alfredo-vieira-de-freitas/> (consultado a 25 de agosto de 2019).

“Alfobre”, “Aljofre”, “aljofarar”, “aljofrar” e “Aranzel”, *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/aranzel> (consultado a 13 de agosto de 2019).

"Arenga", *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/arenga> (consultado a 13 de agosto 2019).

*Arquivo Digital da Literatura Oral Tradicional* (ADLOT). Disponível em <http://www.adlot.fl.ul.pt/community/#front> (consultado a 30 de agosto de 2019).

“Arquivo do Conto Tradicional Português”, *Centro de Estudos Ataíde Oliveira (CEAO)*, Universidade do Algarve. Disponível em <http://www.ceao.info/arquivo-de-contos-tradicionais-portugueses/> (consultado a 30 de agosto de 2019).

“Arquivo Português de Lendas”, *Centro de Estudos Ataíde Oliveira (CEAO)*, Universidade do Algarve. Disponível em <http://www.lendarium.org/> (consultado a 30 de agosto de 2019).

João David Pinto-Correia, “Património Imaterial Português: Notícia das NR/LOT-CTPP (Recolhas de Literatura Oral Tradicional) de 2002 a 2007”, *Literatura Culta e Popular em Portugal e no Brasil – Homenagem a Arnaldo Saraiva, III – Literaturas orais e Marginais*, pp.225-245. Disponível em <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12523.pdf> (consultado a 22 de agosto de 2019).

Jorge Torres e Rui Camacho, 2018, “Música Tradicional”, Aprender Madeira. Disponível em <http://aprendermadeira.net/musica-tradicional/> (consultado a 12 de agosto de 2019).

Lima, Paulo (1997), “Capítulo 4. Artistas da fala a sul do Tejo”, *Artes da Fala: Colóquio de Portel [en ligne]*, Lisboa: Etnográfica Press. Disponível em <http://books.openedition.org/etnograficapress/716> (consultado a 22 de agosto de 2019).

Naidea Nunes, 2016, “Alcunhas”, Aprender Madeira. Disponível em <http://aprendermadeira.net/alcunhas/> (consultado a 23 de agosto de 2019).

“Património imaterial e imaginário simbólico”, *Instituto de Estudos de Literatura e Tradição* (IELT), FCSH - Universidade Nova de Lisboa. Disponível em <https://ielt.fcsh.unl.pt/eixos-de-investigacao/> (consultado a 30 de agosto de 2019).

Paulo Jorge Correia, 2016, “Conto de tradição oral”, Aprender Madeira. Disponível em <http://aprendermadeira.net/conto-de-tradicao-oral/> (consultado a 14 de agosto de 2019).

*Romanceiro.pt - O Arquivo do Romance Português da Tradição Oral Moderna*. Disponível em <https://arquivo.romanceiro.pt/> (consultado a 3 de setembro de 2019).

Thierry Proença, 2016, “Gentílicos e alcunhas coletivas”, Aprender Madeira. Disponível em <http://aprendermadeira.net/genticos-e-alcunhas-coletivas/> (consultado a 23 de agosto de 2019).

## **Apêndices**

O Apêndice I apresenta a lista com a catalogação preliminar feita no ABM (por caixas e em capilhas) dos documentos do acervo de AVF. Nos apêndices seguintes estão as transcrições dos documentos manuscritos originais das recolhas do acervo de AVF: o Apêndice II contém os contos e as lendas populares, o Apêndice III os romances tradicionais, o Apêndice IV as quadras populares e o Apêndice V outras recolhas – adivinhas, expressões populares, formas da linguagem popular, provérbios e alcunhas coletivas ou gentílicos.